

PEDRO SERICO VAZ FILHO

**A História do Rádio Brasileiro na Perspectiva dos Jornais e  
Revistas do Século XX**

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

São Paulo

2009

PEDRO SERICO VAZ FLHO

**A História do Rádio Brasileiro na Perspectiva dos Jornais e  
Revistas do Século XX**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, como requisito à obtenção do título de mestre, sob a orientação do Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO

São Paulo

2009

**Título: A História do Rádio Brasileiro na Perspectiva dos Jornais e Revistas do  
Século XX**

Autor: PEDRO SERICO VAZ FLHO

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/2009

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes

---

Profa. Dra. Liana Gottlieb

---

Prof. Luciano Victor Barros Maluly

---

## DEDICATÓRIAS

À minha mãe Célia Menezes Santos, pelo amor. Sem ela nada seria possível. Igualmente ao meu pai, Pedro Serico Vaz, sempre presente, mesmo estando do outro lado da vida.

À minha irmã Rita de Cássia Serico Vaz, intelectual, incentivadora de quem herdei muitos livros e interesse pela cultura. Apesar da ausência há quatro anos, senti sua presença em todos os momentos deste trabalho.

Às tias Lilia e Néa, segundas mães.

À minha irmã Ceumar e ao meu irmão Paulo pelo companheirismo e colaboração. Também para Luzia, Lúcia, Anália, Tânia e Sandra.

Aos sobrinhos Thiago, Carolina, Arthur e Pedrinho.

Aos amigos

Francisco José da Silva Souza, Maria de Oliveira, Marília do Nascimento Miele, Selma Aparecida Viana, Valdecir Pereira Uveda e Valéria Cintra.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes, por toda a compreensão, dedicação, incentivo e amizade.

À Fundação Cásper Líbero, por todas as oportunidades.

Também a todos que contribuíram para a realização deste trabalho:

Akio Uemura, André Lins Ferezini, Ângelo Mantovani, Antonio Adami, Antonio Francisco Paixão de Souza, Beto Rivera, Bernardo Isler, Carmem Lúcia Roquette-Pinto, Dalmácio Jordão, Daniel de Souza Brito, Dimas A. Kunsch, Emilinha Borba, Enaide Araújo, Enéas Machado de Assis, Erasmo Freitas Nuzzi, Gabriel Cunha Fabbri, Gerdal dos Santos, Gisela Ortriwano, Gislene Souza Tedesco, Gontijo Theodoro, Heródoto Barbeiro, Jairo Pissolato, Laan Mendes de Barros, Laurindo Leal Filho, Leonilda Vilaroel, Liana Gottlieb, Luciano Maluly, Luiz Fernando Santoro, Luiz Carlos Saroldi, Magaly Parreira do Prado, Maria Cândida Ribas, Maria da Conceição Parahyba Campos, Maria Filomena Salemme, Marinalva Maria da Glória Bernardes, Maristela Rangel, Marlene (cantora), Maximino Antonio Boshi, Murilo Antunes Alves, Nair Ferreira Feld, Nicolau Tuma, Renata Fronzi, Reynaldo Tavares, Sidney Ferreira Leite, Sonia Breitenwieser Alves dos Santos Castino, Sonia Virgínia Moreira, Tereza Cristina Vitali, Vera Lúcia Fiordoliva Gertel, Vida Alves e Wesley de Souza Santos.

VAZ FILHO, Pedro Serico. **A História do Rádio Brasileiro na Perspectiva dos Jornais e Revistas do Século XX**. (Dissertação de Mestrado) São Paulo: Faculdade Cásper Libero, 2009.

## RESUMO

Esta dissertação, intitulada “A História do Rádio Brasileiro na Perspectiva dos Jornais e Revistas do Século XX”, resgata parte da trajetória do rádio no Brasil, através de pesquisa realizada nos meios impressos, numa abordagem documental. Em quatro capítulos são apresentados fatos da vida radiofônica brasileira, seguidos de comprovações do que se publicou em papel, dos anos vinte, época do surgimento do rádio no país, aos anos noventa. Nos primeiros tempos de Brasil, a radiodifusão já recebia registros de jornais e revistas. Porém, é a partir dos anos trinta que o rádio brasileiro se desenvolve, fato que conseqüentemente gera o aumento do número de inserções a respeito do tema em edições diárias e semanais. O presente trabalho revela os recursos que editores utilizavam para retratar radialistas, artistas, bastidores, colunas, artigos etc. A publicidade impressa, em torno dos aparelhos de rádio e das programações, também recebe atenção nesta dissertação e mostra a evolução do veículo em termos tecnológicos. Com a chegada da televisão nos anos 50, gradualmente o rádio vai perdendo espaço nos meios impressos e chega à década de 90 com raras inserções em papel. O que se nota é que mesmo sem a significativa documentação, se adapta às novas tecnologias, contribuindo assim com os demais meios, que dele fazem escuta, sobrevivendo em vantagem pela linguagem imediata que possui.

Palavras-chave: Rádio. Jornais. Revistas. História. Comunicação. Cultura.

VAZ FILHO, Pedro Serico. The History of Radio in the perspective of Brazilian newspapers and magazines of the twentieth century. (Dissertation for Master) São Paulo: Faculdade Cásper Libero, 2009.

## **ABSTRACT**

This dissertation, entitled "The History of Radio in the Perspective of Brazilian newspapers and magazines of the twentieth century", recovers part of the trajectory of the radio in Brazil, through research in print media, documentary approach. In four chapters are given the facts of life Brazilian radio, followed by proofs of what is published on paper in the twenties, when the rise of radio in the country, the nineties. In the early days of Brazil, the broadcaster has received records on pages of newspapers and magazines. However, it is from the thirties to the Brazilian radio is developed, a fact that consequently generates an increase in the number of insertions on the subject in daily and weekly editions. This work reveals the features that editors used to portray broadcasters, artists, scenes, columns, articles etc.. The print advertising, around the radio and schedules, also receives attention in this thesis and shows, in parallel, the evolution of the vehicle in terms of technology. With the arrival of television in the '50s, the radio was gradually losing ground in the print media and reaches the 90's with rare inserts in the paper. What we notice is that even without the significant documentation before the radio adapts to new technologies, thus contributing to the other means forming listening. In this way, surviving on instant advantage in the language you have.

Key word: Radio. Newspapers. Magazines. History. Communication. Culture.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO \_\_\_\_\_ 10.

### CAPÍTULO I – Os primeiros registros impressos do rádio no Brasil

1.1 – O difícil resgate da história impressa em jornais sobre o meio rádio \_\_\_\_\_ 13.

1.2 – Anos 30, num país de analfabetos, um império impresso vinculado ao rádio \_\_\_\_\_ 17.

1.3 – Registros impressos sobre rádio na época da Revolução de 1932 \_\_\_\_\_ 31.

Conclusão do capítulo I \_\_\_\_\_ 47.

### CAPÍTULO II – Registros impressos das rádios *Mayrink Veiga* e *Nacional*, nas revistas *PRANOVE* e *Carioca* e outras referências documentais de segmentos radiofônicos

2.1 – Bastidores do rádio nas páginas da revista *Carioca* \_\_\_\_\_ 48.

2.2 – A cobertura impressa da inauguração da rádio *Nacional*, no Rio de Janeiro \_\_\_\_\_ 57.

2.3 – Bastidores da rádio *Mayrink Veiga* nas páginas da revista *PRANOVE* \_\_\_\_\_ 68.

Conclusão do capítulo II \_\_\_\_\_ 79.

### CAPÍTULO III – Reproduções dos registros impressos do rádio em revistas

3.1 – O rádio brasileiro no <i>Almanaque do Rádio de 1951</i> , com histórias e curiosidades	80.
3.2 – O rádio em forma de imagem nas revistas <i>O Malho</i> e <i>O Cruzeiro</i> nas décadas de 30 e 40	87.
3.3 – A publicidade sobre rádios nas décadas de 30 e 40 e outras curiosidades do gênero em revistas	113.
Conclusão do capítulo III	129.

### CAPÍTULO IV – A crescente exclusividade do rádio nos meios impressos e a decadência desses registros diante do desenvolvimento da televisão

4.1 – A <i>Revista do Rádio</i>	131.
4.2 – Na revista, as rainhas do rádio	137.
4.3 – A evolução da televisão e a diminuição dos registros impressos sobre rádio	147.
Conclusão do capítulo IV	165.
CONCLUSÃO	167.
REFERÊNCIAS	171.

## INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, denominada “A História do Rádio Brasileiro na Perspectiva dos Jornais e Revistas do Século XX”, são apresentados resgates da história do rádio no Brasil por registros impressos. As mudanças, ocorridas nas emissoras do país, e a extinção de algumas delas apagaram arquivos auditivos que consagraram o meio radiofônico. Nesse caso, um número raro dessas empresas possui acervo sonoro e documentos de gêneros radiofônicos desenvolvidos numa trajetória iniciada nos anos 20. Dessa forma, um dos recursos mais eficientes para se conhecer os diversos períodos da nossa radiofonia é a busca pelo registro impresso em jornais e revistas. Destaca-se, nesse sentido, o valor do trabalho das bibliotecas que, além de livros, valorizam a idéia do arquivo dos meios impressos, assim como os museus, que guardam objetos antigos e acervos em papel de circulação pública. Antiquários e colecionadores também participam deste processo de auxílio do levantamento histórico.

Particularmente na questão do rádio brasileiro, a palavra investigação insere-se nesse contexto. A formação de uma linha completa da passagem do rádio pelo século XX, foco desse trabalho, requereu paciente atenção e disposição em organizar fragmentos espalhados em acervos, como os existentes nas estantes dos sistemas organizadores acima mencionados.

Os sentimentos de ansiedade e decepção perpassaram os diversos momentos do desenvolvimento desta dissertação. Inicialmente, em situações positivas, diante da aquisição de uma publicação rara, como a revista *Carioca*, de setembro de 1936, adquirida numa banca de antiguidades na Feira do “Bixiga”, no bairro da Bela Vista, em São Paulo. A edição registrou a inauguração da mais famosa emissora de rádio do Brasil, a *Nacional*, no Rio de Janeiro. Já o desencantamento ocorreu em alguns momentos quando, em posse de um determinado jornal ou revista, faltava-lhe uma página ou parte do artigo desejado e a

impossibilidade de resgatar registros mais remotos, como o da década de 20, quando o rádio vivia a fase inicial no país.

Contudo, a publicação intitulada *Almanaque do Rádio de 1951* supriu esta necessidade. Nessa edição, lançada há 48 anos, constavam nas primeiras páginas referências sobre uma revista com um sugestivo nome: *Radio*. Segundo o almanaque, essa revista circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1923 e 1924, com diversas informações sobre a fundação de emissoras de rádio, nas regiões nordeste e sul do Brasil.

O contato com a grafia antiga da Língua Portuguesa está entre os pontos de curiosidade desse trabalho que observa a palavra ontem, escrita com a letra “h”, no início (hontem). Aqui, foi constante o olhar para o passado e no momento presente, em que este trabalho se expõe, a norma culta da nossa gramática passa por novas modificações.

Mudanças relevantes também sobre comportamentos e estruturas do universo radiofônico foram registradas, no início com as referências em jornais, sobretudo dos anos 30, quando o rádio tem visível desenvolvimento e intensos registros na mídia impressa. A passagem pelo ano de 1932 é destacada pelo fato do desencadeamento da Revolução Constitucionalista e a atuação dos locutores César Ladeira e Nicolau Tuma, na rádio *Record*, atentos a todos os instantes do conflito, em noticiários noturnos.

Outras passagens vão revelar a aproximação do governo ao rádio e o aproveitamento deste, como meio difusor do sistema, com a criação, em 1934, do programa *A Voz do Brasil*. Os bastidores da redação desta produção constam em reportagem da revista *O Cruzeiro* que, nesta fase, era declaradamente favorável ao sistema do governo Getúlio Vargas. Este, mais tarde, recebeu homenagem póstuma numa edição de setembro de 1954, da *Revista do Rádio*, que publica o título: “Grande Amigo dos Radialistas”.

Em outras revistas como a *PRANOVE*, meio impresso oficial da rádio *Mayrink Veiga* e a *Carioca*, vinculada à rádio *Nacional*, o presidente Vargas, assim como o diretor do então

Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, Lourival Fontes, homem de confiança do estadista, aparecem em artigos elogiosos. O mesmo não se registra na revista *O Malho* e no jornal *A Gazeta*. Estes dois meios trazem preciosas inserções da nossa radiodifusão e explicitamente revelam-se contrários à política governamental, sobretudo no período Vargas. A revista *O Malho*, num tom de escárnio. Já o jornal *A Gazeta*, contundente, nas afirmações em desacordo com o governo.

Além dos fatores políticos envolvidos com as produções radiofônicas, as seções de variedades das edições aqui estudadas ocupam a maioria das páginas da pesquisa e notoriamente pela força criativa e artística popular de nomes consagrados, como das cantoras Carmem Miranda, Emilinha Borba e Marlene. Esta ambientação encontra também apoio do Estado às produções artísticas que movimentavam consideravelmente a população em detrimento dos assuntos relacionados à crítica ao sistema censor e ditatorial da chamada época de ouro do rádio.

É com essa abordagem que a televisão encontra e aproveita as produções radiofônicas para o preenchimento das grades de programações. A instalação da TV, e, conseqüente desenvolvimento marcam a queda das publicações sobre rádio. O último capítulo desta pesquisa informa por meio de jornais e revistas a mudança gradual da vida radiofônica adaptando-se aos menores espaços, sem musicais com orquestras e sem a radiodramaturgia. O encontro de registros impressos radiofônicos nos anos 80 e 90 são restritos, entretanto o pequeno número de publicações não significa o anúncio da morte do rádio. O rádio informa e continua oferecendo conteúdos via escuta, para jornais, revistas, sites e para a televisão, que dele se proveu e por ele continuará sendo provida.

## **CAPÍTULO I:**

### **Os primeiros registros impressos do rádio no Brasil**

#### 1.1 - O difícil resgate da história impressa em jornais sobre o meio rádio

Resgatar a história do rádio brasileiro, através de acervos impressos, como jornais e revistas, é por paradoxo, mais produtivo e relevante, quando a pesquisa ocorre em antigas edições, do que nos levantamentos de publicações atuais. A presença impressa da cobertura da radiodifusão brasileira aparece desde os anos 20, com o surgimento do rádio e segue com intensidade até os anos 60. Nesse período, páginas impressas apresentam espaços exclusivos ao meio rádio. Já nos anos 70 e 80, as pautas e roteiros radiofônicos sobrevivem em espaços reduzidos, em páginas e colunas, divididas em linhas com desvantagem sobre as expressões próximas, como as televisivas, cinematográficas e teatrais. Nos anos 90, poucos editores registram o meio rádio. Assim, a busca por matérias referentes ao tema, na mencionada década, torna-se mais trabalhosa e menos bem sucedida.

Importantes recortes históricos radiofônicos estão presentes em sebos e em feiras de antiguidades. Em São Paulo, destacam-se as bancas de revistas, como a existente no bairro da Bela Vista, chamada “Feira do Bixiga”, ou no bairro de Pinheiros, conhecida como Praça Benedito Calixto.

Os jornais impressos já não são tão presentes nesses mercados históricos, provavelmente pelo fator da conservação e tipo de papel. Em empresas jornalísticas, que mantêm os arquivos de antigas edições, as consultas sobre a cobertura da história do rádio são mais produtivas nos períodos anteriores ao século XXI, como por exemplo, nos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo e Gazeta*. Os segmentos mais populares, como o antigo *Diário Popular*, atualmente *Diário de S. Paulo* e o jornal *Agora*, do grupo *Folha*,

mantiveram colunas diárias sobre o tema, além do ano 2000. O *Diário de S. Paulo*, até o ano 2003 e o *Agora*, até 2005. O extinto jornal *Notícias Populares* publicou, durante a década de oitenta, uma coluna diária intitulada *As Radiais*.

Os acervos de bibliotecas também abrigam preciosidades, como as organizadas na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, de São Paulo. Porém, os aspectos estruturais e econômicos, sofridos pelas emissoras de rádio do Brasil, não aparecem tão acessíveis e disponíveis em hemerotecas, ou em outro tipo de agrupamento do tema.

Em feiras de antiguidades ou em bibliotecas, a busca do resgate da trajetória do rádio, é intensa e paciente. Nesse aspecto, uma reflexão cultural, da preservação da memória radiofônica brasileira, pode ser realizada a partir do livro *O que é Biblioteca*, de Luis Milanesi:

É possível fazer documentação sem biblioteca (acervo). Um serviço de documentação é capaz de informar um pesquisador sobre o que existe na área pesquisada: livros, artigos, filmes, manuscritos, enfim, quaisquer documentos. E também nomes e endereços de especialistas e entidades. Nessa busca, destacam-se fundamentalmente as bibliografias, ou seja, levantamentos das informações aptos a serem consultados na medida das necessidades. Em suma, um centro de documentação em qualquer área do humano daria a oportunidade de informar o que existe sobre um assunto em suas mais diversas facetas, mesmo que não seja possível ter acesso aos documentos (MILANESI, 1985:81).

Desenvolvimento científico e tecnológico pressupõe a infra-estrutura documentária presente, ainda que a existência dela não signifique, necessariamente, a resolução de problemas de uma região ou de um país. A documentação não é ponte exclusiva que permite fluir a informação científica e a concretização dele em efetivo desenvolvimento. Informação é uma forma de poder e, como tal, é transacionável. Os países mais desenvolvidos tecnologicamente investiram recursos para fazer descobertas, dominar as técnicas e, com isso, obter lucros. Essas conquistas não são transferidas gratuitamente para outros países. Afinal, os canais da documentação transportam os dados que não significam lucros para os concorrentes face ao estado constante de conflitos econômicos (MILANESI, 1985: 83).

A partir do pensamento de Milanesi, e da prática como pesquisador da área, pode-se concluir que é um trabalho difícil e intenso, a catalogação da vida radiofônica do Brasil. A situação apresenta-se em forma de amostragem, saída das páginas dos jornais e de revistas, sobretudo das publicações dos anos 30. Nesse período, o rádio desenvolve-se no Brasil através de produções artísticas e jornalísticas, assim como os aparelhos receptores. Surgem também novas e importantes emissoras pelo país e a mídia impressa passa a destacar o

veículo de comunicação nas pautas de diversas seções, incluindo edições exclusivas ao novo meio de comunicação.

Após os anos 30, com a fixação do rádio, tendo direito à veiculação de propagandas, empresários da imprensa escrita, temem uma possível concorrência. O movimento que começou em outubro de 1930 indo até o final da Revolução Constitucionalista de 1932, “foi particularmente difícil para os jornais que vinham de períodos anteriores, pois foi montado um esquema especial de censura ao rádio. No período, surgiram folhas que procuravam criar ambiente favorável ao governo”. (IPANEMA, 1967: 282).

Com a evolução do jornal e do rádio, o pensamento de competição modifica-se e ambos passam a conviver em intensa parceria. A mentalidade temerosa, anterior à aproximação entre os dois veículos de comunicação, é explicada, em entrevista, pelo professor, escritor e pesquisador da história do rádio, Luís Carlos Saroldi:

Quando o rádio começou principalmente nos Estados Unidos e na Europa, esses empresários achavam que o meio, sendo tão instantâneo, dava a notícia antes do jornal sair. Eles acreditavam que o noticiário radiofônico poderia prejudicar os negócios deles e com o passar do tempo, começaram a bloqueá-lo, mas depois passaram a entender que o rádio tinha vindo para ficar e que eles não poderiam mais virar as costas para esse veículo de comunicação e que o interesse popular por ele era tanto que começou a ocupar as páginas dos jornais e revistas. Assim, empresários da imprensa escrita passaram a pensar que poderiam ter suas próprias emissoras. Criaram-se assim redes de jornal e de rádio. (Entrevista ao autor).

Na edição de 02 de setembro de 1932, o jornal *A Gazeta* publica, na página 3, uma nota contendo as escutas realizadas por um ouvinte de Porto Alegre, da rádio *PRAG*, daquela cidade. No texto, recados de moradores da cidade de São Paulo, aos parentes da região Sul do País. Eles pedem que enviem notícias através da programação da rádio Educadora Paulista.

# RÁDIOS DA P R A G DE PORTO ALEGRE

## captados hontem por um amador desta Capital

— Curitiba. Sinhá Barbosa. Alameda Casa Branca, 17-A. Mande notícias todos bons. Notícias às 23 horas pela Radio Educadora Paulista.

— Curitiba. José Corrêa. Rua Voluntarios da Patria, 601. Todos bons. Mande notícias pela Radio Educadora Paulista, às 23 horas.

— Rua João Briccola, 10, 3.º andar, de Tres Barras, Santa Catharina. Aqui todos bons. Mande notícias pela Radio Educadora Paulista, às 23 horas.

— Santa Catharina. Luiz Campos. Rua Vicente Prado, 11. Pedro Castro pede notícias pela Radio Educadora Paulista, às 23 horas.

Inserção do jornal *A Gazeta*, de 02 de setembro de 1932 (reprodução ampliada)

1.2 – Anos 30, num país de analfabetos, um império impresso vinculado ao rádio

Nos anos 30, o início das redes de rádio e jornais impressos tem a significativa atuação do empresário Assis Chateaubriand, que em meio aos difíceis embates políticos e econômicos do Brasil, da primeira metade do século XX, revela-se criando

a numerosa família Associada, constituída de jornais, revistas, livros, rádios, televisões e uma agência noticiosa, a Meridional.” Este homem que tem uma vida inacreditavelmente agitada, fundou em cada unidade da federação pelo menos um jornal e uma rádio e em várias possui TV. Além de fundar, absorveu órgãos da maior importância e tradição do Brasil como Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio e Monitor Campista. Tudo isto, a inteligência e o dinamismo de Chateaubriand, de multiforme atividade – diplomata, político, industrial – criou em menos de 30 anos . (IPANEMA, 1967: 320).

Dos principais jornais brasileiros que firmaram associações com a radiodifusão destacam-se pela dimensão e quantidade de emissoras, os impressos do império construído por Assis Chateaubriand, a partir dos anos 20. "Foram 34 jornais, 38 emissoras de rádio, uma editora de livros e 16 emissoras de televisão." (NETTO, 1998: 87).

As expectativas sobre o rádio, o aparecimento de novas emissoras no Brasil e a efervescência dos jornais, diante daquele período de intensas transformações na sociedade brasileira, geram um ambiente que favorece as discussões em torno das comunicações. O mesmo ocorre em outros países, de onde são importados, além dos equipamentos, modelos de produção para o setor da comunicação.

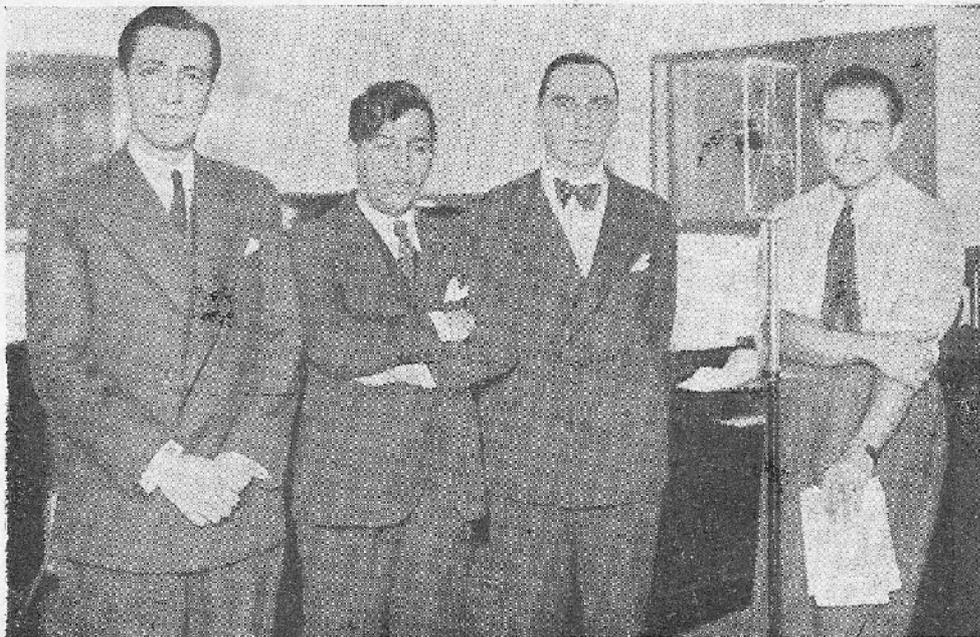
A dinâmica do rádio e todas as características do meio, como a linguagem, formato de produção, e a própria tecnologia empregada na época e os atrativos de modernidade, chamaram a atenção de muitos profissionais da comunicação que, nas décadas de 1920 e 1930, quando o rádio era ainda uma novidade, foram alegadas pretensões exageradas – especialmente na Alemanha, América do Norte e Inglaterra, no que diz respeito a seu poder para influenciar a mente humana. (NUNES, 1996: 11).

No Brasil e no exterior, surgiam previsões geradas em torno do rádio. Pensadores inquietos, diante do aparelho que comunicava, avaliavam o poder do rádio e vislumbravam a infinita trajetória desse meio em comparação aos veículos impressos. Esta relação contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da sociedade brasileira que nos anos 20, antes da popularização do rádio, era formada por aproximadamente 70% de analfabetos.

As publicações mais constantes sobre rádio, tanto das referências de reprodução de escutas, como as notícias sobre a programação e profissionais do meio, se intensificam com a consolidação do veículo, a partir dos anos 30. Na época, um dos maiores dramaturgos contemporâneos, poeta e cronista, alemão, Bertold Brecht já alertava para um rádio “que não se limitasse à transmissão de informações, mas que organizasse a coleta de informações, isto é, que transformasse as informações dadas pelos governantes em respostas às questões dos governados (1970:138)” (NUNES, 2000: 38).

O rádio, presente nos ouvidos de uma população de maioria analfabeta, gerando uma audiência fiel e dando credibilidade ao meio radiofônico, conseqüentemente promove e amplia a criação de espaços nos jornais e nas revistas que se aliam a ele.

Na página, 17, da Revista *PRANOVE*, edição número 15, de 30 agosto de 1939, publicação oficial da rádio *Mayrink Veiga*, uma inserção reconstitui em foto, um encontro ocorrido em 1932, do locutor César Ladeira, na época, contratado da rádio *Record*, com o empresário Assis Chateaubriand. (César Ladeira, à direita, próximo ao microfone. Assis Chateaubriand, de braços cruzados, entre outros dois visitantes da referida emissora.). Na ocasião registrava-se a inauguração do “Jornal Falado”, da *Record*, em parceria com os *Diários Associados*.



Inauguração, em 23 de Fevereiro de 1932, do 1.º Jornal Falado feito no Brasil, pela Radio Record em colaboração com os Diários Associados. Cesar Ladeira ao microphone

Essa viagem de Cesar á America do Norte, seria a apothose esplendida da sua carreira radiophonica, si o radio brasileiro não a visse como um empreendimento grandioso da Radio Mayrink Veiga, confiado á collaboração intelligente do seu famoso "speaker". As irradições brilhantes que Cesar fez, com Carmen Miranda e Bando da Lua, do microphone da N B C,

maior cadeia radiophonica dos Estados Unidos através a PRA-9, foi uma optima propaganda do Brasil.

Quando Cesar Ladeira retorna á Cidade Maravilhosa o povo saudoso, aneia ouvir a voz mais popular do Brasil, Galeria Sonora associando-se ao entusiasmo popular, repete alegremente. AVE CESAR!

**GERSON**  
**CERA**

PARA ASSOÁLHOS

Alta Qualidade. **Lata 6,500**

No Brasil, a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, apontada como a primeira emissora de rádio do país (inaugurada em 20 de abril de 1923, por Edgard Roquette-Pinto, em uma associação com Henrique Morize, ambos da Academia Brasileira de Ciências), é implantada num período de expansão da sociedade de consumo.

Entre os jornais e revistas do período de intensa transformação e movimentos dos anos 20, quando o rádio aparece no Brasil, principalmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, destaca-se o desenvolvimento significativo destes periódicos, sobretudo nos anos 30.

Em 1930, segundo o Departamento Nacional de Estatística, circulavam na cidade (Guanabara – Rio de Janeiro), 524 publicações periódicas, número inferior, apenas a S. Paulo, mas com crescimento percentual superior a este Estado e com total de 16.162 pessoas em atividades assim distribuídas: redação, 3.943; administração, 3.793, revisão, 3.129 e oficinas, 5.367. (IPANEMA, 1967: 265).

Nessa época os jornais fundados no estado de São Paulo registraram a fase inicial do rádio no Brasil: *Folha da Noite*, diário vespertino, de característica nacionalista, foi lançado em 19/02/21, tendo uma segunda fase de reformulação, em 20/01/31. Entre os redatores e editores estão Francisco Pompeu do Amaral, José Tavares de Miranda e Noé Gertel. Em 07/01/25 passa a circular o *Diário da Noite*, com Leo Vaz na direção e Plínio Barreto. Em 1928, Amadeu Amaral assume a chefia da redação. No ano de 1925 surge o jornal *Folha da Manhã*, fundado por Pedro Cunha e Olival Costa, tendo uma segunda fase em 05/01/31. Nesse mesmo ano, Oduvaldo Viana e Quadros Junior, lançam o jornal diário São Paulo. Em 1927, surge o *Diário Nacional*, órgão oficial do Partido Democrático, com o primeiro número em 14/07/27, fundado por J. A. Marrey Junior e Paulo Nogueira Filho, circulando até 3 de outubro de 1932. “Em 1930, foi tentado o empastelamento desse jornal e, em 1932, o coronel João Alberto ocupou militarmente a sede”. (NOBRE, 1950: 231).

O periódico *A Gazeta Esportiva* passa a circular em dezembro de 1928, inicialmente como semanário, com direção de Leopoldo Sant'Anna. *O Diário de S. Paulo* aparece em 05/01/28, dirigido por Rubens do Amaral. “Sua primeira grande campanha política foi a propaganda da candidatura do Sr. Getúlio Vargas, no decorrer da corrida pela sucessão presidencial”. (NOBRE, 1950: 233).

As inserções sobre escutas de rádio eram comuns nos anos 30, nas primeiras páginas dos jornais. *O Diário da Noite*, na edição de domingo, de 10 de julho de 1932, registra na primeira página, uma nota, conforme reprodução abaixo, sobre a *Rádio Educadora Paulista*. Esta, fundada em São Paulo, em 1923.

## **MENSAGEM IRRADIADA ÀS 12 OHRAS PELA ESTAÇÃO P. R. A. E.**

A's 15 horas, no Palacio do Governo, em reunião solene, o dr. Pedro de Toledo renunciará ao cargo de Interventor Federal, sendo em seguida aclamado Governador do Estado de S. Paulo.

O telegrama da renúncia e a proclamação do Governador do Estado serão lidos ao publico pelo dr. Francisco Morato. Estarão presentes a essa solenidade, o general Isidoro, chefe do movimento revolucionario, o cel. Euclides Figueiredo, chefe do Estado Maior revolucionario, o cel. Salgado, comandante da Força Publica, o dr. Francisco Morato, presidente do Partido Democratico, o dr. Padua Sales, presidente do P. R. P., o dr. Carlos Nazareth, presidente da Associação Comercial e outras altas personalidades.

Convida-se o povo, de S. Paulo a comparecer ás 15 horas ao Palacio da cidade, para assistir á aclamação do governador Pedro de Toledo.

O general Klinger, logo após a sua chegada a S. Paulo, falará pelo microfone da Radlo Educadora Paulista, assim como o general Isidoro Dias Lopes.

Nota publicada no jornal *O Diário da Noite*, de domingo, de 10 de julho de 1932 (reprodução ampliada).

O jornal *Diário de S. Paulo*, na edição de domingo, 10 de julho de 1932, menciona, na coluna à esquerda, na capa da edição, a ocupação por civis, das “sociedades de rádio”, ou seja, do grupo de emissoras, sobretudo as paulistanas, que na época constantemente recebiam a visita de censores e opositores. Estes vinham em busca de divulgações de ações do movimento revolucionário.

## **UMA MENSAGEM IRRADIADA PELAS SOCIEDADES DE RADIO**

As Sociedades de radio foram ocupadas por civis ás 23,15 horas, sendo que a começar das 24 horas, foi irradiada por diversas vezes a seguinte mensagem:

“De acôrdo com a frente unica paulista e com a unanime aspiração do povo de São Paulo e por determinação do general Isidoro Dias Lopes, o coronel Euclides Figueiredo acaba de assumir o comando da II Região Militar, tendo como chefe do Estado Maior o coronel Polinercio de Rezende.

A oficialidade da Região assistiu incorporada, no quartel general, á posse do coronel, nada havendo ocorrido de anormal. Reina em toda a cidade intenso jubilo popular e o povo se dirige em massa aos quartéis, pedindo armas para a defesa de São Paulo”.

Nota publicada no jornal *O Diário de S. Paulo*, edição de domingo, 10 de julho de 1932, sobre a ocupação por civis das sociedades de rádio. (reprodução ampliada).

No início dos anos 30, os roteiros de variedades dos jornais impressos traziam, entre outros assuntos, sobre o meio rádio, a lista de programações das emissoras. No período, as retransmissões revelavam que a maioria dos programas dessa fase eram musicais, com obras clássicas, como demonstra na sequência a *Folha da Noite*, de 22 de setembro de 1932, na página 2.

# R A D I O

## Radio Sociedade Record

### PROGRAMMA DE HOJE

Das 16.00 ás 18.00 — Boletim número 2.

Das 19.30 ás 24.00 — A serviço das autoridades e pela causa de São Paulo e do Brasil.

Das 2.00 ás 4.00 (manhã) — Boletim retrospectivo.

## Radio Cruzeiro do Sul

### PROGRAMMA DE HOJE:

Das 18 ás 18.30 — Musica selecta — Sérénade Melancolique — Duo para violino e violoncello.

Das 18.30 ás 18.45 — Hippolito Lazaró — Canções.

Das 18.45 ás 19 horas — Cornelio Pires.

Das 19.15 ás 19.30 — Hotel Terminus.

Das 19.30 ás 19.45 — Grupo verde-amarello.

Das 19.45 ás 20 horas — Noticias de oportunidade.

Das 20 ás 20.30 — Programma dedicado aos soldados que se acham nos pontos de concentração:

1) Waldteufel, Sur la plage, valsa; 2) Love's whirlness, Intermezzo; 3) I'll always be in love with you, valsa; 4) Rimsky, Korsakoff, Hymno ao sol; 5) Albeniz, Granada.

Das 20.30 ás 20.45 — Os Radioletes.

1) St. Louis Blues, piano e clarineta. Gato Jonas; 2) Xylophomania, solo de xylophone, Suttinho; 3) Nazareth, Turula, tango, solo de piano, Gab;

4) Recordações, solo de saxophone, Jonas.

Das 20.45 ás 21 horas — Lehar — Dança das Libellulas — seleção da opereta.

Das 21.15 ás 21.15 — Orchestra Columbia — "Campanha dos 100 mil sabonetes".

Das 21.15 ás 21.30 — Helena Pinto de Carvalho com grupo regional.

Das 21.30 ás 21.45 — Orchestra Popular.

Das 21.45 ás 22 horas — Grupo verde-amarello.

A's 22 horas — Radio Jornal transmissão simultaneamente com PRAS — Radio Clube de Santos.

Das 24 ás 2 horas — Reinicio das irradiações com noticiario geral e boletim dedicado aos jornaes do interior.

## Radio Educadora Paulista

### PROGRAMMA DE HOJE

16.00 ás 17.00 horas e 19.00 ás 19.30 horas — Discos. — 19.30 ás 20.00 horas — Esplanada Hotel.

20.00 horas — Jazz Band: 1 — Briegel 1 — Blue Bonube, fox. 2 — Pa-

ckay — Jamaica, valsa. 3 — Anstir — Easy Money, fox. 4 — Duncan — Sleep Baby sleep, valsa.

20.25 horas — Orchestra: 1 — Martinez — La Hija del Carcelero — Passo-Doble. 2 — Scascia — Que Vadis. 3 — Bianchi — Marche Gale.

20.30 horas — Programma "M. M. D. C." — 1 — L. Sariba pelo Jazz da P. R. A. E. 2 — C. Pires — Baptisado do Sapinho, declamação pela senhorita Yvonne Maria de Almeida. 3 — Maringá — Canto pela senhorita Marita Azevedo ac. violão. 4 — Choro de cavaquinho pelo Garoto. 5 — Meu amô — Canto pela senhorita Yvonne F. de Almeida, ac. violão. 6 — Corrêa Junior — Onde mora a ventura declamação sra. Edith Prado. 7. Olhos negros — Canto pela senhorita Marita Azevedo ac. violão. 8 — Choro de cavaquinho pelo Garoto. 9 — Minha canção de amor — Canto pela senhorita Haydes Prado ac. violão. 10 — Choro de cavaquinho pelo Garoto. 11 — Sonho dos namorados — Canto pela senhorita Edith Prado ac. violão. 12 — Samba pelo Jazz da P. R. A. E..

21.20 horas — Jazz band: 1 — Nichols — Five pennies, fox. 2 — Brookes — Ich liebe dich, valsa. 3 — Mills — Lo-dô-do, fox. 4 — J. Redondo — Carinhos, carinhos, marcha.

21.40 horas — Orchestra: 1 — L. Argentó — Tem busca da Patria, marcha. 2 — Verdi — Seleção da opereta "La Traviata". 3 — Jôves — Mi Còpla, serenade. 4 — Hastin — Taquiné, marcha.

22.00 horas — Hora Radio Jornal.

23.00 horas — Jazz band: 1 — Silvan — Pêta gloria do Brasil — Hymno (letra de C. Netto). 2 — Burke — She's so lovely, fox. 3 — Bochar — Touz de deux, valsa. 4 — Almirante — Látaria, marcha. 5 — Peter Packfox — Baby Lou, fox.

23.15 horas — Orchestra: 1 — Weber — Preciosa — Ouverture. 2 — Strauss — Delirio, valsa. 3 — Monfred — Patrouille Arabe. 4 — Popy — Viva el Torero, one-tep.

23.30 horas em diante — Irradiação de discos.

**IRRADIAÇÃO M.M.D.C.**  
A Secção de Allistamento e Propaganda do M.M.D.C. fará irradiar hoje, ás 20.15 horas, pela Radio Educadora Paulista, o seguinte programma:

1 — Samba pelo jazz-band da P. R. A. E.; 2 — Cornelio Pires — Baptisado do Sapinho, declamação pela senhorita Yvonne Maria de Almeida. 3 — Maringa — Canto pela senhorita Marita de Azevedo, com acompanhamento ao violão; 4 — Choro de cavaquinho, pelo Garoto; 5 — meu amô — Canto pela senhorita Yvonne Maria

Reprodução do roteiro do jornal *Folha da Noite*, com lista de programação de emissoras de rádio, na edição de 22 de setembro de 1932, página 2. (reprodução reduzida).

Até o surgimento da televisão em 1950, e pouco tempo depois, os grandes jornais do país publicavam roteiros, colunas e outros artigos sobre o meio rádio. Nas décadas seguintes os espaços foram reduzidos.

Dos jornais exclusivos sobre o meio rádio destacou-se, na referida década, o *Cine-Radio-Jornal*. Nome também do programa exibido pela rádio *Mayrink Veiga*, lançado em 25 de junho de 1933. A produção ia ao ar diariamente das 12 às 13 horas, salientando o cinema. A venda do jornal era em banca, às quintas-feiras. As seções sobre cinema envolviam notícias emitidas pela correspondente em Hollywood, Daisy de Sales, ou por agências internacionais. As matérias sobre o cinema nacional, ou sobre a cantora Carmem Miranda, que fazia sucesso nos Estados Unidos, ganhavam destaque. As edições apresentavam cotações, roteiros de cinema, espaço para leitores e filmes que estavam em processo de produções.

Na seção aos leitores, havia chamada para fãs conhecerem ídolos: “Quer comunicar-se com seu “Speaker” predileto? Quer saber alguma coisa do seu cantor predileto?”

Numa das correspondências, publicadas também na edição de 06 de julho de 1939, uma leitora ouvinte assina uma carta com o nome de “Nely X”. Num dos trechos há uma mensagem, sobre a disputa de fãs e ídolos, na qual a ouvinte se manifesta, escrevendo: “Eu não posso dar opinião sobre nenhum cantor ou sobre as musicas nacionais, simplesmente porque meu radio é ligado somente na “*Radio Jornal do Brasil*”.

<p><b>“ CINE - R Á D I O - J O R N A L ”</b> — PERGUNTAS E RESPOSTAS —</p> <p>Nome do leitor: .....</p> <p>Artista: .....</p> <p>Estação: .....</p> <p>Quero saber: .....</p> <p>.....</p>	<p><b>CINE-RADIO JORNAL</b></p> <p>15 DESTES “COUPONS” FACULTAM AO LEITOR UMA FOTOGRAFIA AUTOGRÁFADA DE UMA FIGURA DO “BROADCASTING” CARIOCA.</p>
--	---

Cupons inseridos na página do *Cine-Radio-Jornal*, da edição de 6 de julho de 1939. (reprodução em tamanho original)

O *Cine-Radio-Jornal* registrou momentos importantes da vida radiofônica no Brasil nas décadas de 30 e 40, e realizou involuntariamente a provável preparação para a chegada da televisão no país. Esta conclusão ocorre, pelas características editoriais desse veículo, no entrelaçamento das pautas sobre rádio, como as referentes ao cinema e teatro. A relação era presente em praticamente todas as edições. Nos artigos das atuações de artistas cinematográficos, bastante presentes na publicação, surgia imediatamente um “gancho”, retranca, ou matéria, sobre o meio rádio. Essa relação dos temas desperta a atenção, pelo fato da não existência da televisão naquela época. Assim, o apelo ao cinema e a popularidade do rádio encontravam-se de maneira intensa no jornal, que privilegiava as editoriais de cultura e variedades, marcando dessa forma o ambiente da futura TV brasileira. Esta ainda não existia no país, e a leitura do *Cine-Radio-Jornal* provoca a impressão de que só faltava a chegada da tecnologia televisiva, os maquinários, respectiva instalação etc, para que os conteúdos e agentes profissionais existentes na mídia do período migrassem para a televisão.

A atmosfera e a disposição de um futuro público telespectador já era praticamente antecipada nas páginas do *Cine-Radio-Jornal*. Provavelmente, este fator seria uma das causas da sedução gerada pela TV e todos os debates, em torno dela, quando surgiu. As transformações só não foram imediatas, por causa da fase de adaptação, dos anos 50, ainda de significativo sucesso para o meio rádio.

No *Cine-Radio-Jornal*, os textos e imagens fixas do meio impresso dialogavam com o movimento do cinema, gerando o clima para que os retratos sonoros do rádio praticamente se antecipassem à tela da televisão que estava para nascer no país.

Nos anos 60 houve um considerável esvaziamento de gêneros radiofônicos para o então novo meio, que trazia voz e imagem, relegando ao rádio a função de falar. Nesse caso, sem a necessidade da tradicional reprodução em papel, revelando rostos de radialistas e

ambientes internos das emissoras. Anunciava-se uma radical mudança no conceito de se fazer rádio.

A capa da edição, número 47, do *Cine-Radio-Jornal*, de 22 de junho de 1939, com o título: “Carmem irradiará 2ª Feira de Nova York” trazia na manchete a nota, sob texto: “Carmem Miranda cantará para o Brasil, às 21h30 horas da próxima segunda-feira, com acompanhamento do Bando da Lua e servindo de “speaker” César Ladeira. Essa transmissão é exclusiva da PRA-9”. O nome de César Ladeira era referência no meio radiofônico, desde o início dos anos 30. A mencionada cantora era contratada da emissora, a qual ele dirigia, a rádio *Mayrink Veiga*. As pautas, geradas nessa estação como em muitas outras, eram selecionadas para a publicação no jornal, aqui descrito, num intenso trabalho de redação e edição. A linha editorial teve inspiração em jornais americanos do mesmo gênero. No expediente da edição de 12 de novembro de 1941, a seguinte informação reproduzida abaixo revela o perfil do *Cine-Radio-Jornal*.

**Cine-Radio  
JORNAL**

**Diretor-Responsavel: CELESTINO SILVEIRA**  
**Gerente: ATAHUALPA AUGUSTO CAMARA**  
**Secretario: VICTOR JOSE' LIMA**

Publica-se ás quartas-feiras. Registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda. — Medalha de Ouro na Feira Mundial de Nova York. — Fundado em agosto de 1938. — Redação, administração e publicidade: rua da Quitanda, 51, 1.º andar Tel: 43-3661 — Gerência e Publicidade — 43-3260 — Oficinas — 43-2747. — Rio de Janeiro. — Número avulso: 500 réis. Nas Estados: 600 réis. Assinaturas:

Anual .....	25\$000
Semestral .....	13\$000
No exterior: Anual, 50\$000; Semestral, 26\$000.	

A redação não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos assinados

Expediente da edição de 12 de novembro de 1941, do *Cine-Radio-Jornal*.  
(reprodução ampliada).

# Cine-Rádio

ANO II

\* RIO, 22 DE JUNHO DE 1939 \*

Diretor-responsável: CELESTINO SILVEIRA  
GERENTE: ISMAEL PEREIRA  
Correspondente especial em Hollywood: DAISY DE SALES

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS  
Número avulso em todo o Brasil: 500 REIS

N.º 47

# CARMEL Iradiará 2ª - feira DE NOVA YORK

Carmen Miranda cantará para o Brasil, às 21.30 horas da próxima segunda-feira, com acompanhamentos do Bando da Lua e servindo de "speaker" Cesar Ladeira.

Essa transmissão é exclusiva da PRA-9.



Capa da edição, número 47, do *Cine-Rádio-Jornal*, de 22 de junho de 1939 (reprodução reduzida).

**PREFIXOS USADOS**

- PRD-2 — Rádio Cruzeiro do Sul.
- PRK-9 — Rádio Mayrink Veiga.
- PRHE-8 — Sociedade Rádio União Tupi.
- PRAP-4 — Rádio Jornal do Brasil.
- PRB-7 — Rádio Educadora do Brasil.
- PRH-8 — Rádio Ipanema.
- PRLA-3 — Rádio Clube do Brasil.
- PRC-8 — Rádio Guanabara.
- PRE-3 — Rádio Transmissoras.
- PRHA-3 — Rádio Ministério da Educação.

**IMPORTEANTE** — Letras programadas ficam sujeitas a qualquer alteração. Máxima hora feita pelas respectivas emissoras.

**QUARTA-FEIRA, 12**

- 9.00 — Canções de Todo Mundo - E-3.
- 9.30 — Fantasia P/Plano - E-3.
- 10.00 — Piccadilly Circus - D-2.
- 10.30 — Canção Brasileira - E-3.
- 10.45 — Revista Semanal - E-3.
- 11.00 — Ideias Populares - D-2.
- 11.30 — Mãe de Caméa - A-2.
- 12.00 — Prog. do Almoço - G-3.
- 12.30 — Cuck. Sonoro - E-8.
- 13.00 — Secret Cinematog. - D-2.
- 13.15 — Prog. Sda. Branca - A-3.
- 13.30 — Almoço Musculado - D-2.
- 13.45 — Rom. e Melodias - D-2.
- 14.00 — Música Brasileira - D-2.
- 14.30 — Prog. Fantasia - E-8.
- 15.00 — Momento Musical - E-8.
- 16.00 — Amigos do Jazz - E-8.
- 17.00 — Variedades Musicais - E-8.
- 17.05 — Hora da Mulher - A-3.
- 17.30 — Samba choro - E-3.
- 18.00 — Copacabana Clube - G-3.
- 18.00 — Prog. do Garoto - D-2.
- 18.05 — Um Taango, você é s/hist. - E-3.
- 18.05 — Prog. Virgine - E-4.
- 18.05 — Claudette Darrieux - G-3.
- 18.15 — Prog. G. Piedade - B-1.
- 18.30 — Fon-Fon e s/Organista - G-3.
- 18.45 — Prog. C. Vasques - E-3.
- 18.50 — Yvonne Miranda - G-3.
- 19.00 — B. Marcel - E-8.

# Rádios e Programas

**SEMANA DE 12 A 18 DE NOVEMBRO DE 1941**

**QUINTA-FEIRA, 13**

- 8.30 — Prog. Infantil - E-4.
- 8.45 — Prog. Higiene Infantil - E-4.
- 9.00 — Valer. D-2.
- 9.15 — Música Variada - E-3.
- 9.30 — Música Operária - A-2.
- 9.45 — Escola de Inovela - G-3.
- 10.00 — Música Popular - D-2.
- 10.15 — Música Operária - A-2.
- 10.30 — Música Popular - D-2.
- 10.45 — Hora Treze - D-2.
- 11.00 — Cuck. Musical - E-8.
- 11.15 — Um pouco de tudo - H-8.
- 11.30 — Avant. Bob e Jeany - C-8.
- 11.45 — Portugal no Ar - A-3.
- 12.00 — Cine-Repórta - A-2.
- 12.15 — A Voz da Beleza - E-8.
- 12.30 — Prog. Festeiro - D-2.
- 12.45 — Canções Rias - D-2.
- 13.00 — Carta Sonora - C-8.
- 13.15 — Música Variada - E-8.
- 13.30 — Prog. Bombominho - E-3.
- 13.45 — Samba Satucada - E-3.
- 14.00 — Liga Infantil Futebol - A-3.
- 14.15 — Chema pelas Artes - G-3.
- 14.30 — Ritmo Latino-Americano - D-2.
- 14.45 — Prog. Jazz Sinfônico - E-3.
- 15.00 — H. Espirita - E-3.
- 15.15 — Prog. Jazz Sinfônico - E-3.
- 15.30 — Hora da Juventude Brasileira - D-2.
- 15.45 — Caladescopio - G-3.
- 16.00 — Música Brasileira - D-2.
- 16.15 — Prog. Fantasia - E-8.
- 16.30 — Momento Musical - E-8.
- 16.45 — Amigos do Jazz - E-8.
- 17.00 — Variedades Musicais - E-8.
- 17.05 — Hora da Mulher - A-3.
- 17.30 — Samba choro - E-3.
- 18.00 — Copacabana Clube - G-3.
- 18.00 — Prog. do Garoto - D-2.
- 18.05 — Um Taango, você é s/hist. - E-3.
- 18.05 — Prog. Virgine - E-4.
- 18.05 — Claudette Darrieux - G-3.
- 18.15 — Prog. G. Piedade - B-1.
- 18.30 — Fon-Fon e s/Organista - G-3.
- 18.45 — Prog. C. Vasques - E-3.
- 18.50 — Yvonne Miranda - G-3.
- 19.00 — B. Marcel - E-8.

- 19.05 — Valsas - D-2.
- 19.10 — Prog. Grande Nacional - E-3.
- 19.15 — Lídia Napier - A-3.
- 19.20 — Inic. do Bejez no Ar - E-8.
- 19.25 — Dan. Leo - E-8.
- 19.30 — Prog. Espirita - E-3.
- 19.35 — Chig. Feitosa - D-2.
- 19.40 — Chig. Loroletto - A-3.
- 19.45 — Cândido Buchlo - G-3.
- 19.50 — Camp. Músicas - E-8.
- 19.55 — Música Inglesa - D-2.
- 20.00 — Música Cultural - A-3.
- 20.05 — Sergio Goulart - A-3.
- 20.10 — Brasil Pandiro - C-8.
- 20.15 — Org. de Galleg. - E-8.
- 20.20 — Detective Musical - G-3.
- 20.25 — Você Lou? - A-3.
- 20.30 — Ela Vale - A-3.
- 20.35 — Hermanas Aguilas - A-9.
- 20.40 — Silvanus Melo - E-3.
- 20.45 — Aventura do Feliz - A-3.
- 20.50 — Good. Nelsb Bonrrip - E-3.
- 20.55 — Rom. de Valma - E-5.
- 21.00 — Seresteiros do Brasil - E-3.
- 21.05 — Silvio Caldas - G-3.
- 21.10 — A Vida do Casado - E-3.
- 21.15 — Maria do Carmo - A-3.
- 21.20 — Campão Antiga - E-8.
- 21.25 — Memórias do Rio - D-7.
- 21.30 — Dificuldade Balada - A-9.
- 21.35 — Mãe dos 7 Mares - E-3.
- 21.40 — Livro de Chopin - D-2.
- 21.45 — Teatro Real - E-3.
- 21.50 — Tony Alves - D-2.
- 21.55 — F. Médica - E-3.
- 22.00 — Sergio Goulart - A-3.
- 22.05 — Os Foccos - D-2.
- 22.10 — Diermano Reis - A-3.
- 22.15 — Pátria Instante - E-8.
- 22.20 — Prog. de Gravadas - D-2.
- 22.25 — Prog. de Gravadas - A-3.
- 22.30 — Quadro da história mo. dona - A-9.
- 22.35 — Estúdios Líficos - E-3.
- 22.40 — Biblioteca do Ar - A-9.
- 22.45 — Penumbra - G-3.
- 22.50 — Fênix - E-3.
- 22.55 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.00 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.05 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.10 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.15 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.20 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.25 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.30 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.35 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.40 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.45 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.50 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 23.55 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.00 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.05 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.10 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.15 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.20 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.25 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.30 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.35 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.40 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.45 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.50 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 24.55 — Sinfonia da Florista - D-2.
- 25.00 — Sinfonia da Florista - D-2.

**SABADO, 15**

8.00 — Mús. Variada - E-8.

- 15.15 — Almanaque Sonoro - D-1.
- 15.20 — Opera Completa - A-2.
- 15.25 — Swing - E-3.
- 15.30 — Transm. esportiva - E-3.
- 15.35 — Prog. Argentino - H-8.
- 15.40 — Chá Dançante - D-2.
- 15.45 — Chá Dançante - Cabarés - E-3.
- 15.50 — Prog. Dançante - A-9.
- 16.00 — Chá Dançante - A-9.
- 16.05 — Música Variada - E-8.
- 16.10 — Prog. do Jantar - P-4.
- 16.15 — Rádio Balle - G-3.
- 16.20 — Cruzabro em Portugal - D-2.
- 16.25 — Angelus - F-4.
- 16.30 — Prog. Grajão - E-3.
- 16.35 — Chá Dançante - E-8.
- 16.40 — Chá Dançante - C-8.
- 16.45 — Palestra M. H. Magalhães - F-4.
- 16.50 — Hora Alemã - H-8.
- 16.55 — Prog. Agricultor - A-9.
- 17.00 — Prog. variado dançante - E-7.
- 17.05 — Prog. Cosmopolita - F-4.
- 17.10 — Prof. R.G.A. - E-3.
- 17.15 — Prog. Calouros - D-2.
- 17.20 — Bazar de Mús. - A-9.
- 17.25 — Nossa valsa e sinfonia - E-3.
- 17.30 — Resenha Esportiva - H-3.
- 17.35 — Mom. Italiano - E-3.
- 17.40 — França - E-3.
- 17.45 — Prog. Internacional - E-3.
- 17.50 — Prog. 3. Canções - D-2.
- 17.55 — Dia do Tofo - E-3.
- 18.00 — Opera completa - F-4.
- 18.05 — Prog. Arab. - C-8.
- 18.10 — Calouros em Destile - G-3.
- 18.15 — Resenha Esportiva - E-3.
- 18.20 — Bad-Velho - E-3.
- 18.25 — Revista Mús. da semana - A-2.
- 18.30 — Prog. York - D-3.
- 18.35 — Reportes da Cidade - C-8.
- 18.40 — Resenha esportiva - A-9.
- 18.45 — Bazar de mús. - A-9.
- 18.50 — Ela e Ela - A-9.
- 18.55 — Prog. Variado - E-3.
- 19.00 — Prog. C. Progresso - G-3.
- 19.05 — Prog. Missão - D-2.
- 19.10 — Resenha Esportiva - A-3.
- 19.15 — Penetrança Esportiva - E-3.
- 19.20 — Gr. Intsepretes - A-3.
- 19.25 — Resenha Esportiva - G-3.
- 19.30 — Saudades do Portugal - C-8.
- 19.35 — Meares - E-3.
- 19.40 — Teatro da penetra - D-7.
- 19.45 — Meares - E-3.
- 19.50 — Teatro da penetra - D-7.

Roteiro do Cine-Radio-Jornal, de 12 de novembro de 1941, com programações diversas, destacando também na abertura da página os prefixos e nomes de emissoras. (reprodução reduzida).

Os roteiros com a programação radiofônica sobrevivem nos anos 50, nos jornais diários, ao lado de outras atrações como cinema e televisão. A demonstração deste período segue na reprodução abaixo do jornal *A Gazeta*, de 25 de agosto de 1954.

## Artes — Teatro — Cinema — Radio — Sociais



"CINCO POBRES NUM AUTOMÓVEL" — Está marcada para breve a estreia da comédia "Cinco Pobres Num Automóvel", no circuito Serrador. O filme inspira-se numa história de Zola e conta, no elenco, com Aldo Fabrizi, Eduardo De Filippo, Walter Chiari, Tizian De Filippo, Isa Burzatti e outros. Na gravura, uma cena da peça.



CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS — Instalou-se ontem às 10 h. 30, no auditório da Biblioteca Municipal, o XXXI Congresso Internacional de Americanistas, sob o patrocínio da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. A sessão de abertura foi presidida pelo governador Lucas Noronha Garcez, que pronunciou o discurso de abertura, referindo-se aos trabalhos, de grande importância para a cultura americana, apresentados no Congresso Internacional de Escritores e nos Encontros Intelectuais. Ao lado do governador, assentou-se o gen. Cândido Rondon, que foi mais tarde aclamado presidente de honra do conclave. Depois do discurso do governador Garcez, falaram, em nome da Comissão Organizadora do Congresso, de que é presidente, o prof. Herbert Baldus; o prof. Jorge Dias, de Portugal; o prof. Fernando Ortiz, de Cuba; H. J. Braunholtz, de Inglaterra; Wilhelm Köppers, da Áustria, e Paul Rivet, da França. Depois de uma interrupção de cinco minutos, começaram os trabalhos normais do conclave, que teve um programa longo no seu primeiro dia. Na foto, o gen. Cândido Rondon, à esquerda, e o governador Garcez, ao aplaudir o discurso do prof. Herbert Baldus, à direita.

### Aniversários

Para os anos hoje o prof. Jorge Américo, catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo; o sr. Antonio Rodrigues Filho, comandante; o sr. Edeito Nishizaka, comerciante; o sr. Eraldo Soares Baptista, cirurgião-dentista; o sr. Euclides Alves de Oliveira Junior, nosso colista de imprensa; o menino Ricardo, filho do sr. Eraldo Soares Baptista; a sr. Est. Garal, esposa do sr. Filipe Ugali; o dr. Augusto Pereira, advogado, residente em Gatoador; o sr. José Rodrigues Tucundura, comandante, residente em Pirajuli; o eng.-agrôn. José Jorge Nunes Abeld, residente em Batatala; e menino Carlos Alberto, filho do sr. Oswaldo Stadler e da srta. Eglantina Gato Stadler, residentes em Campinas.

### Casamento

Dr. Luís Ruyton Pereira, funcionário das FOLHAS, filho da srta. Genevieve Pereira de Lima, e a srta. Nair Solitini, filha do sr. José Galvão e da srta. Hermínia B. Salati, dia 17 de setembro próximo, às 17 h. 45, no templo de São João Batista, na avenida Odean grande.

### Homenagens

General Castilho, Borges Fortes — Honrar-se-á sábado próximo, no Hotel Excelsior, a homenagem ao gen. Castilho Borges Fortes, por sua atuação criteriosa e digna no Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal de São Paulo, onde honrou as gloriosas tradições das Forças Armadas e muito fez em prol de seus companheiros de farda, para a aquisição da casa própria. As homenagens tanto do civis como do militares, poderão ser dadas à comissão organizadora, assim constituída: ten.-col. Nelson Leite Mattias, tel. .... 30-7921; major Manoel Jales Fortes, tel. 3-3490; cap. Joaquim Alceu Fumero, tel. 32-3562; cap. Renato Cláudio e Sousa, tel. 3-8394; cap. Seyd Leduc, tel. 3-3020; cap. João Fontes, tel. 30-9409; sên.-col. Gilvato Kroepke, av. Iruj e Lo ten. Lucio Praelo, em Santos, tel. 2-7043.

Prof. Getúlio da Silva Ecles Junior — Será homenageado, com um banquete, no Esplanada Hotel, em dia e hora que serão oportunamente anunciados, o prof. Getúlio da Silva Ecles Junior, por motivo do exato aniversário em recente concurso para catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. A comissão organizadora ficou assim constituída: Armilo de

Carvalho Melo, Ednias Machado de Assis, Edmundo Dentés Nascimento, Flavio Pinto e Silva, Cícero Augusto Vieira, Domingos Carvalho e Silva, Clá. Westimim, Otávio Pereira Lopes, Moser Lobo da Costa, Madalena Matos de Queiroz Teles, José

Cândido da Silva Lázari, Luis Antonio do Eusse, Queiroz Ferraz, João Adoni e Mario Adelfino de Almeida Prado. As adesões poderão ser dadas pelos tels.: 81-5003, 32-2888, 30-4216, 31-9364, 37-2111, 37-3599, 33-6007 e 32-9267.

## PAROU!

Parou a onda de nomeações de "cupinchas" para importantes cargos que somente técnicos podiam ocupar...

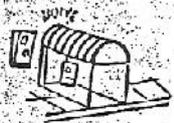
PAROU DE UMA VEZ NO GOVERNO DECENTE DE GARCEZ  
Foi isso o que em  
**SÃO PAULO PAROU!**

## Boites-Bares Restaurants

### Boites

#### CASSINO O.K.

AV. IPIRANGA, 661  
Aproveite todas as noites o melhor e melhor "show" da cidade, com Carlos e seu belo grupo acompanhando os "shows" retirados da revista "Bela Alcaide", com a participação de Carmen Num e Stella Anacleto. No "show" apresentação de Maria and Walter Stone, grandes bailarinas mundiais, apresentadas nos Estados Unidos, com a grande orquestra. Fechado até domingo.



#### CHEZ - ARMANDO

Rua Bento Freitas, 25  
Jantares encantantes. Dirigição de Armando Eusse Lima e Rei do Goleiro no Brasil e seu conjunto.

#### CLUB DE PARIS

CLUB DE PARIS: Rua Major Sertório, 14; Fones: 36-6364 e 36-6368  
"Um canto de Paris no coração de São Paulo", No "Show" Rudy Werlon e Nicolas Grossmann. Aos sábados folclórica.

#### ITAPOAN

Av. Dr. Vieira de Carvalho, 132 (Entre a Praça da República e o Jarro do Arouche). Fone: 26-2408

Roteiro do jornal *A Gazeta*, de 25 de agosto de 1954. (reprodução reduzida).

# Radio GAZETA

HOJE — 24-8-1954

- 14,00 — A GAZETA informa, jornal falado de PRA-6 — oferta da Casa da Borracha S. A.
- 14,05 — Musica para milhões.
- 14,30 — Instante feminino, oferta do Organdi Paramont.
- 14,35 — Musica para milhões (continuação).
- 14,55 — Comunicado da Organização Social de Luto.
- 15,00 — Ritmos brasileiros.
- 15,00 — A GAZETA informa, jornal falado de PRA-6 — oferta da Casa da Borracha S. A.
- 16,05 — Jolas sonoras.
- 17,00 — "Revista feminina" — oferta da Arno S. A.
- 17,30 — Programa da Cruz Vermelha.
- 17,45 — "A Gazeta Esportiva" no ar.
- 18,00 — Ritmos de Tio Sam.
- 18,15 — Programa "Ovomaltine".
- 18,30 — Mensagem musical da Italia.
- 19,00 — Jantar musicado — oferta dos Produtos "Crai".
- 19,15 — Programa oferecido pelos Vinhos Dreher.
- 19,30 — A voz do Brasil.
- 20,00 — Programa com artistas do "cast".
- 20,30 — Programa da "Vasp".
- 21,00 — Programa oferecido por Moveis Paschoal Bianco S. A.
- 21,15 — Programa oferta da Viagem Cometa S. A.
- 21,30 — Programa dos produtos "Epel".
- 22,00 — Programa com artistas do "cast".
- 22,30 — A GAZETA informa, grande jornal falado, com noticiario completo do pais e do mundo. O momento politico. Fatos policiaes. Outras noticias. Serviço noticioso "A. P.". Colaboração do corpo redatorial de A GAZETA. Oferta da Casa da Borracha S. A.
- 23,00 — Mensagem musical da Italia.
- 23,30 — Brasil romantico.
- 24,00 — Uma voz na noite.
- 0,30 — Musica de sonho.
- 0,55 — A GAZETA informa, jornal falado de PRA-6 — oferta da Casa da Borracha S. A.
- 1,00 — Encerramento.

AMANHÃ — 27-8-1954

- 8,00 — A GAZETA informa, jornal falado de PRA-6 — oferta da Casa da Borracha S. A.
- 8,05 — Relógio musical.
- 8,30 — Musica brasileira.
- 8,55 — A GAZETA informa, jornal falado de PRA-6 — oferta da Casa da Borracha S. A.
- 9,00 — Vozes do Danubio.
- 9,30 — Comunicado do Departamento de Luto S. Luiz.

- 9,35 — Musica brasileira.
- 9,55 — A GAZETA informa, jornal falado de PRA-6 — oferta da Casa da Borracha S. A.
- 10,00 — Reliquias portenhas — oferta do Expresso Brasileiro Viagem Ltda.
- 10,30 — Programa panamericano — oferta do Colchão de Molas "Brasil".
- 11,00 — Cantores internacionais — oferta de "A Fidalga" (calçados).
- 11,30 — Mensagem musical da Italia.
- 12,00 — A GAZETA informa, jornal falado de PRA-6 — oferta da Casa da Borracha S. A.
- 12,10 — Almoçando com musica — oferta dos Liquidificadores "Walita".
- 12,25 — Momento familiar — apresentando Margarina "Baudé".
- 12,40 — Caravana senora — oferta de "Pia Americano" S. A.
- 13,00 — A musica dos mestres — gentileza das Casas Pernambucanas. Programa: (Sinfonico) Bach: Concerto em dó menor, p. violino e oboe, p. Isaac Stern e Marcel Tabuteau, c. Orq. dos Festivais de Prades, reg. Pablo Casals. Beethoven: Sinfonia n.º 2, Op. 36, em ré maior, p. Orq. Sinfoniam. de Nova York, reg. Bruno Walter.

Ingressos para o Auditorio,  
na Portaria de  
A GAZETA.

Roteiro da programação da rádio *Gazeta*, publicado no jornal *Folha da Manhã*, na edição de 25 de agosto de 1954 (reprodução reduzida).

### 1.3 - Registros impressos sobre rádio na época da Revolução de 1932.

Dos jornais pesquisados para esta dissertação, *A Gazeta* destacou-se entre as inúmeras inserções sobre o tema rádio, indo muito além de roteiros e reproduções de escutas de emissoras. Em São Paulo, de 1932, este jornal, sob a direção de Eurico Martins, fazia oposição ao governo getulista. Nas matérias de notícias transmitidas nas rádios, está documentada a indignação do tablóide diante da situação vivida no Brasil sob a administração Vargas.

Entre as reportagens do jornal *A Gazeta*, de 1932, ano da Revolução Constitucionalista, a edição, número 7.941, de 19 de julho de 1932, terça-feira, traz na primeira página uma amostragem da contrariedade ao “getulismo” com o seguinte olho, ao lado do cabeçalho:

Se o grito de guerra partiu de São Paulo, ecoando de quebrada em quebrada por todos os rincões do Brasil, foi tão sómente porque São Paulo, de todas as unidades da Federação, foi a única estrangulada, a única vilipendiada e a única humilhada pelos que em 1930 nos illudiram com as suas promessas de justiça e de ordem, de igualdade e de liberdade, de trabalho, de progresso e de paz".(Palavras do prof. Jayme Regalo Pereira, cathedratico da Faculdade de Medicina, aos seus coestadoanos do Amazonas).

Em coluna, ao lado esquerdo desta página do jornal, a publicação faz uma referência às emissoras de rádio do Rio de Janeiro, que influenciadas pelo presidente Getúlio Vargas, insistiam, nos editoriais, na idéia de separatismo por parte de São Paulo, com a seguinte abertura:

As torpezas da dictadura. A que se reduz o "separatismo" dos paulistas, ignobilmente assoalhado pelos mercenários do Sr. Getúlio. As estações de rádio do Rio de Janeiro, a serviço do dictador Getulio Vargas, têm procurado desvirtuar a natureza e a finalidade do movimento constitucionalista, dando a entender que se trata de um movimento separatista de São Paulo.

Na seqüência a reprodução na íntegra do mencionado artigo.

# As torpezas da dictadura

A que se reduz o "separatismo" dos paulistas, ignobilmente assoalhado pelos mercenários do sr. Getúlio

As estações de rádio do Rio de Janeiro, a serviço do ditador Getúlio Vargas, têm procurado desvirtuar a natureza e a finalidade do movimento constitucionalista, dando a entender que se trata de um movimento separatista de São Paulo.

Afinam no mesmo diapasão os chefes militares e civis da defensiva ditatorial, o que simplesmente demonstra a sua fraqueza e, sobretudo, a nenhuma confiança que as suas tropas lhes inspiram.

Os factos que antecederam a etapa iniciada a 9 de julho bastam, entretanto, por si sós, para comprovar a falsidade da versão que o sr. Getúlio está propagando, com aquella inconsciência, aquella sem-cerimonia e aquella des-covoltura que tão profunda e ineconfundivelmente o caracterizam. São Paulo lutou pela convocação immediata da Constituinte lado a lado com o Rio Grande do Sul e com as mais prestigiosas correntes politicas de todos os Estados. Entre as "frentes unicas" paulista e gau'cha e o general Bertholdo Klínger, commandante da Circumscripção Militar de Matto Grosso, foi firmado um accordo, cujas clausulas, taxativas e categoricas, estamos galhardamente cumprindo. Deve-se ainda observar que o primeiro brado de protesto contra a dictadura, pela queda do regimen de excepção que nos vinha enxovalhando, partiu de Matto Grosso e foi proferido por um das mais illustres generaes do Exercito brasileiro — Bertholdo Klínger — que não é paulista. O que São Paulo fez e ha de fazer até o fim, haja o que houver, foi honrar a sua palavra, accorrendo, pressuroso e entusiasta, ao appello do general Klínger, dentro das normas estrictas do accordo que estabelecera com elle e com os "leaders" da "frente unica" sul-riograndense. São Paulo contribuiria para a desagregação da unidade nacional si agisse de maneira diversa, isto é, si deixasse isolados os seus irmãos mattogrossenses e si permitisse que o outubrisimo truculento e inescrupuloso estrangulasse a vontade soberana do povo com os seus actos d'arbitrio e de violencia.

O envolvimento do rádio com a Revolução de 32 e vice versa, ocupava as páginas dos jornais, que atentos às irradiações publicavam artigos de interesse da linha editorial de cada um desses veículos. Ambos cumpriam também o papel de reproduzir o meio radiofônico para quem não possuía aparelho receptor, num paradoxo, diante do analfabetismo da maioria da população brasileira naqueles anos. A deficiência da alfabetização contribuiu para a ascensão do rádio brasileiro, na linguagem para os ouvidos. Há também de se levar em consideração a mudança estrutural, que envolve o rádio como atrativo, instrumento moderno e unificador dos anos 30. Nos registros da época é notório o aumento da oferta de receptores para população - aquisição esta reservada a uma parcela da elite - e também audições em locais públicos. Eram assim reveladas as dimensões da Língua Portuguesa, num Brasil de diversificações de hábitos e costumes. A atenção dada ao rádio se manifestou diariamente nas publicações desse período, sobretudo durante a Revolução de 32. Intensificou-se o encurtamento de distâncias pela união do rádio com os jornais

As matérias, artigos, fotos, vão revelando a relação entre emissoras, descrevendo textos de programas e conseqüentemente o momento político. Os confrontos de idéias e ideais de 1932 entre São Paulo e Rio de Janeiro, instalam-se nos estúdios das emissoras das respectivas cidades. Esta conclusão só é possível pelo fato dos registros em jornais que, assim como as rádios, reagiam de forma contundente ao sistema. Nesse caso, *A Gazeta*, como já mencionado, destaca-se com manchetes provocadoras e revanchistas, como a inserida na edição de domingo, 21 de agosto de 1932, sobre uma indisposição entre as rádios *Record*, de São Paulo e *Mayrink Veiga*, do Rio de Janeiro. No título, a frase: “Desmascarando os vergonhosos processos da ditadura”. Na seqüência, reprodução da matéria na íntegra.

## Desmascarando os vergonhosos processos da dictadura

### Resposta ativa da Radio Sociedade Record a uma proposta transmittida pela Mayrink da Veiga

A Radio Sociedade Record irradiou, hontem, a seguinte mensagem, que é uma replica activa á proposta que lhe foi feita pela Mayrink da Veiga:

"Pelo microphone da PRAK, Radio Sociedade Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, o individuo de nenhuma responsabilidade moral a quem a dictadura entregou as estações de radio que occupa militarmente, propoz o estabelecimento de uma hora, a que chamou de neutra, exclusivamente reservada á transmissão de mensagens.

A PRAR, convidada a participar desse convenio ao lado de outra estação de São Paulo, deixou de responder, ás 24 horas de hontem, conforme lhe fôra solicitado, á proposta vehiculada pela PRAK.

Deixou de responder (e essa explicação se dirige tão somente aos nossos ouvidos) porque se recusa a entrar em qualquer entendimento, seja da que natureza for, com a dictadura e seus prepostos.

Além disso, salta aos olhos do mais ingenuo que a dictadura, sob o pretexto de facilitar a troca de communicações de ordem particular entre S. Paulo e Rio de Janeiro, o que pretende de facto é privar aquelles que na Capital Federal aguardam as mensagens, das noticias que daqui transmittimos sobre o movimento constitucionalista. Limitada a uma hora determinada a irradiação das mensagens, os que por ellas se interessam, segundo suppõe a dictadura, só durante esses sessenta minutos procuração ouvir as transmissões da PRAR. Nem se diga que a nossa affirmação não colhe por ter a dictadura tambem interesse em que suas irradiações sejam ouvidas em São Paulo. Os que porventura possam assim pensar esquecem-se de que a dictadura, completamente desmoralizada, sabe melhor do que ninguém o nenhum credito que merecem suas diatribes. O que ella visa exclusivamente é impedir que aos ouvidos do resto do paiz cheguem o relato verídico do que occorre diariamente nas frentes de batalha.

Não é só. O estabelecimento da pretendida hora neutra virá facilitar, durante o resto do dia, a interferencia de ondas, que inutilmente vem tentando a dictadura para impedir no Rio de Janeiro a audição das noticias irradiadas de São Paulo sobre o movimento constitucionalista.

Por tudo isso, a PRAR não participará do convenio proposto e continuará a irradiar a verdade sobre as operações do Exército da Lei, de dia e de noite, com aquelle mesmo ardor com que, desde o primeiro instante da lucta, tem procurado servir a causa sagrada por que São Paulo se bate e se baterá até a victoria."

Outra demonstração da manifestação do jornal *A Gazeta*, sob o conflito de 1932, surge em posicionamento da publicação como a reprodução abaixo de uma escuta da rádio *Phillips*, do Rio de Janeiro, e da rádio *Nacional*, de Buenos Aires, na primeira página do jornal, em 22 de julho de 1932, na edição número 7944. O texto segue sob o título: "O povo carioca está em São Paulo".



Nota na primeira página do jornal *A Gazeta*, em 22 de julho de 1932, na edição número 7944 (reprodução reduzida)

Na edição de *A Gazeta*, de 22 de julho de 1932, um comentário sobre uma escuta de rádio, é inserido, tratando de uma resposta do jornal à rádio *Phillips, a PRAX*, do Rio de Janeiro, que teria atribuído ao periódico a divulgação de uma informação não publicada pelo mesmo. Observa-se assim, a dimensão da escuta de rádio de uma cidade para a outra. A nota revela, não somente o trabalho de radioescuta, mas também a atenção dada ao rádio. Na matéria, o registro da população da época "40 milhões de brasileiros".

# A mentira a serviço do outubrismo

Uma estação carioca attribue á "Gazeta" noticias que não  
publicamos

A ditadura em frangalhos precisa estabelecer um certo methodo na organização da mentira. Mesmo para illudir o povo é necessario um pouco de logica, que diabo?

Enredada nas proprias contradicções, a ditadura mal consegue atinar com o que vae dizendo, na faina ingrata de mystificar, controverter, intrigar.

Hontem, as ondas sonóras espalharam aos quatro cantos mais um punhado de inverdades mandadas irradiar pelos outubristas desesperndos. A PRAX, entre outras cousas, citou como extrahidas da "Gazeta", refutando-as, algumas noticias que em absoluto foram publicadas em nossas columnas.

Quem quer que acompanhe dia a dia o nosso noticiario, escrupulosamente controlado pelas autoridades e pela direcção desta folha, e que por acaso, hontem, apanhou a irradiação carioca, terá verificando, a que gráo de confusão chegaram os homens que se julgam senhores de quarenta milhões de brasileiros, tentando escravizal-os por meio da mentira.

Artigo publicado no jornal *A Gazeta*, de 22 de julho de 1932 (reprodução em tamanho original)

Outra observação a ser feita, sobre a relação rádio e jornal impresso, como as exemplificações de *A Gazeta*, está relacionada à recepção das informações. Independente da estrutura desse jornal, de receber notícias, via correspondente, uma vez que a sede dele ficava em São Paulo, e a escuta ser de uma emissora carioca, o sistema de transmissão radiofônica, da época era de longa distância, em frequência de ondas curtas. Esta operação de veiculação radiofônica que vigorava (atualmente menos utilizado, pelo fato do desenvolvimento das frequências moduladas e amplitudes moduladas) permitiu audições distantes. O mesmo pode ser percebido quando o jornal *A Gazeta* revela, na edição de 25 de agosto de 1932, a escuta da rádio *Nacional* de Buenos Aires, conforme a reprodução abaixo, seguindo a linha política do periódico:

### **As irradiações da L. R. 3, de Buenos Aires, sobre a actualidade brasileira, irri- tam a Dictadura**

**... e por isso o "speaker"  
repetirá, d'ora avante, com  
insistencia, ás informações**

No seu boletim do exterior, a LR3 Radio Nacional de Buenos Aires, tem dado frequentes notícias sobre o andamento das operações de guerra e outras relativas á actualidade brasileira.

Taes notícias, nem sempre são rigorosamente exactas, pois, ás vezes se referem a victoria que a dictadura annuncia, mas que não obteve.

Pois bem, apesar disso, a dictadura reclamou, com certeza por via do seu embaixador na Capital platina.

E' o que se depreheende da sua communicação de hontem.

Ao tratar das cousas do Brasil, o "speaker" declarou que, como as notícias da LR3 tinham molestado o governo brasileiro, ia d'oravante, repetil-as com insistencia.

Como se vê, o governiço do sr. Getulio Vargas goza de immenso prestigio no estrangeiro...

Nota publicada no jornal *A Gazeta*, edição de 25 de agosto de 1932. (reprodução ampliada)

A presença da informação radiofônica em texto dos meios impressos, nos anos 30, tratava-se praticamente de uma equiparação do formato ocorrido no início das transmissões de rádio no Brasil, na década de 20, quando as leituras de jornais diários eram fontes de programas radiofônicos. Um exemplo é apresentado no jornal *Folha da Manhã*, de São Paulo, na edição de domingo, 24 de julho de 1932, na primeira página da edição, com informação reproduzida a partir de uma entrevista concedida à rádio *Educadora Paulista*, sobre a morte de um coronel em exercício da profissão.

### O GENERAL KLINGER DIRIGE-SE AO POVO PAULISTA

A's 16,15 horas, de hontem, occupando o microphone da Radio Educadora Paulista, o general Klinger dirigiu-se ao povo paulista, explicando as circumstancias do desastre que victimou o bravo commandante da Força Publica, coronel Julio Marcondes Salgado, quando na experiencia de um novo typo de morteiro, em Santo Amaro.

Explicando o accidente, affirmou correrem as provas normalmente, quando uma bala, ao contrario das outras, explodiu dentro do cano, estilhaçando-se, causando leves ferimentos em alguns officiaes, e a morte instantanea do coronel Salgado.

Referindo-se ao seu desventurado companheiro de luta, sua exa. teve as seguintes palavras:

“O coronel Salgado tombou como um bravo. Honremos a sua memoria, como elle havia de querer.”

Nota publicada no jornal *Folha da Manhã*, edição de domingo, 24 de julho de 1932 (reprodução ampliada).

Em 10 de julho de 1932, dia seguinte ao início da Revolução Constitucionalista, a rádio *Record* foi lacrada. Os locutores César Ladeira e Nicolau Tuma e o diretor da emissora, Paulo Machado de Carvalho, não puderam entrar no edifício sede da estação. A polícia impediu a entrada dos funcionários.

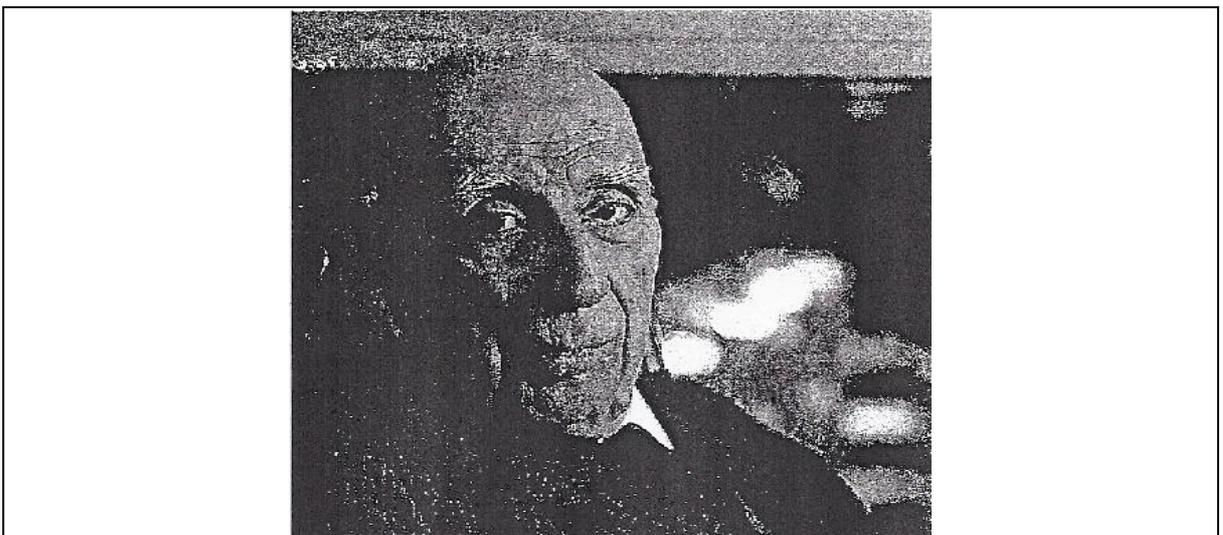
Tuma (em entrevista para esta pesquisa em 2002) lembrou que todos ficaram na porta aguardando uma solução, até que um emissário do palácio do Governo de São Paulo chegou com uma mensagem para ser lida no ar. “A correspondência era do embaixador Pedro de Toledo, que na época era interventor do governo. “Nós dissemos ao mensageiro que não podíamos entrar, por causa dos soldados armados, mas o emissário disse que era uma ordem superior e assim nós entramos. Na redação, o doutor Paulo perguntou quem é que queria ler. Eu disse: eu. Eram dez e meia da manhã.”

Após a leitura, considerada a primeira proclamação da Revolução de 32, na rádio *Record*, a redação da emissora voltou a funcionar. “Pela primeira vez o rádio foi utilizado como arma de guerra. Ele alimentava o entusiasmo da frente e ao mesmo tempo dava estímulos à retaguarda para a população continuar lutando e cada vez mais com interesse”, declarou Tuma.

Formado em Direito, Nicolau Tuma, ingressou na rádio *Record*, em junho de 1932, um mês antes da Revolução Constitucionalista. Assim que assumiu essa função, o advogado e radialista passou a ser pauta constante em jornais e revistas. Nicolau Tuma tornou-se conhecido também pelas irradiações esportivas do período, sobretudo as corridas de cavalo e automobilismo, desenvolvendo assim uma abordagem com rápida locução, para acompanhar todas as seqüências das partidas, o que lhe rendeu o apelido de “*speaker* metralhadora”.



Nicolau Tuma (chapéu escuro), ao microfone, em atuação no autódromo da Gávea, no Rio de Janeiro. Publicação da página 10 da revista *PRANOVE*, edição número 8, de janeiro/fevereiro de 1939 (reprodução ampliada).



Fotografia de Nicolau Tuma, em 2002.

Com a movimentação sobre a Revolução de 1932, a rádio *Record*, passou a ser escuta obrigatória dos jornais. Obviamente só eram reproduzidas as informações de interesse de cada veículo, conforme as respectivas posições políticas desses meios. A captação das irradiações, nas redações dos jornais, era feita precariamente com um sistema de gravação em fios imantados, processo anterior ao das fitas magnéticas.

Os impressos, assim como as emissoras de rádio, alimentavam-se também de informações vindas de agências de notícias internacionais, telegramas e telefonemas. Essa informação foi confirmada pelo jornalista Murilo Antunes Alves, de 90 anos de idade, que atuou na rádio *Record* por mais de 50 anos. Ele informou em entrevista para esta pesquisa em 2002;

nos anos 30 era muito difícil o rádio fornecer informações para os jornais, uma vez que o que se chama hoje de radioescuta com gravadores, não existia naquela época. Quando eu entrei na rádio São Paulo, em 1938, as notícias que chegavam às estações iam também para os jornais da mesma forma, via telegrafia, telefone, telegrama, carta. Sim, claro existia o trabalho de reportagem nos dois veículos, mas captar uma notícia do rádio para o jornal acontecia de forma muito primitiva. Não existiam recursos eficientes para gravação.

Na seqüência, uma inserção publicada no jornal *A Gazeta*, de 22 de julho de 1932, referente à escuta da rádio *Philips, PRAX*, do Rio de Janeiro, de matéria que desmentiu a emissora sobre a divulgação de uma notícia de bombardeio em campo aéreo.

# Desmascarando o piloto Muricy, a serviço da ditadura

O campo de aviação de Taubaté não foi atingido e o  
dois aviões das nossas forças, que diz ter inutilizado  
é phantasia



*Iraby Corrêa, observador do "Waco", pilotado pelo "az" constitucionalista Renato Pedroso. Ha dias, Iraby e Renato, graças ao não funcionamento da metralhadora do tenente Muricy, conseguiram salvar-se da sanha desse piloto que, de sargento já passou a... tenente da ditadura. Parece, até, que esse é o unico piloto de confiança do major Eduardo Gomes*

A radio Philips, "PRAX", do Rio, irradiou hontem, o seguinte:

"As asas da legalidade effectuaram o bombardeio acerca do campo de aviação de Taubaté. Ao passar por essa cidade e tendo assignalado dois aparelhos que se achavam no campo, baixou e os atacou, a metralha, tendo-os atingido. O referido avião era pilotado pelo tenente Candido Muricy, que é grande conhecedor do emprego de armas, tendo offerecido nos seus camaradas uma prova de sua grande efficiencia. O seu aparelho foi atingido por seis balas de metralhadora".

### TUDO FALSO!

A esse respeito falámos hoje cedo, no campo de Marte, com o capitão João Negrão. Declarou-nos o piloto paulista que tudo é falso, pois, no campo de aviação de Taubaté não existe avião algum das forças constitucionalistas. Faltou todos aqui, em perfeita forma de voo. No que respeito ás bombas que atirou sobre o campo daquela cidade, disse-nos, ainda, o mesmo piloto, que nenhuma atingiu o alvo, caindo todas ellas no matto.

O tenente Muricy, sargento da ditadura, que estava a servir no campo de Taubaté, encontrava-se, na occasião do bombardeio, no campo de Taubaté e assegurou-nos, hoje cedo, que o tenente Muricy é bem... fuido para atirar bombas, pois todas cahiram kilometros além do alvo. A respeito dos dois aviões nossos atingidos, confirmou as declarações de Negrão, pois lá não ha aviões constitucionalistas.

Inserção publicada na página 4, do jornal *A Gazeta*, de 22 de julho de 1932, referente à escuta da rádio *Philips, PRAX*, do Rio de Janeiro (reprodução reduzida).

O endereço da rádio *Record*, na Praça da República, fazia esquina com a rua Barão de Itapetininga, onde no dia 23 de maio de 1932 morreram os quatro jovens revolucionários Martins, Miragaia, Drauzio e Camargo. Segundo a atriz Renata Fronzi, viúva do locutor César Ladeira, o marido testemunhou o assassinato dos quatro rapazes da janela da emissora. Em entrevista para esta pesquisa, no ano de 2002, ela recorda fatos narrados por Ladeira, durante a Revolução de 1932:

Depois de ver o assassinato do M.M.C.D, o César chamou o técnico, da Record, que colocava a estação no ar e disse: "Vamos fazer uma coisa. Esta estação tem um quilowatt. Para chegar no Rio de Janeiro só depois da meia-noite, se não a onda não chega. Vamos colocar a estação no ar à meia-noite, porque eu vou falar da Revolução". Eles então queriam uma música para colocar no ar, como fundo para estas irradiações. A discoteca da *Record*, era pequena e o primeiro disco que pegaram foi o que tinha a marcha "Paris-Belfort", que ficou sendo a trilha da Revolução. O César, como jovem determinado com a questão paulista de querer ganhar a Revolução, começou a falar de madrugada. Era escondido do Dr. Paulo Machado de Carvalho, o dono da emissora. Mas um dia um amigo do Dr. Paulo, disse a ele: "Paulo, que coisa maravilhosa você está fazendo, colocando a estação no ar à noite, falando da Revolução, e aquele menino (César Ladeira, tinha 21 anos na época), que é muito bom, que fala em sustentar o fogo que a vitória é nossa..." Dr. Paulo, que era muito esperto ficou quieto. Naquele dia, meia-noite e ele chegou à rádio na ponta dos pés e pegou todo mundo no pulo. E claro que ele não foi bobo de tirar o César do ar, porque aquilo era um benefício para São Paulo. (Renata Fronzi em entrevista ao autor).

No dia 1 de agosto de 1932, segunda-feira, uma inserção publicada no jornal *A Gazeta*, divulgou em nota a programação noturna da rádio *Record* referente ao jornal com notícias exclusivas sobre o movimento constitucionalista.

## Mais uma collaboração da Radio Sociedade Record

A Rádio Sociedade Record, em collaboração com a commissão constituída sob a presidencia do director do Departamento de Publicidade, iniciou hontem, das 22 ás 22,30, o seu Jornal do Radio, dando noticias pormenorizadas sobre o grande movimento constitucionalista de São Paulo.

Desde o inicio deste movimento, a PRAR se collocou inteiramente ao lado da causa de São Paulo e do Brasil. Conseguiu que personalidades, das de mais em evidencia em São Paulo, honrassem o seu microphone; estabeleceu, com o auxilio precioso da sra. d. Marina Margarido, um posto que, só em cigarros, já enviou mais de doze milhões ás diversas frentes, sem se referir a mais de 15 caminhões com generos, mantimentos, agasalhos, etc., de toda especie; supprimiu, e isto desde o primeiro dia, todos os seus annuncios para que as irradições dos communicados de noticias tivessem maior realce; emfim, dedicou-se e dedica-se unica e exclusivamente á causa constitucionalista.

Grande valor, por isso, tem o seu Jornal do Radio, diariamente, de 22 ás 22,30 minutos, para o que chamamos a attenção de todos.

Nota publicada na página 3, do jornal *A Gazeta*, em 1 de agosto de 1932  
(reprodução ampliada)

Em 1933, César Ladeira transferiu-se de São Paulo para o Rio de Janeiro. No dia 1 de setembro daquele ano ele foi contratado como director da rádio *Mayrink Veiga*. No comando

da emissora, Ladeira convidou grandes nomes da música popular brasileira, para a programação artística e passa a ter estreito contato com estes. "O César era um apelideiro, ele colocava nome em todo mundo", lembrou Renata Fronzi. Entre os cantores apelidados por Ladeira estão: Carmem Miranda, que antes era chamada de "A Ditadora Risonha do Samba", virando então "A Pequena Notável"; Francisco Alves deixa de ser o "Príncipe dos Cantores", transformando-se em "O Rei da Voz"; Silvio Caldas, "O Caboclinho Querido".

“A César o que é de César...” Com esta frase o jornal *A Gazeta*, do dia 17 de agosto de 1932, quarta-feira, na página 4, publicou em segunda edição, uma nota exaltando o locutor César Ladeira pela atuação dele diante dos microfones da rádio *Record*, durante a Revolução Constitucionalista em São Paulo. Por essa atuação, Ladeira tornou-se uma das personalidades mais respeitadas do meio rádio e um dos símbolos do movimento revolucionário.

# A César o que é de César...

É uma justiça que deve ser feita a Cesar Ladeira. "Arauto" moderno, que fez do rádio o seu "cavallo de batalha", não ha negar que foi o incançavel "speaker" da Record o porta-voz da causa constitucionalista. Elle, á bocca do microphone, como os emissarios antigos, leu e releu, para uma multidão curiosa, os dictames de s. m. — o povo paulista. Foi mais além: na sua inquietude patriotica, Cesar Ladeira, achando pouco o quanto já falára e fizéera em longas horas do dia, desdobrou-se em esforços e até altas horas da noite, quando a sua multidão ouvinte já se enamorava dos lençoes, a sua voz, velludosa e sympathica, sahiu á rua, como nova Lady Godiva, a atrahir a attenção dos seus admiradores...

Era a nova "Hora X" de Cesar Ladeira, a "Hora H" das victoriosas revelações microphonicas da Record.

Como recompensa, Cesar Ladeira tem recebido uma verdadeira avalanche de testemunhos "aureos" e "brilhantes".

Nota publicada no jornal *A Gazeta*, do dia 17 de agosto de 1932 (reprodução ampliada).

# Cesar Ladeira



As chronicas de CESAR LADEIRA lidas, ás 21 horas, pela PRA-9, são escriptas com a maravilhosa CANETA "SHEAFFER'S", gentil offerta da Casa Marzullo — a papellaria n.º 1 da cidade maravilhosa.

O grande speaker e director artistico da RADIO MAYRINK VEIGA ao microphene da NATIONAL BROADCASTING COMPANY, em Radio City, Nova York

PRANOVE

— 23 —

JULHO DE 1939

César Ladeira em inserção na página 23, da revista *PRANOVE*, vinculada à rádio *Mayrink Veiga*, edição de julho de 1939.

## Conclusão do Capítulo I

Os dados apresentados neste capítulo revelam de forma documental, registros impressos do rádio brasileiro, em jornais da década de 1930, período em que esse veículo de comunicação se desenvolve e conta com acentuado prestígio na mídia impressa. As edições apresentadas têm fundamental importância para a reconstituição da vida radiofônica no país. Neste caso, e principalmente, pelo fato da existência rara de arquivos sonoros do período mencionado. Registram-se também, os fatos históricos que marcaram esta fase do rádio brasileiro, sobretudo, em São Paulo, na época da Revolução de 1932, quando a rádio *Record* tem atuação importante nas transmissões dos fatos, daquele movimento. Esta situação revela a força do meio rádio, num período de recente profissionalização.

Outro destaque é a utilização do rádio como difusor da cultura, sobretudo a música, que ocupa significativo espaço nas programações das emissoras. Nesse sentido, a vida de artistas, como Carmem Miranda, torna-se pauta de destaque em todos os gêneros impressos, nas seções de variedades.

As atuações dos radialistas César Ladeira e do empresário Assis Chateaubriand surgem como pontos de importante reflexão neste capítulo, na questão da relação entre rádio e mídia impressa. Ladeira, pelo fato de ser radialista e de registrar na revista *PRANOVE*, da qual foi diretor, em fases marcantes do rádio da década de 1930. Chateaubriand, por ser empresário, à frente de veículos impressos e, posteriormente eletrônicos e também pela aproximação com o governo, do período, fato que o notabilizou. Sinaliza-se aqui também o início da televisão no Brasil. Era notória a expectativa sobre a instalação desse meio em 1950. Jornais como o *Cine-Rádio-Jornal* e outros veículos do gênero, insistiam na linha editorial que mesclava as pautas sobre cinema, com as matérias referentes ao rádio. Nesta composição, som e imagem se aproximavam, antes da chegada da TV. Quando essa aparece o ambiente receptivo já estava preparado.

## CAPÍTULO II

### **Registros impressos das rádios *Mayrink Veiga* e *Nacional*, nas revistas *PRANOVE e Carioca* e outras referências documentais de segmentos radiofônicos**

#### 2.1 - Bastidores do rádio nas páginas da revista Carioca

Entre os fatos políticos ocorridos no Brasil, em 1935, está a instalação da Aliança Nacional Libertadora, no mês de março, com Luiz Carlos Prestes como Presidente de Honra. Esta Aliança foi fechada quatro meses depois. Em abril daquele ano, seria sancionada a Lei de Segurança Nacional. Os militares exigiam firmeza contra os comunistas.

É neste contexto que surge, em outubro de 1935, a revista *Carioca* editada pela empresa jornalística *A Noite*, que no ano seguinte inaugura a rádio *Nacional*, no Rio de Janeiro. A revista passa a circular semanalmente com direção de Anísio Motta. O endereço da redação era a Praça Mauá, número 7, no mesmo edifício que abriga até hoje a mencionada emissora.

Cabe ressaltar a relação da publicação com o governo que em "1940 decide que a rádio *Nacional* tinha de ser um instrumento de afirmação do regime". O "presidente da República, Getúlio Vargas, decretou a encampação da empresa *A Noite*, à qual pertencia a emissora" (Ortriwano, 1985: 14).

No campo de expediente da revista *Carioca*, além da identificação do diretor constava o nome do gerente Vasco Lima e do Secretário Raymundo Magalhães. Não havia o número de exemplares a cada edição, mas sim apontados os valores para a venda: "\$500" na cidade do Rio de Janeiro e "\$600" (valores em réis, moeda corrente do período) para outros estados. Eram mencionados ainda os custos para assinantes no Brasil com cotas anuais de 29\$000 e semestrais de 15\$000. As tiragens atingiam também outros países. "Para o estrangeiro" a

revista informava as seguintes taxas: 55\$000 para as assinaturas anuais e 29\$000 para as semestrais.

Com 63 páginas, no formato 20 x 27 cm, a revista *Carioca* era dividida em três colunas. Entre elas, diversas seções como interpretações de sonhos, curiosidades, contos, esportes, atualidades, humor, moda, história e palavras cruzadas. A capa de cada edição apresentava, na maioria das vezes, a foto de um artista famoso. Em outros casos, era ilustrada com alguma outra pauta de destaque, como tendência de comportamento, ou fato inédito.

A publicidade da revista variava entre diversos produtos e serviços, de lojas de móveis a cosméticos, vestuários e medicamentos. As matérias sobre cinema traziam com destaque bastidores da vida dos ídolos das telas americanas. O rádio, na revista *Carioca*, recebia vários espaços, entre eles, um dedicado aos ouvintes, na seção "O que pensam os Radio-Ouvintes". Na edição número 2, de 1 de novembro, de 1935, a publicação destaca um concurso para saber a opinião do público de rádio sobre os programas. Eles deveriam responder à redação via carta, concorrendo a prêmios em dinheiro, nos valores de 100\$000 e 25\$000 com o seguinte edital:

Escreva sua opinião no concurso de Carioca. O concurso permanente que Carioca instituiu, entre os radio-ouvintes, repercutiu de maneira sympathica em todos os circulos radiophonicos. O objectivo do interessante certame é divulgar as impressões dos apreciadores do radio sobre os programas das estações emisoras, como dos artistas que nelles actuem, qualquer que seja a sua modalidade. O público, pelas páginas de Carioca poderá fazer a critica do "broadcasting", dizendo o que lhe agrada e o que lhe desagrade, e offerecendo suggestões em proveito da melhoria das audições. Carioca premiara, semanalmente, as cartas mais interessantes que lhe forem enviadas pelos seus leitores, de qualquer recanto do paiz, publicando-as nesta seção.

Na mesma página, ilustrando as normas do concurso, duas fotos: uma da cantora Heloisa Helena, citada como "figura jovem, mas já com accentuado prestigio no nosso broadcasting". A outra fotografia é de Cecília Miranda (irmã de Carmem Miranda), descrita como "a terceira das irmãs cantoras que os fans do radio tanto admiram".

# O que Pensam os Radio-Ouvintes

## Escreva SUA OPINIÃO

### Concurso de "CARIOCA"

O concurso permanente que CARIOCA instituiu, entre os radio-ouvintes, repercutiu de maneira sympathica em todos os circuitos radiophonicos. O objectivo do interessante certame é divulgar as impressões dos apreciadores do radio sobre os programmas das estações emissoras, como dos artistas que nelles actuem, qualquer que seja a sua modalidade. O publico, pelas paginas de CARIOCA, poderá fazer a critica do "broadcasting", dizendo o que lhe agrada e o que lhe desagradá, e offerecendo suggestões em provento da melhoria das audições. CARIOCA premiará, semianualmente, as cartas mais interessantes que lhe forem enviadas pelos seus leitores, de qualquer recanto do paiz, publicando-as nesta secção. A missiva mais singular da semana, seja pelo seu merito literario, seja pela justeza das suas observações, destinaremos um premio de 100\$000. Quatro outras cartas serão premiadas com 25\$000. Todas as semanas, portanto, distribuirá CARIOCA 200\$000 aos leitores deste pagina. Queremos que os radio-ouvintes dêem sua opinião, escripta, porém, com graça e elevação, dentro das normas da elegancia que a boa ethica jornalística recommenda.



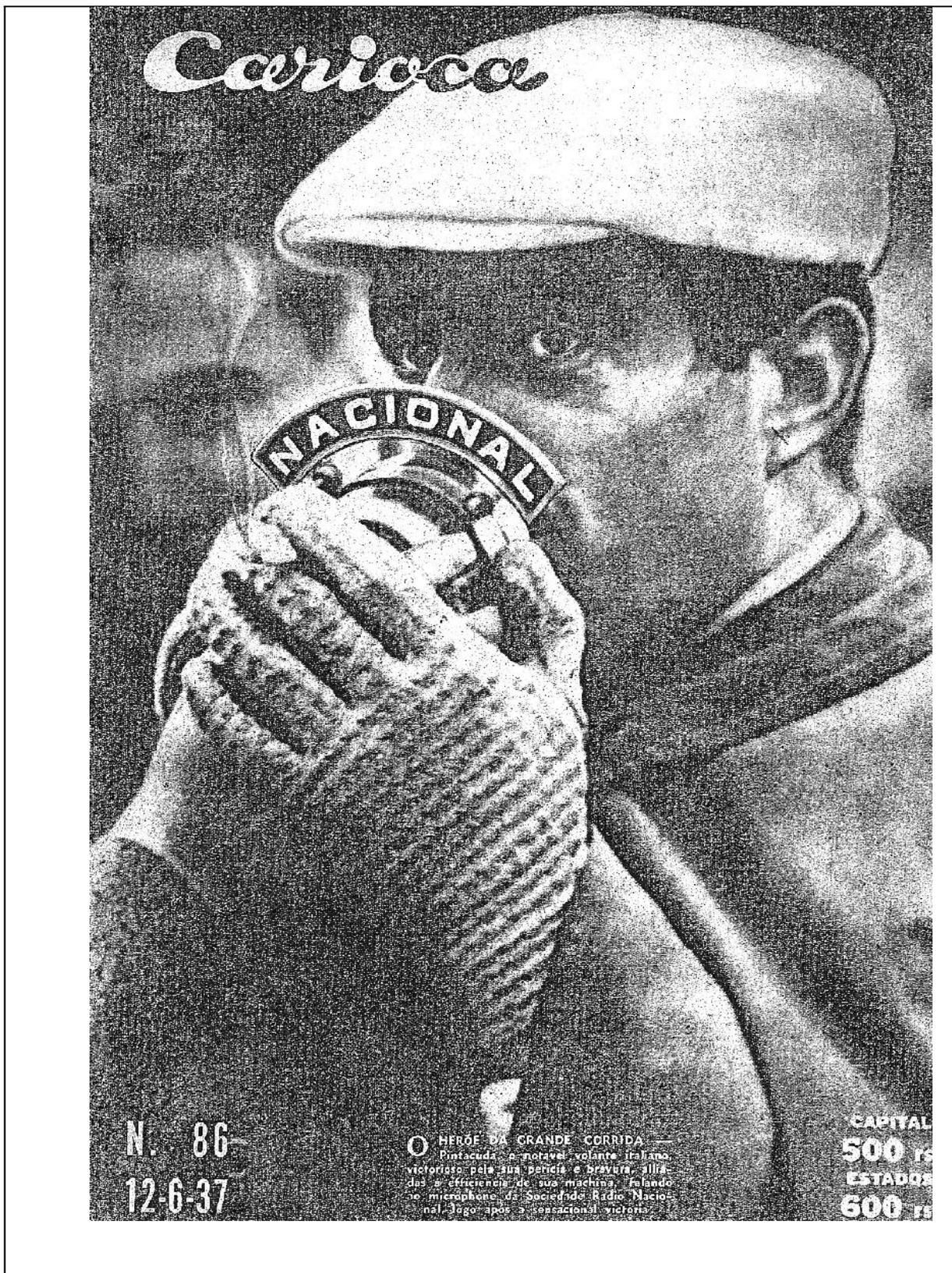
Cecilia Miranda, a terceira das irmãs cantoras: que os "fans" do radio tanto admiram



Heloisa Helena, figura joven, mas já

As cartas, que não podem ter mais de dez linhas escriptas a machina, deverão ser enviadas a redacção de CARIOCA — Secção de Radio — Praça Mauá, 7 — Rio. Tem a palavra, desde já, os radio-ouvintes de todo o Brasil, aos quaes offerecemos esta pagina afim de que exercem, por si mesmos, a critica do "broadcasting".

Página da coluna "O que Pensam os Radio-Ouvintes", da revista *Carioca*, edição número 2, de 01 de novembro de 1935 (reprodução reduzida).



Capa da revista *Carioca*, edição número 86, de 12 de junho de 1937, com foto do piloto italiano Pintacuda, falando ao microfone da rádio *Nacional*, do Rio de Janeiro, após vencer o Circuito da Gávea, daquele ano (reprodução reduzida).

As cartas enviadas à redação da revista *Carioca* passaram a ser publicadas a partir do terceiro número da edição, numa estratégia promocional dos editores. Sempre com o destaque do grande número de correspondências recebidas, seguia-se a informação dos valores do concurso revelando as dificuldades para a escolha dos contemplados, como na publicação número 11, de 04 de novembro de 1936, na página 43: "Ante a avalanche de cartas que temos recebido, já difícil torna-se para nós a escolha dos originaes a premiar".

Nos trechos das cartas premiadas e publicadas, as correspondências dos ouvintes traziam elogios à revista, demonstravam ingenuidade e humor. Na mesma seção algumas manifestações fugiam ao propósito da crítica às emissoras de rádio. Na revista número 11, de 4 de novembro de 1936, página 43, a *Carioca* publicou o seguinte texto:

... tenho um bello aparelho de radio de que me sinto muito orgulhosa. Meu vizinho da direita também tem um e o da esquerda igualmente. Acontece que defronte mora uma família que também possui um aparelho identico e todos parecem igualmente felizes em demonstrar pujança de suas valvulas. E' uma desgraça! Pela esquerda canta Martha Eggerth, pela direita ouço anuncios de sabão, vêm da casa fronteira sambas de Carmem Miranda. E eu fico louca, porque não entendo patavina das musicas que cantam de mansinho em minha casa. Há duettos surprehendedentes de Carmem Miranda com Titto Schipa e todos parecem divertir-se com essa patuscada. Sinto-me infeliz... Rua 5 de julho, 368 - Nictheroy. Dulce Duarte.

O registro radiofônico histórico dessa época, embutido nessas correspondências de ouvintes, traziam comentários sobre artistas em início de carreira, que decolaram para o estrelado mantendo-se pelo menos nas duas décadas seguintes como ícones da música popular brasileira. Na edição número 11, de 4 de novembro de 1936, a *Carioca* fez uma referência à cantora Dircinha Batista:

Dyrcinha Baptista, a cantora-menina, tão conhecida e applaudida nos meios radiophonicos. Desejo salientar que os meritos que possui não estão apenas nos seus dotes vocais...Em suma, com Dyrcinha não se poderá applicar o velho rifão "cresça e appareça", porque ella já vae apparecendo antes mesmo de crescer.

O nacionalismo brasileiro e os reflexos da cultura americana no país podem ser pensados através da leitura da revista *Carioca*. Nas matérias sobre o cinema dos Estados Unidos, ou na seção de moda, sobre figurino francês, os ídolos do país foram reverenciados e orgulhosamente apresentados quando de suas atuações no exterior. Na edição número 11, de 4 de novembro de 1936, na página 43, a *Carioca* publica o artigo "A arte brasileira nos Estados Unidos" com "Guiomar Novaes, a grande pianista brasileira, cuja tournée nos Estados Unidos foi coroada de mais amplo sucesso". E ainda: "Bidú Sayão a gloriosa cantora, que conquistou mais um grande triumpho, em Nova York".

Na edição de 26 de agosto de 1939, em nota com destaque na página 42, Carmem Miranda foi anunciada com o título: "O Gesto é Tudo para Camem Miranda". Ao lado da foto da cantora a legenda: "Carmem Miranda vai aparecer em um film-revista da Fox, em que cantará "Touradas em Madrid" e "Que é Que a baiana tem?". Dorival Caymmi, Alberto Ribeiro e João de Barro vão ganhar um bocado de dolars...". A matéria tem início com o sub-título: "Aposentadoria ou casamento", com o seguinte texto nos primeiros parágrafos:

Com Miss Miranda, os rodeios são inúteis. Ela diz que é uma cantora, e não uma atriz. "Es lo que sou". Eu não sou nada mais. Diz que espera cantar ainda uns dois ou tres anos. "Depois eu me aposentarei. Fixar-me ei na vida". (Explica que isso quer dizer casamento"). - É a finalidade de todas as mulheres. Eu tenho uma coisa guardadinha aqui dentro. (E bate na testa, entre brejeira e pensativa). Miss Miranda acha maravilhosa sua estada aqui. Na América do Sul, uma cantora não é considerada "Boa coisa". O pessoal fica um pouco arredio:- Uma cantora de radio, ainda pode ter vida social. Mas uma pequena de "cabaret", de casino, de "music hall", "pooh"! Aqui, é diferente. Tenho convites todos os dias. Deixam cartões em meu camarim. Sabe quem era aquele rapaz "alinhado? Pois, nada menos do que o governador do Massachussets.



## O GESTO É TUDO PARA CARMEN MIRANDA

Um reporter americano entrevista, em espanhol, a "estrela" do samba  
Por Peter Kihss (Do "New York World Telegram")

### APOSENTADORIA OU CASAMENTO

Com Miss Miranda, os rodeios são inúteis. Ela diz que é uma cantora, e não uma atriz. "Es lo que soy". Eu não sou nada mais. Diz que espera cantar ainda uns dois ou tres años. "Después eu me aposentarei. Fixar-me-ei na vida". (Explica que isso quer dizer "casamento").

— É a finalidade de todas as mulheres. Eu tenho uma coisa guardadinha aqui dentro. (E bate na testa, entre brejeira e pensative).

Miss Miranda acha maravilhosa sua estada aqui. Na America do Sul, uma cantora não é considerada "Boa coisa". O pessoal fica um pouco arreado:

— Uma cantora de radio, ainda pôde ter vida social. Mas uma pequena de "cabaret", de casino, de "music-hall", "poo!" Aqui, é diferente. Tenho convites todos os dias. Deixam cartões em meu camarim. Sabe quem era aquele rapaz "alinnado"? Pois, nada menos do que o governador de Massachussets.

Conclue na pag. 48)

Carmen Miranda vai aparecer em um film-revista da Fox, em que cantará "Toureadas em Madrid" e "Que é que a baiana tem?". Dorival Caymmi, Alberto Ribeiro e João da Barra vão ganhar um bocado de dólares...



HA dois tipos de canções: Canciones paradas y canciones con movimientos", disse Carmen Miranda. A gente canta imóvel, ou canta fazendo gestos.

— E qual prefere?

O-o-o-oh!

A "cálida" pequena rompe numa gargalhada sincopada:

— Mas... con movimiento!

E explica que é esta a sua criação.

O espanhol é muitas vezes uma graça de Deus, entre todas as línguas. Ainda agora, ele é uma ponte, para se compreender Miss Miranda, chefe principal da política do "bom vizinho", a "chica" encantadora que, nos minutos finais do primeiro ato, resplandesce em "Streets of Paris". Brasileirinha, fala português. Seu in-

glês é tão errado, que muita gente perdeu tempo, chamando-a em alemão. Mas, o castelhano que ela fala é limpo e claro como o luar na Baía da Guanabara.

Carmen Miranda agita os bastidores do Broadhurst. Emerge de uma libra ou duas de colares de contas. E o seu rosto cor de café, entre as missangas e os braceletes da fantasia, sorri como uma visaz maravilhosa.

— Só aqui, eu me sinto como si fosse uma artista. No Brasil, eu faço a mesma coisa, canto as mesmas canções. Mas todo o mundo compreende o que eu canto. Todos sabem o que eu digo. Aqui, não. Todos sentem, apenas, a musica. Os gestos explicam o resto. \*It is a maravilha\*.

★ 42 ★

Uma pauta sobre o destino do rádio e o desenvolvimento da televisão, em 1950, aparece na revista *Carioca*, edição número 215, de 25 de novembro de 1939. A matéria intitulada "O Futuro do Rádio: os novos rumos abertos ao Broadcasting pela televisão", recebe a assinatura de Mario Castellar. No texto, a história da origem da televisão e a possibilidade desse veículo chegar país, a partir de uma evolução radiofônica.

No Brasil, tivemos, há alguns meses, as primeiras experiências, levadas a efeito pelo Departamento Nacional de Propaganda, em colaboração com o engenheiro Hans Pressler, diretor dos Correios e Telegrafos da Alemanha. (...) E trabalhando sempre, os cientistas procuram aumentar cada vez mais as possibilidades da televisão, que será a base do "broadcasting" de amanhã.

O texto revela a história do invento do aparelho de televisão em um discurso apontado para a iniciativa de pesquisas no setor nacional de radiodifusão, para a instalação da TV no Brasil. O período assemelhou-se ao vivido no país atualmente acerca das possibilidades do rádio digital, com os questionamentos e conjeturas sobre as vantagens dessa forma de mídia, remanejamentos no mercado publicitário e nos conteúdos das atrações artísticas e noticiários. Porém, nesse clima de expectativas, o mencionado artigo da revista *Carioca*, apontava no primeiro parágrafo a seguinte frase: "O "broadcasting" é ainda uma instituição muito recente e mesmo instável para que se possa entrevêr, com segurança em que rumo será processado o seu desenvolvimento."

Uma expressão curiosa, utilizada por alguns pesquisadores da época, no campo da radiodifusão, figura também no referido artigo, quando se definia o período, como "A era da televisão", quando esta nem existia no país. O penúltimo parágrafo, da matéria ilustra esta afirmação: "Começou então a idade da televisão. Os técnicos dos grandes países prosseguiram nas experiências."



As Irmãs Pagas fazem, na Feira de Amstras, uma experiencia de televisao

# O FUTURO DO RADIO

OS NOVOS RUMOS ABERTOS AO "BROADCASTING" PELA TELEVISAO

Reportagem  
de  
Mario  
Castellar

Especial  
para  
CARIOCA

CHEGAMOS ceginho á redação; e, na correspondência da semana, encontramos, vinda de Pernambuco, uma pergunta sobre a televisão e o futuro do radio. O nosso primeiro impulso, dentro da lei do menor esforço, é no sentido de resumirmos a resposta em duas linhas, com a desculpa de que os prognósticos apresentam-se sempre temerarios. Mesmo porque a advertencia de Maurice Rambert, presidente da "Union Internationale de Radiodiffusion", não deve passar despercebida. O "broadcasting" é ainda uma instituição muito recente e mesmo instavel para que se possa entrever, com segurança, em que rumo será processado o seu desenvolvimento.

As tiras brancas de papel estão, entretanto, reclamando uma reportagem. E por

que não aproveitar o assunto? É uma boa idéia. E assim, começaremos por dizer á gentil consuinte que o destino do radio acha-se condicionado aos principios de uma organização e ao aperfeiçoamento da técnica. Enquanto não se firma definitivamente, no choque das ideologias, o conceito da sua exploração, o progresso da ciencia vai abrindo novos caminhos ao "broadcasting". A última etapa vencida é a televisão, que, juntando a audição á ótica, utiliza os dois sentidos por excelencia.

Ha realmente muita coisa a fazer, no campo da televisão. Mas existem também conquistas definitivas, notadamente, na Inglaterra e nos Estados Unidos, que já exploram comercialmente o sistema posto em pratica por John L. Baird. E, no Brasil, ti-

venhos, há alguns meses, as primeiras experiencias, levadas a efeito pelo Departamento Nacional de Propaganda, em colaboração com o engenheiro Hans Prestler, diretor dos Correios e Telégrafos da Alemanha.

As origens da televisão remontam á descoberta, em 1817, do metalóide "selênio" por J. J. Berzelius. Vinte e oito anos depois, tivemos os trabalhos de Michael Faraday, demonstrando o efeito de um campo magnético sobre a luz polarizada. Vieram, mais tarde, as invenções que serviram de base aos diferentes processos de análise de uma imagem, como o famoso dispositivo de Paul Nipkow e a utilização por Boris Rosing de uma especie de tubo de raios catódicos. E, finalmente, na sexta-ultima, Campbell-Swinton ampliou as correntes necessarias á transmissão.

Foi preciso, porém, que esperassemos quasi dois decenios para chegar a um período de experiencias satisfatorias. Em 1923, na Inglaterra, John L. Baird iniciou as suas pesquisas, que conduziram á formação do primeiro sistema pratico de televisão, á baixa definição, explorando trinta linhas por imagem e doze imagens por seculo por segundo. Esse processo avultou a tal ponto que, em 1929, a "British Broadcasting Corporation" firmou um accordo com o inventor para a transmissão regular de programas televisuais.

Começou, então, a idade da televisão. Os técnicos dos grandes países proseguiram nas experiencias. Nos Estados Unidos, C. F. Jenkins, trabalhando nos laboratorios da "American Telegraph And Telephone Company", conseguiu a transmissão por fio entre Nova York e Washington, em uma distancia de duzentas e cincoenta milhas. Edoard Belin e R. Barthelemy tomaram-se os vanguardistas do movimento francês. E, na Alemanha, Denys von Mihaly e Manfred von Ardenne trouxeram uma valiosa contribuição ao progresso da televisão.

A industria radiotécnica, dispondo de elevados capitais, resolveu incentivar as pesquisas dos técnicos. Chegou-se, desse modo, á substituição dos processos mecânicos por processos eletronicos, tendo a transmissão á baixa definição cedido lugar ao método de alta definição. E, sobre essa nova base multiplicaram-se os sistemas de emissoes televisuais.

## LARGA-ME!... DEIXA-ME GRITAR!...



### XAROPE SÃO JOÃO

#### E' O MELHOR PARA TÓSSE E DOENÇAS DO PEITO

Com o seu uso regular: 1 — a tosse cessa rapidamente. 2 — As gripes, constipações ou defluxos cedem, e com elas as dores do peito e das costas; 3 — Aliviam prontamente as crises (atlições) dos asmáticos e os acessos da coqueluche, tornando-se mais ampla e suave a respiração; 4 — As bronquites cedem suavemente, assim como as inflamações da garganta; 5 — A insônia, a febre e os suores noturnos desaparecem; 6 — Acentuam-se as forças e normalizam-se as funções dos órgãos respiratorios. Labor. Alvim & Freitas — S. Paulo.

Matéria da revista *Carioca* na edição número 215, de 25 de novembro de 1939 (reprodução reduzida).

## 2.2 – A cobertura impressa da inauguração da rádio *Nacional*, no Rio de Janeiro

A fase anterior à inauguração da rádio Nacional, no Rio de Janeiro, em 1936, causava na concorrência e nos meios jornalísticos e artísticos várias especulações e boatos. Cantores e radialistas eram sondados para atuarem na nova estação. Os preparativos e adaptações no endereço, que abrigaria a emissora geravam comentários e interesses diversos, pela ostentação das equipes de trabalho, que ao mesmo tempo preservavam algumas informações. Notas brotavam na mídia impressa, noticiando o surgimento de mais uma grande emissora no país. A revista *O Malho*, na edição de 23 de julho de 1936, apresenta uma referência à rádio *Nacional*, em nota na página 9, anunciando a inauguração da emissora, que estaria em “período embryonário”, porém na realidade a *Nacional* já havia passado desta fase. A inauguração ocorreu dois meses depois da citada publicação, no mês de setembro.



Nota publicada na revista *O Malho*, na edição de 23 de julho de 1936 (reprodução reduzida).

Na cobertura da festa de inauguração da rádio *Nacional*, a revista *Carioca*, vinculada à nova emissora, com sede no mesmo edifício, localizado na Praça Mauá, número 7, dedicou as páginas centrais da publicação à reportagem. Na edição número 48, de 19 de setembro de 1936, a matéria recebe o título: "Do Rio Para Todo o Brasil! Sabado último inaugurou-se, com grande brilho, a radio Nacional!".

A emissora foi inaugurada no dia 12 de setembro de 1936, às 21 horas. O glamour da festa de inauguração estampada nas páginas da revista *Carioca* sinalizava o nascimento, "a maior lenda do rádio brasileiro", em expressão da escritora, professora e doutora da Universidade de São Paulo, Gisela Ortriwano, no livro "A Informação no Rádio - os grupos de poder e determinação dos conteúdos".

As fotos da revista exibiam artistas em trajes de gala, como Bidú Sayão, que cantou "duas lindas canções"; Orlando Silva, Aracy de Almeida, "cantando um samba carioca"; "Bob Lazy" o interessante interprete de "foxes" genero "hot", cantando acompanhado por Pereira Filho. "The music goes round and around". O texto de início da matéria revelou a grandiosidade do evento:

Teve um brilho excepcional a inauguração da Sociedade Radio Nacional. No estudio do edificio d'A NOITE, além de vários membros do governo, representantes de altas autoridades, deputados, vereadores, delegações de instituições culturais, de sociedades diffusoras, artistas e membros de letras, compareceram as mais representativas figuras da sociedade brasileira. Autoridades internacionais também estão listadas na reportagem sobre a festa que teve início com "a execução do Hynno Nacional pela grande orchestra do Theatro Municipal. Em seguida, inaugurando a nova estação, falou o Dr. Medeiros Netto, presidente do Senado, seguindo-se-lhe com a palavra abençoando a Radio Nacional, S. E. o Cardeal Arcebispo, que falou do Palacio de S. Joaquim, ligado directamente ao microphone da PRE-8.



Elisa Coelho, a magnífica interprete de canções brasileiras, quando era apresentada por Celso Guimarães, um dos melhores "speakers" com que conta actualmente o Rio



Bidu Sayão, a maior cantora do Brasil e uma das melhores do mundo, emprestou brilho excepcional à inauguração da PRE-8, cantando duas lindas canções



Orlando Silva, o inconfundível cantor da nossa musica sentimental e um dos grandes sucessos da noite de estrêa da PRE-8

# DO RIO PARA

## SABBADO ULTIMO INAUGUROU-SE, COM



Bob Laxy, o interessante interprete de "foxes" genero "hot", cantando acompanhado por Pereira Filho, "The music goes round and around"



Roxane, interpretando canções francezas, foi, acompanhada pela orchestra, sob a direcção de Romeu Ghipsman

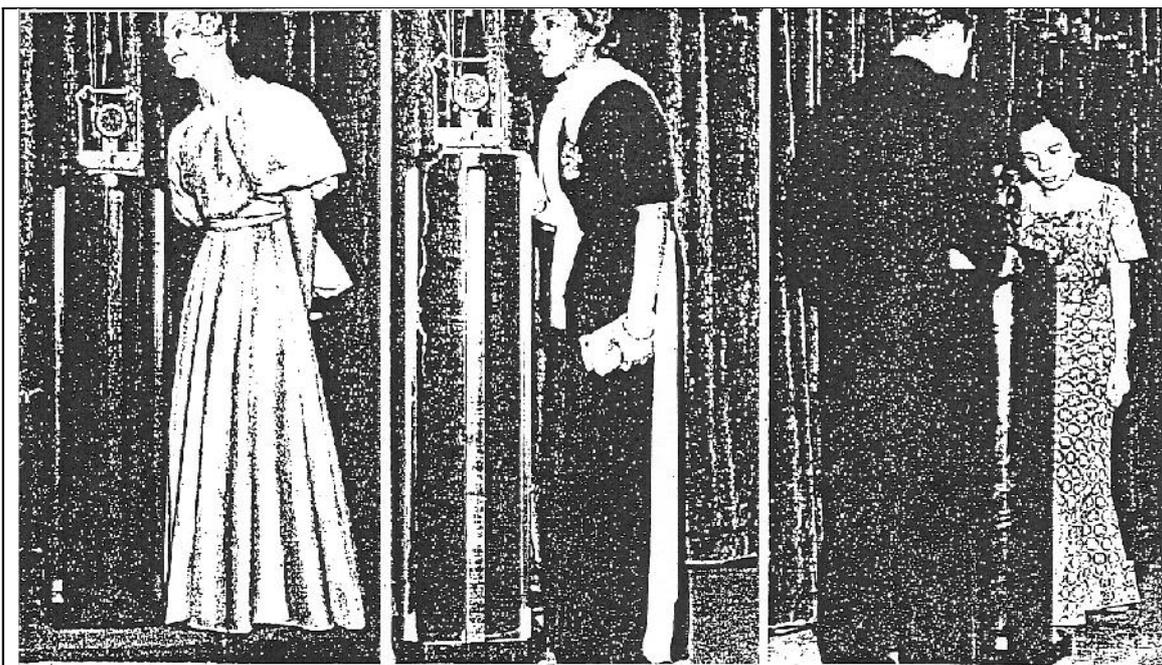
TEVE um brilho excepcional a inauguração da Sociedade Rádio Nacional. No estúdio do edificio d'A NOITE, além de varios membros do governo, representantes de altas autoridades, deputados, ve-

*Carioca*

readores, delegações de instituições culturais, de sociedades diffusoras, artistas e membros de letras, compareceram as mais representativas figuras da sociedade brasileira.

★ 40 ★

Entre os presentes notavam-se o presidente do Senado Federal, embaixadores da França, Portugal e Japão; ministros de Estado, presidente da Academia Brasileira, da Câmara Municipal, da Associação



Sylvinha Mello, como interprete do nosso "folk-lore", é um dos mais destacados nomes do "cast" da PRE-8. Na inauguração da nova estação, Sylvinha foi um dos grandes sucessos.

Amalia Diaz, a interprete de tangos da PRE-8, apresentando uma interessante musica argentina

O Samba tem em Aracy de Almeida uma de suas maiores interpretes. Inaugurando a PRE-8 e cantando um samba carioca, Aracy mais uma vez reafirmou a sua incomparavel interpretação

# TODO O BRASIL!

## GRANDE BRILHO, A RÁDIO NACIONAL



A inauguração da Radio Nacional teve a prestigiosa presença de grande numero de pessoas da nossa melhor sociedade, como se pôde avaliar pela photographia



Sonia Carvalho, a querida "estrella" de São Paulo, cantando um samba, acompanhada pelo Regional da PRE-8, com Patrícia Filha e Dante Santoro

Brasileira de Letras, director do Departamento Nacional de Propaganda e Diffusão Cultural e varias outras personalidades de relevo.

Deu inicio á solennidade a execução do Hymno Nacional pela grande orchestra do Theatro Municipal. Em seguida, inaugurando a nova estação emissora, falou o Dr. Medeiros Netto, presidente do Senado, seguindo-se-lhe com a palavra, abençoando a Radio Nacional, S. E. o Cardeal Arcebispo, que falou do Palacio de S. Inaquim, ligado directamente ao microphone da PRE-8.

Página 41 da reportagem sobre a inauguração da rádio *Nacional*, no Rio de Janeiro, da revista *Carioca*, edição número 48, de setembro de 1936 (reprodução reduzida).



Falaram a seguir, proferindo expressivas orações, o embaixador de Portugal, na qualidade de sub-decano do corpo diplomático; o ministro da Educação, como orador official da cerimonia; os embaixadores da França e do Japão e o representante do embaixador argentino; presidente da Câmara Municipal, o director do Departamento Nacional de Propaganda, o presidente da Confederação de Radio-Difusão, o presidente da A. B. I., o Sr. Castellar de Carvalho, nosso companheiro d' "A Noite" e o director-presidente da Sociedade Rádio Nacional, Dr. Cauby de Araujo.

Nuno Roland, grande interprete de musica brasileira, que cantou pela primeira vez no Rio através do microphone da Radio Nacional



Maria de Sá Earp, uma das melhores cantoras lyricas do Brasil, quando cantava ao microphone da Radio Nacional uma delicada canção



Um aspecto da grande assistencia que enchia, literalmente, o amplo "auditorium" da nova emissora carioca



Os destacados cantores do elenco do Municipal, Bidú Sayão, Maria de Sá Earp, Giuseppe Danise, Bruno Landi, Aurelio Marcato, a illustre pianista Dyla Josetti, o conhecido artista Mario de Azevedo e a orchestra do Theatro Municipal executaram a parte de honra do programma musical, a que se seguiram os demais numeros a cargo do "cast" da Radio Nacional, que se inaugurou assim com um acontecimento mundano de raro brilho e grande repercussão.

Dolly Ennor cantando uma interessante musica de "camera" — "La Wally", obteve um dos maiores sucessos da noite

Página 42 da reportagem sobre a inauguração da rádio *Nacional*, no Rio de Janeiro, da revista *Carioca*, edição número 48, de setembro de 1936 (reprodução reduzida).

A instalação da rádio *Nacional*, na Praça Mauá, número 7, no 21º andar do edifício "A Noite" modificou a rotina do local e conseqüentemente o trânsito. Diariamente, com a chegada de cantores famosos ao local, enfrentavam-se aglomerações de ouvintes, fãs e

turistas que desejavam participar do clima gerado pela estação que falava para todo o Brasil e para outros países em ondas curtas.

Em entrevista para esta pesquisa, a cantora Marlene, contratada pela emissora em 1949, relatou que conhecia bem a história da Nacional desde o princípio das irradiações, da também chamada PRE 8. “Era assim de gente para conhecer a Nacional. No roteiro dos turistas constava entre as visitas, o “Pão de Açúcar”, “Praia de Copacabana”, “Cristo Redentor”, “Ipanema” e a “Rádio Nacional”, era uma alegria só. Não dava nem para entrar pela porta principal. Ficava tudo parado, o trânsito de carros e pessoas”, lembrou a artista em relato no ano de 2002.

A rádio *Nacional* permanece no mesmo endereço da época da inauguração. A revista *O Cruzeiro*, na edição número 11 de janeiro de 1930, publicou na página 21, a foto do prédio, que seis anos depois, em 1936, passaria a abrigar a estação. A reprodução consta em foto no artigo intitulado “O Rio de ontem e o Rio de Hoje”, com imagem anterior à construção do edifício. No texto, a informação de que naquele local funcionava o “Lyceu Literário Português”, próximo da antiga doca D. Pedro e o “embarcadouro Therezopolis”, anterior à construção do “Caes do Porto”.

# O RIO de ontem e o RIO de HOJE

O novo aspecto da Praça Mauá com o arranha-céu construído pela "A Noite", no local onde antigamente estava o Lyceu Literario Português.



A antiga doca D. Pedro e o embarcadouro para Therzopolis, antes da construção do Cais do Porto. Ao fundo vê-se o edificio de Lyceu Literario Português, onde agora se ergue um opulento arranha-céu.



Página 21 da revista *O Cruzeiro*, de 11 de janeiro de 1930 (reprodução reduzida).

A relação da revista *Carioca* com a política dos anos 30 estampava-se nas páginas da publicação em forma de apoio ao Estado, em reportagens favoráveis à administração do país

daquele período. Situação que não poderia ser diferente, uma vez que a rádio *Nacional*, vinculada à revista, fôra encampada pelo governo. Obviamente as pautas da revista *Carioca* seguiam esta linha. Na edição número 207, de 30 de setembro de 1939, a reportagem sobre o Dia do Rádio exemplifica a atuação da rádio conforme a reprodução do texto da mencionada publicação :

O “Dia do Radio” foi comemorado este ano com um almoço que o Sr.Lourival Fontes, diretor do Departamento Nacional de Propaganda, ofereceu às direções das emissoras e á imprensa radiofônica desta capital. Esse almoço constituiu uma festa de verdadeira cordialidade, a ele comparecendo, entre outras figuras, o Sr.Alceu Sá Freire, presidente da Confederação Brasileira de Radiodifusão; Manfredo Costa, presidente da Federação das Sociedades Paulistas de Radio; Roquette Pinto, o “pai do radio brasileiro”; Ilka Labarthe, chefe da secção de radio do Departamento de Propaganda; J. Maximiano de Faria, representante do radio paranaense, e elementos de todas as difusoras locais.

A aproximação da revista *Carioca* e da rádio *Nacional* com o Estado era semelhante ao sistema adotado pela concorrente, rádio *Mayrink Veiga* e pela revista *PRANOVE*, pertencente à emissora. O ponto comum entre as duas revistas, e respectivas estações de rádio, apontava para o apoio ao governo, ou pelo menos nenhuma reação contrária ao sistema político vigente no período. A revista *PRANOVE* demonstrava esta situação de forma bem mais explícita do que a *Carioca*, sobretudo nas edições aqui analisadas dos anos de 1938 e 1939. O presidente Getúlio Vargas e o diretor do Departamento Nacional de Propaganda, Lourival Fontes recebiam linhas de elogios nas páginas das duas revistas.

# O "Dia do Rádio"

Servindo ao Brasil "com a voz que exprime os pensamentos da nacionalidade"



Quando falava o Sr. Sá Freire



Aspecto do almoço comemorativo do "Dia do Rádio"

O "Dia do Rádio" foi comemorado este ano com um almoço que o Sr. Lourival Fontes, diretor do Departamento Nacional de Propaganda, ofereceu às direções das emissoras e à imprensa radiofônica desta capital. Esse almoço constituiu uma festa de verdadeira cordialidade, a ele comparecendo, entre outras figuras, o Sr. Alceu Sá Freire, presidente da Confederação Brasileira de Radiodifusão; Manoel Costa, presidente da Federação das Sociedades Paulistas de Rádio; Roquette Pinto, o "pai do rádio brasileiro"; Ilka Labarthe, chefe da secção de rádio do Departamento de Propaganda; J. Maximiano de Faria, representante do rádio paranaense, e elementos de todas as difusoras locais.

Oferecendo o almoço, o Sr. Lourival Fontes proferiu as seguintes palavras:

"Desejando homenagear-vos com um almoço de cordialidade, escolhi o "Dia do Rádio" por ser o único dia que tem uma aparência de feriado no vosso ano, profissionalmente constituído de 364 dias utilíssimos.

Não é fácil para os que, como eu, sinto o dever de interpretar os sentimentos que desperta a vossa obra, levar a bom termo propósito aparentemente tão fácil.

De quantas horas é feito o vosso dia e de quantas preocupações e ocupações ele se entrecruza?

Amanheceis acordando o Brasil para a ginástica que desperta energias, espanta desânimos e põe um sorriso sadio nos lábios do anônimo participante da luta quotidiana pelo engrandecimento da Pátria.

E tendo enchido os lares de melodias confortadoras e de palavras estimulantes, do amanhecer ao cair da noite, à hora mais preciosa aos vossos interesses comerciais, servis ao Brasil, encadeando vossas estações para cobrir o território nacional com a voz que exprime os pensamentos da nacionalidade e lhe imprime as diretrizes fecundas.

Depois, prosseguis com vossos programas ricos de elementos para a educação e recreio das massas, encorajando sempre tão compacta de realizações, minutos antes de morrer um dia ou minutos depois de nascer outro.

Talvez, absorvidos pela beleza e utilidade de vossa tarefa, vos haja passado despercebida a extensão dos vossos esforços; talvez mesmo os frutos desses esforços esperem de vossa parte a avaliação rigorosa.

Sacrificastes em favor dos interesses da comunidade os vossos interesses comerciais destinando a melhor hora do vosso dia ao programa em que o governo presta contas ao país, estabeleceu o contacto espiritual de todos os brasileiros, elucida e orienta, anima e conforta.

Não é o governo apenas que vos agradece, ou eu, que privando convosco em função do meu cargo, testemunho a vossa boa vontade constante, mas o Povo Brasileiro, disperso pelo nosso descomunial "hinterland" que vos é guiado por essas ondas mágicas conjugadas, graças às quais ressoa em cada lar a voz da nacionalidade.

E a Pátria Brasileira que vos homenageia nesta festa de cordialidade, reconhecida ao

vosso esforço permanente e à vossa fadiga quotidiana pela formação moral, preparação cívica e engrandecimento espiritual dos seus filhos."

Falaram, em seguida, os Srs. Alceu de Sá Freire, J. Maximiano de Faria, Gomes Filho e Manoel Costa.



O Sr. Lourival Fontes, falando

Carliossa

Além do contato com a história através das páginas de revistas, a visita em emissoras de rádio foi imprescindível para esta pesquisa. A estação que demonstrou maior facilidade e estrutura em revelar o acervo sonoro e instalações foi a rádio *Nacional*, no Rio de Janeiro. As visitas, com o objetivo de apurações, ocorreram nos meses de julho de 2002 e janeiro de 2007. O local abriga roteiros de antigos programas, como radionovelas, humorísticos e musicais, incluindo álbuns de fotografias, documentos, livros de registros e o *Rádio Teatro*, um dos locais mais visitados pelo público. Nesse espaço, permanecem antigos equipamentos de sonoplastia e o cenário utilizado principalmente nos anos 40 e 50.

Percorrendo os andares e instalações da emissora, encontramos registros de fotos de jornalistas, astros e estrelas do rádio. A sensação é de um encontro com uma das bases mais significativas da cultura popular brasileira. A empresa possui uma pequena biblioteca e uma discoteca. Nesse ambiente, há a presença de documentos raros, de um período que revela os embriões do nosso jornalismo eletrônico, das nossas novelas e programas de entretenimentos, ainda que estes dois últimos gêneros sejam mais conhecidos hoje somente na televisão.

As revistas da época immortalizaram aqueles momentos, já que o arquivo sonoro é deficitário, mesmo com as raridades, que por sorte, foram mantidas. Apesar do atual avanço midiático informatizado, o acervo sonoro do rádio brasileiro não se prolonga. Esse aparece muito mais a cargo de iniciativa voluntária dos profissionais do que propriamente das respectivas emissoras, apesar do fato de muitas destas empresas disponibilizarem antigas produções em sites.

Entre as possibilidades de se encontrar a memória do rádio consta também a empresa *Collectores*, com textos e produções radiofônicas antigas, que podem ser conhecidas no site < [www.collectores.com.br](http://www.collectores.com.br) >. Outras alternativas estão na já citada Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, e no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo.

## Bem-vindo ao portal Collector's

O RÁDIO E O DISCO BRASILEIROS DAS DÉCADAS DE 40 E 50.



### Carmen Miranda

Centenário de nascimento



Cantora, atriz e dançarina. Seu nome verdadeiro era Maria do Carmo Miranda da Cunha. Mito maior da música popular no Brasil, foi a artista brasileira que mais sucesso e prestígio alcançou na indústria do entretenimento dos Estados Unidos, para onde imigrou. Primeira artista a decolar para o sucesso por meio dos discos, foi também a cantora de rádio mais cara do Brasil. Chamada de "A Pequena do It na Voz e no Gesto", "Rainha do Samba" e "Ditadora Risonha do Samba", a partir de 1935, ganhou seu "slogan" definitivo: "A Pequena Notável", que lhe foi dado pelo célebre cantor-apresentador César Ladeira. Nos Estados Unidos, ficou conhecida como "Brazilian Bombshell".

Homenagens Collector's.

### Nomes que fizeram o rádio e o disco no Brasil

I



**Vendas & Leilões**

- Use o nosso site para vender discos de vinil
- Visite nossa loja virtual no Mercado Livre

Página inicial do site da empresa *Collectors*, que possui arquivo do rádio brasileiro (reprodução reduzida).

### 2.3 - Bastidores da rádio *Mayrink Veiga* nas páginas da revista *PRANOVE*

A revista *PRANOVE*, foi lançada em junho de 1938, como órgão oficial da rádio *Mayrink Veiga*, na sede do mesmo endereço da estação, Rua Mayrink Veiga, número 15, no Rio de Janeiro. A publicação reproduzia no título a indicação da rádio, “PRA-9”. As inserções das pautas eram mais relacionadas ao tema rádio, sobre a emissora e respectivo elenco, do que a revista *Carioca* realizava sobre a rádio *Nacional*. A *PRANOVE* ilustrava em todas as edições, estudadas nesta pesquisa, a atuação do radialista César Ladeira, que assinava a direção da revista e da rádio. Caracterizava-se assim, como uma autopromoção do radialista, mas todos estes registros revelavam a busca por modernidade e o contexto daquele momento.

Na revista, temos diversos assuntos sobre os artistas contratados da emissora. No conteúdo, seções como "Biblioteca do AR", com reprodução de contos irradiados; "Galeria Sonora", revelando a vida de uma personalidade; "Galeria dos fãs da PRA 9", com a publicação de texto e foto de ouvintes leitores. Eram apresentadas também colunas sobre cinema, cotações de filmes, reportagens especiais, passatempo, crônicas e comentários diversos. A revista, de cinquenta páginas, tamanho 26 por 18 centímetros, era vendida em banca, ou distribuída via assinatura.



Expediente da revista *PRANOVE*, da edição número 4, de setembro de 1938 (reprodução em tamanho original)



Capa da revista *PRANOVE*, com a foto da cantora Aracy de Almeida, na edição número 11, do mês de agosto de 1939 (reprodução reduzida).

A revista *PRANOVE*, além dos artistas destacava vários fatos políticos. No mês de dezembro de 1938, a edição número 7, publica na página 54, reportagem sobre a inauguração do estúdio do Departamento Nacional de Propaganda. A foto que ilustra a matéria destaca o então diretor desse órgão oficial do Estado, Lourival Fontes, em discurso transmitido no programa “Hora do Brasil, antigo nome da atual produção radiofônica da Radiobras, *A Voz do Brasil*”. Num dos trechos, Fontes informa a intenção sobre a utilização do rádio pelo mencionado órgão: “Não o utilizaremos nunca como tática de violência, força oculta de penetração ou arma de conquista das inteligências desprevenidas. Nunca suscite apreensões, desconfianças ou suspeições.”

A edição número 8, de janeiro/fevereiro de 1939, abre a página 42, com uma foto que registrou o discurso do presidente Getúlio Vargas, aos microfones de diversas emissoras de rádio. No título, a frase: “O Rádio, desempenhando as suas altas funções”.

O texto refere-se ao discurso de final do ano de 1938 do presidente. No primeiro parágrafo uma explicação: “Antigamente era praxe o Chefe e Estado dirigir ao Povo, por ocasião da passagem de anno, uma mensagem de confraternização espiritual. Os jornaes publicavam as palavras de fé, do dirigente supremo do paiz, estendendo-se por columnas e columnas...”  
...O Presidente Getúlio Vargas, quebrando essa praxe, escolheu o rádio, como factor de aproximação instantânea e que offerece a vantagem de levar aos povos distantes a própria palavra com a sua força de expressão...”.

Eventualmente, o presidente Vargas, figurava nas páginas da *PRANOVE*. Na edição número 18, de novembro de 1939, a matéria de página inteira tem como título, “O único presente que o Brasil recebeu da providencia”. O texto revela a posição política da emissora, e conseqüentemente da publicação impressa, daquele período, em toda a redação. Num dos trechos, uma longa frase exalta o então presidente: “Heroe sem emphase, coração sem orgulho, interprete de forças mais altas, o Presidente vae modelando a história pátria, com gestos mansos, como um escultor sereno, que distrahido dos frívolos rumores, ouve apenas a confidencia intima do destino, murmurando-lhe a inspiração do bem publico. “

## A INAUGURAÇÃO DO STUDIO DO D. N. P.



O DR. LOURIVAL FONTES, cercado de altas personalidades e entre as quais se destaca o Dr. Herbert Moses — presidente da Associação Brasileira de Imprensa, proferindo a oração oficial.

**A**MPLIANDO as suas modernas instalações, o Departamento Nacional de Propaganda inaugurou no dia 5 deste mez, o seu luxuoso e confortavel studio, no Palacio Tiradentes.

Precisamente, ao inicio da "Flora do Brasil", o Dr. Lourival Fontes, prestigioso director do importante Departamento, pronunciou as palavras abaixo, que foram irradiadas para todo Brasil e para o mundo:

"Os serviços que acabamos de inaugurar, nos seus elementos poderosos de informação immediata e na sua capacidade de vulgarisação rapida, attendem aos fins visados de aperfeiçoamento e modernisação technicos do Departamento de Propaganda para a immensa tarefa de esclarecimento popular e já todos estimam no seu justo valor a influencia decisiva da cinematographia e da radiodiffusão no dominio politico, economico, social e educativo ou no plano superior de approximação dos povos. Não é um fim, um ponto de chegada, mas um caminho percorrido, uma etapa de marcha porque num paiz de longas distancias só as pontes invisiveis de uma conquista scientifica que diffunde e multiplica a voz e a imagem podendo verdadeiramente crear relações entre os grupos sociaes, Estado e cidadãos, dirigentes e governados.

Posto ao serviço da propaganda popular é dever dos que teem responsabilidade na sua utilização como meio de acção sobre a opinião publica ou como o mais decisivo instrumento de expressão plastica fugir das tentações do exito individual para que se reflecta na alma e no sentimento da nação.

Não o utilizemos nunca como tactica de violencia, força occulta de penetração ou arma de conquista das intelligencias desprevenidas. Nunca suscite apreensões,

desconfianças ou suspeições. Dentro e além das fronteiras, seja uma força alertada contra os que nos combatem por erro de julgamento, os que nos fingem ignorar ou os que nos denigram e desfiguram pela fraude calculada da verdade. Num mundo de concorrencias activas o penhor de credito e a condição de efficacia da propaganda estão no dever de presenca onde repontem os preconceitos de hostilidade, as culpas da ignorancia ou os julgamentos da indifferença.

Seja apenas um instrumento de transmissão objectiva de factos, experiencias, verdades, constatações e unica vehiculo de machinação secreta, de ambiguidade ou de mystificação. Só pela irradiação natural da verdade é possível crear entendimentos solidos e duravéis.

Si dentro do paiz, após vencer o isolamento e a separação, a radiophonia se transformou no mais poderoso factor de solidariedade nacional, cabe-lhe agora voltar-se ao apostolado de attrahir e de instruir a opinião estrangeira.

---

**Não gaste dinheiro atôa comprando um piano estrangeiro, quando o PIANO LUX oferece as mesmas vantagens technicas e custa muito menos. O PIANO LUX é a voz de commando dos pianos de classe. Fabrica: Av. 28 de Setembro, 341 — Telephone 48-3228. — Condições especiais para os pedidos do interior e preços vantajosos para revendedores.**  
**PIANO LUX.**

---

Página 54, da revista *PRANOVE*, edição número 7, do mês de dezembro de 1938, que registra a inauguração do estúdio do Departamento Nacional de Propaganda, com foto do diretor deste, então órgão oficial do Estado, Lourival Fontes (reprodução ampliada).

## O Radio, desempenhando as suas altas funcções



**A**NTIGAMENTE, era praxe o Chefe de Estado dirigir ao Povo, por occasião da passagem do anno, uma mensagem de confraternização espiritual. Os jornaes publicavam as palavras de Fé, do dirigente supremo do paiz, estendendo-se por columnas e columnas, apresentando, ao mesmo tempo, em rapido bosquejo, uma demonstração dos negocios da publica administração.

O Presidente Getulio Vargas, quebrando essa praxe, escolheu o radio, como factor de aproximação instantanea e que offerce a vantagem de levar aos povos distantes a propria palavra com a sua força de expressão, augmentada pelo colorido da propria voz. Assim tem sido desde que Sua Excellencia assumiu as redeas do governo. Cada anno, precisamente é ZERO hora, quando as

familias se conglomam na consoada tradicional, entra em todos os lares, como um penhor de amizade, a palavra do sr. Getulio Vargas. E', não ha negar, um admiravel systema de estreitar cada vez mais os laços de estima que prendem os filhos do Brasil ao seu grande presidente.

Ainda este anno, falando do recinto da Exposição do Estado Novo, o presidente Vargas occupou o microphone do Departamento Nacional de Propaganda, para a sua já habitual "fala do throno".

Dessa cerimonia, é o aspecto que vemos na photographia acima, na qual apparecem, entre outras personalidades, os srs. ministros Oswaldo Aranha, Fernando Costa, Gustavo Capanema, Prefeito Henrique Dodsworth, e dr. Lourival Fontes, chefe do Departamento Nacional de Propaganda.

### UMA ELEIÇÃO MERECEIDA

(Conclusão)

de pelles, porém ella sempre recusou, achando que a despeza era grande demais para as nossas posses. Quando iamos ao cinema, minha mulher sempre escolheu programmas onde não apparecesse o Roberto Taylor ou o Tyrone Power. Não gostava desses galãs... Preferia o Boris Karloff e o Wallace Beary.

Minha sogra foi um anjo, um encanto de mulher. Se eu brigava com a esposa, era ella quem agia junto da filha para fazermos as pazes, achando sempre que eu é quem tinha razão. Minha sogra era tão boa que eu até fiz todo o possivel para que ella viesse morer commigo. Ella é que não quiz, julgando erradamente que uma sogra sempre atrapalha.

Tive muitos amigos. Amigos esplendidos. Offerciam-me dinheiro nas horas em que me consideravam mal de vida e nenhum só falava de mim pelas costas...

Nunca bajulei o chefe da minha repartição, ao contrario do que faziam os outros funcionarios. No emtanto, foi a mim que o chefe indicou em primeiro lugar na lista de promoções.

Tenho comprado sempre a prestações. Mas, se me atraso nos pagamentos, o turco nunca faz barulho em minha porta. A minha casa é muito devassada, porém nenhum visinho procura ver o que so passa em minha residencia. Tenho viajado muito em omnibus. Mas nenhum "chauffeur" me tratou com brutalidade quando me esqueço de entregar a ficha. Eu...

**PALMAS VIBRANTES, MUITAS PALMAS. BRAVOS! APOIADO! MUITO BEM!**

O orador não poudé continuar... Os applausos abafavam as suas palavras... Aliás, o orador não precisava proseguir no discurso. A sua victoria estava garantida pelo entusiasmo da assistencia... Nesse mesmo instante, vencendo todos os outros candidatos, o homem gorducho e sardento foi eleito, por unanimidade, Presidente do Club Mundial dos Mentirosos!

Página 42, da revista *PRANOVE*, edição número 8, do janeiro/fevereiro de 1939, que registra o presidente Getúlio Vargas, aos microfones de diversas emissoras de rádio em discursos realizado no mês de dezembro de 1938 (reprodução ampliada)

A edição número 15 da *PRANOVE*, publicada no dia 30 de agosto de 1939, traz a foto de César Ladeira na capa sobre o título "Ave! Cesar!". Da página 12 a 17 uma matéria na seção "Galeria Sonora", assinada por Mariza Lira, intitulada "César Ladeira", conta a história do diretor e locutor da rádio.

O artigo é iniciado com o seguinte texto: "Ave Cesar! é a exclamação unisona dos ouvintes da PRA-9, que são todos os brasileiros ao verem regressar à Pátria - Cesar Ladeira."

O radialista viajou aos Estados Unidos, em junho de 1939, para visitar a cantora e amiga Carmem Miranda. Na época as expectativas dos diretores da emissora eram as de que Ladeira traria inovações à programação.

Parte do trecho do artigo reflete ansiedade: "Uma grande esperança anima os que anseiam por uma transformação progressiva no radio brasileiro. A observação inteligente de Cesar Ladeira nos meios radiophonicos da terra do Tio Sam, resultará, por certo, num grande surto de inovações modernistas, que irão marcar o inicio de uma phase brilhante no broadcasting nacional.". A revista mantinha intensa correspondência com leitores e ouvintes da rádio *Mayrink Veiga*, que se manifestavam via cartas e telefonemas. No editorial, da seção "Galeria dos fans" da quarta edição, lançada em setembro de 1938, César Ladeira, festeja a participação dos leitores:

*A direção da PRANOVE tem contado felizmente na tarefa a que se propoz de trabalhar em prol do engrandecimento da radiophonia nacional, com o apoio inestimável dos innumeros "fans" da Radio Mayrink Veiga. Essa asserção encontra justificativa no numero elevado de assignaturas que PRANOVE, conseguiu com tres números apenas, no fantástico movimento de sua secretaria que já possue vários fichários completos e na venda avulsa, que no Districto Federal attingiu a 16 mil exemplares.*

A *PRANOVE* cumpriu um papel semelhante a um *hause organ* atual, tamanho era o número de informações sobre a rádio *Mayrink Veiga*, com informações variadas, de assuntos internos da emissora. Porém, pelo elenco contratado da rádio, e por toda a produção artística, este veículo de comunicação impresso, registrou passagens importantes de grandes nomes da música popular brasileira, como Orlando Silva, Aracy de Almeida, Silvio Caldas e diversos outros ícones do radialismo artístico brasileiro. A qualidade da fotografia e diagramação são marcos precisos no que se refere aos cuidados da promoção da revista e emissora. O registro de imagens de apresentações musicais em auditórios e radionovelas, nos estúdios, possibilitam uma reconstituição deste período.

A folheação das edições da *PRANOVE* permite o encontro com nomes grifados em livros relacionados à trajetória da música popular brasileira. Na seção “Galeria Sonora”, é possível encontrar biografias da cultura brasileira, além das personalidades do meio rádio daquele tempo. Entre estas, histórias de nomes como Machado de Assis, Chiquinha Gonzaga, Noel Rosa, Pixinguinha, Ernesto Nazareth, Catulo da Paixão Cearense, Carlos Galhardo. Todos os textos eram escritos com riqueza de detalhes e investigação, com reprodução de fotos de arquivo de família. Além desta contribuição documental, a publicação registrava a revelação de novos talentos.

As antigas edições da revista *PRANOVE* reconstituem a chamada época de ouro do rádio brasileiro, assim como todas as iniciativas radiofônicas daquele momento em busca de público. Equivaleria hoje à divulgação da digitalização e conversão das mídias. Assim, a variedade de seções criadas pela edição apontava a diversidade e criatividade sobre as produções radiofônicas, que além das obras literárias, colhiam elementos do cinema e do teatro, para a composição de atrações, que seguiram mais tarde para a televisão.

# A BUZINA por Lauro Borges



LAURO BORGES, ao microphone. Ao lado CESAR LADEIRA empunhando a buzina.

Lauro Borges é um humorista de classe.

Fazer rir, é uma arte peculiar. Nada mais difficil do que um humorista conseguir agradar. Quando se faz graça, dois factores entram logo em equação: o que faz a graça e o que a recebe. Tudo depende do estado de espirito de cada um. Dahi, a delicadeza e complexidade para um humorista conseguir o seu fim: fazer rir.

Ha os "palhaços". São os mais populares. Fazem rir pelo gesto, pela entonação da voz, pelas caretas. Poucas vezes pela graça, propriamente dita. Lauro Borges é um humorista. Fino, ironico, percuciente. Apresentando-se ao microphone da PRA-9 ás quartas-feiras, com o seu jornal falado "A Buzina", Lauro Borges faz rir, com felicidade. Os seus correspondentes espalhados por todo o mundo são typos originacs. Lauro Borges faz, elle proprio, todos esses typos exóticos.

"PRANÓVE" apresenta hoje uma das mais famosas chronicas de "A Buzina". Refere-se ao jogo entre argentinos e brasileiros, perdido para os nossos por elevada contagem.

49.ª edição de A BUZINA

Caros audientes, boa noite. O nosso assumpto de hoje, é o mesmo que vem empolgando as massas de todo o continente Sul Americano: a derrota do "scratch" brasileiro, na disputa da Copa Roca, pela elevada contagem de 5 a 1. E começaremos, prezados audientes, por uma interrogação — Quaes os verdadeiros

culpados do fracasso da nossa representação futebolistica? Os jogadores... que apanhados á ultima hora, sem preparo physico sufficiente, sem o menor entendimento entre si, e que embora fazendo esforços sobrehumanos, primeiro para conquistar a victoria e depois para attenuar a derrota, não puderam impedir que se registrasse o primeiro grande score contra as nossas côres? Não... Esses não! Os technicos, encarregados de seleccionar o "team" representativo, que tiveram, apenas, 7 ou 8 dias para isso, e sómente nas vespersas do jogo é que souberam quaes os jogadores que de facto poderiam ser seleccionados. Não... também não! Mas... quem então? A C. B. D.? — Não, nem pensem nisso, meus senhores. Se houve culpados... esta foi a menos culpada de todos.

Todas as providencias necessarias ao successo, foram tomadas pela nossa integerrima entidade sportiva: mandou vender entradas em diversos pontos da cidade, augmentou o preço das mesmas; mandou collocar mais cadeiras no estadio do Vasco da Gama, permitindo assim, que maior fosse o numero de assistentes, e muitas outras coisas deste precioso quilate. Na sua boa fé de sempre, a entidade maxima dos nossos sports, nunca poderia pensar que os argentinos, tão nossos amigos, numa partida de pura confraternização sportiva, fossem capazes de semelhante attitude, vencendo d'emoção pelo qual o fizeram. A nossa querida C. B. D. (Cia. de Bondes Desportivos) foi mais uma victima do imprevisito, para não taxarmos de outra cousa a conducta dos argentinos. Estes foram os verdadeiros culpados do nosso tremendo revéz.

(Continua na pag. 22)

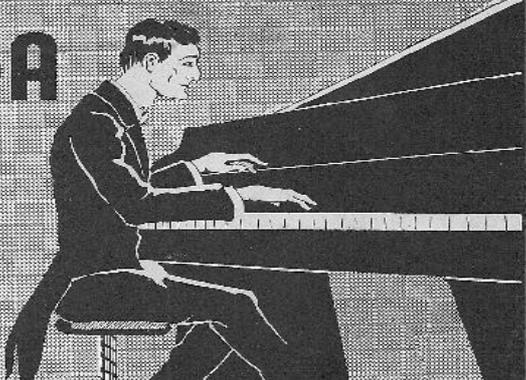
PRANÓVE

— 19 —

JAN.º e FEV.º de 1939

Foto publicada na edição de janeiro/fevereiro de 1939 da revista PRANOVE, do humorista Lauro Borges, em atuação no programa "A Buzina", da rádio Mayrink Veiga, ao lado do diretor da emissora, César Ladeira, com uma buzina nas mãos (reprodução reduzida).

Na maioria das edições, da *PRANOVE*, a primeira página era reservada à seção “Bibliotheca do Ar”, com contos veiculados pela *Mayrink Veiga*. A edição número 16, de setembro de 1939, apresenta o conto “A Valsa da Fome”, “Adaptação ao microphone de uma pagina impressionista de JULIA LOPES DE ALMEIDA”.



# A VALSA DA FOME

O CONTO  
RADIOPHONICO

*Adaptação ao microphone de uma pagina impressionista de JULIA LOPES DE ALMEIDA*

**Q**UANDO o pianista Hypolito entrou na sala, houve um sussurro de contentamento. Até que enfim, um pianista! Era preciso romper aquella monotonia de festinha familiar. E embora não estivesse prometido nenhum baile, as mocas estavam doidas para dançar.

Dentro de uma velha casaca enxebada, com o pescoço hirtó e as grandes mãos balançantes, Hypolito dirigiu-se ao piano a largos passos, com as narinas dilatadas e o queixo muito agudo, correndo o caminho como uma proa de navio virada para o porto desejado.

Houve quem risse. Elle era tão magro, tão amarello e com tão viva chamma nos olhos pretos, que uma senhora, uma dessas senhoras espirituosas e amigas de fazer comparações, murmurou ao meu lado: — Quem teria tido o mau gosto de vestir de homem aquella tocha funeraria?

Eu ouvi. E tinha sido eu quem trouxera o Hypolito. Voltei-me, assim para a senhora e expliquei:

— Foi a fome, entendeu? Sim, minha cara senhora, foi a fome quem lhe envergou aquella casaca anti-diluviana e lhe amarró ao pescoço, com verdadeira vontade de enforca-la, aquella gravata branca. Só ella, a malvada, o larva entrançado neste salão burguez para divertir as moças. Porque, ligue sabendo a minha cara senhora, aquillo que está alli é um artista. E só a fome tem força para trazer um animal daquelles, todo nervoso, para um lugar como esse. Só a fome...

Impressionada com a explicação que lhe dava, a linda e espirituosa senhora parecia-me dedicar uma attenção especial. Ella era encantosa e senti prazer em continuar a conversa. Lá disse, então, apontando para o meu pobre amigo:

— Repare nos seus dedos nodosos... Pois vou ver... Esses dedos roçam pelo teclado como uma ponta de aza pela superficie de um lago. Não de me agradecer o tel-o trazido até aqui. Sim, porque fui eu quem o trouxe. Não sabia? Pois, foi. Imagine que me encarregaram hontem de contractar o pianista para a festa e eu me esqueci inteiramente da incumbencia. Só me lembrei disso, á ultima hora. E então era impossível arranjar um pianista profissional, desses que vivem de tocar nas festas. Só havia um recurso. Era procurar o Hypolito...

E expliquei então o caso daquelle pobre pianista. Hypolito vendera o piano, mezes antes, para fazer o enterro da irmã, unica pessoa da familia que restava ainda. A pobrezinha morreu de penuria e de outras complicações. Eu o conheci. Era um lyrico. O Hypolito parecia feito de bronze e ella de crystal. Queriam-se muito, profundamente. Elle tocava para a irmã as suas composições novas e ella entendia a musica, até o fundo do seu pensamento, numa admiravel intuição de arte, toda feliz, toda orgulhosa daquelle irmão.

Atravez do seu corpo ditaphano como que se via a sua alma illuminada e radiante. Era muito branquinha, muito branquinha... Pobre pequena! Desde que ella morreu, sumiu-se o Hypolito. Naturalmente, por mais que elle nos divertisse e nos fizesse saltar, não quizemos perturbal-o na sua magia. Comprehendemos que para um homem não pode haver amor tão doce



## BIBLIOTHECA do AR

PRANOVE
— 8 —
SETEMBRO DE 1939

Seção “Biblioteca no Ar”, da revista PRANOVE, setembro de 1939 (reprodução reduzida).

Entre fatos e curiosidades, uma referente ao nome do radialista César Ladeira., está publicada na edição número 15, de 30 de agosto de 1939, com a informação de que: Ladeira nasceu em Campinas, no dia 11 de dezembro de 1910. Segundo a publicação um incidente determinou o apelido "Ladeira" à família do radialista. "Um dos seus antepassados foi residir numa ladeira. Muito conhecido no lugar onde havia outro Martins, para ser diferenciado, passaram os da terra a nomeal-o - o Martins da Ladeira. Com o tempo, por abreviação surgiu a família Martins Ladeira". Sobre Noel Rosa, na edição número 08, de janeiro e fevereiro de 1939, um texto com o subtítulo, "o philosopho cantor da cidade. Na redação, a seguinte informação: "Noel cantou em todas as rádios cariocas excepto na do Jornal do Brasil. Tomou parte em vários festivais e representações, sendo um festejado nome de cartaz pela sua grande popularidade... Cantava então, com grande sucesso, como artista exclusivo, na P R A – 9. e desde a organização no programma "Samba e outras cousas" de Henrique Baptista." Na edição número 11, de maio de 1939, a biografia de Pixinguinha destaca a passagem dele pelo rádio carioca: "O broadcasting nacional tem em Pixinguinha um dos seus mais destacados elementos. "Desde a antiga Radio Sociedade, vem tocando ao microphone de todas as estações excepto Jornal do Brasil e Nacional".

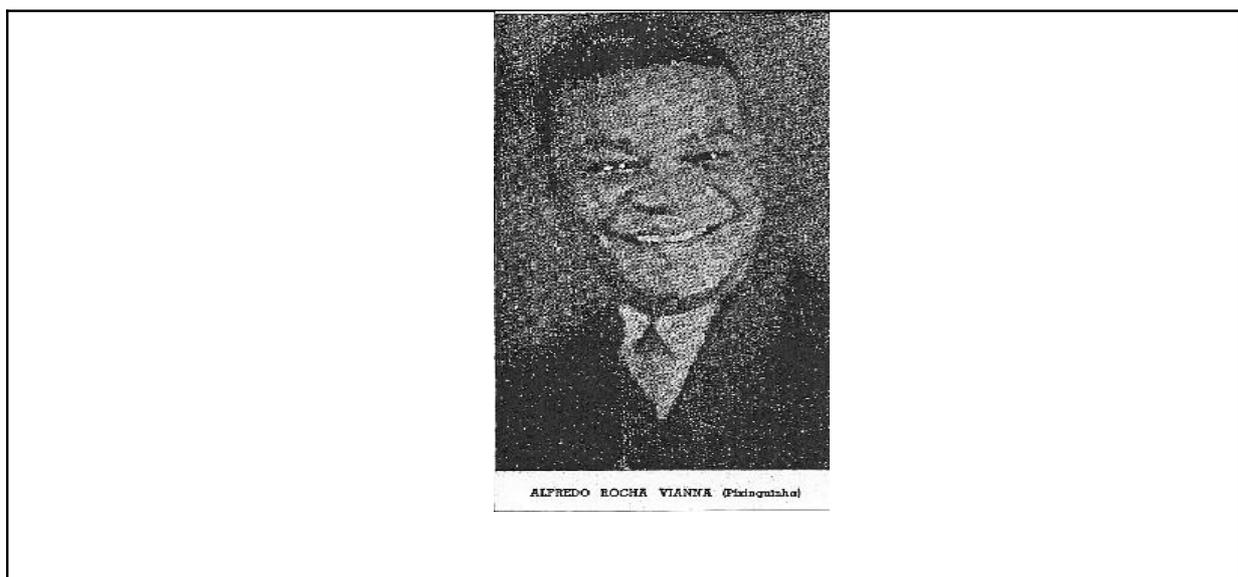


Foto de Pixinguinha, na edição número 11, da revista PRANOVE, de maio de 1939 (reprodução reduzida).

Carmem Miranda e César Ladeira, que figuravam em todas as edições da revista *PRANOVE*, tiveram registrados momentos marcantes pela trajetória radiofônica brasileira. Os passos da cantora, na ida para os Estados Unidos, retorno e outras manifestações eram publicados, quase que em forma de diário na revista, com fotos diversas. A edição número 19, de dezembro de 1939, apresentava o artigo intitulado: “O prestígio crescente de Carmem Miranda nos Estados Unidos”. Entre o texto, a informação da vida tumultuada da intérprete: “Carmem Miranda, presa por contratos às grandes organizações americanas, não pode vir este ano colaborar nos sucessos do nosso carnaval.”.



Carmem Miranda, em foto publicada na revista *PRANOVE*, edição número 19, de dezembro de 1939, entre músicos do grupo Bando da Lua, da orquestra Ruddy Valeé, o comico Lou Hotz e sra. Mary Robson (reprodução reduzida).

## **Conclusão do Capítulo II**

Este capítulo apresenta duas importantes publicações da década de 1930, as revistas: *Carioca* e *PRANOVE*. Ambas com redações sediadas na cidade do Rio de Janeiro e pertencentes a grupos concorrentes, as emissoras *Nacional* e *Mayrink Veiga*. Pelas duas estações passaram grandes nomes da música popular brasileira, da dramaturgia, do radiojornalismo e da política nacional. Essas personalidades, e atuações no cenário daquele período, foram documentadas nas páginas das mencionadas edições.

Entre estas revistas, vários destaques, como a importante reportagem sobre a inauguração da rádio Nacional, em 1936, pela revista *Carioca*. Não se constatou neste estudo, nenhum tipo de imagem em audiovisual deste evento, nem por lentes de câmeras de cinema, ou outro tipo. Sonoras também não foram guardadas. Pelo menos não figuram no acervo da citada emissora.

Na *PRANOVE*, toda a trajetória da cantora Carmem Miranda, e de outros nomes como Pixinguinha e Noel Rosa, além dos constantes artigos sobre o radialista César Ladeira, registram uma fase embrionária do que seriam as manifestações dos gêneros eletrônicos, sobre a cultura popular brasileira.

Desse contexto, é possível resgatar um dos períodos mais evolutivos a vida radiofônica no Brasil, numa época de desenvolvimento urbano do país, com as duas emissoras unindo a população com hábitos e costumes, pelas ondas do rádio.

Sobre o período em questão, as duas revistas registraram valiosos documentos fotográficos, que permitem, além da história do rádio, várias leituras sobre o comportamento dos anos 30.

### **CAPÍTULO III**

## Reproduções dos registros impressos do rádio em revistas

### 3.1 – O Rádio brasileiro no *Almanaque do Rádio de 1951*, com histórias e curiosidades

As dificuldades em localizar publicações dos primeiros anos do rádio brasileiro em revistas, na década de 20, foram parcialmente superadas pelo *Almanaque do Rádio de 1951*, lançado em São Paulo. A publicação foi apresentada como um registro do rádio paulistano, contudo traz também informações de emissoras de outras partes do país. Entre essas, a reprodução de textos de uma revista intitulada *Radio*, que teve circulação iniciada em 1923 com informações sobre o então novo veículo de comunicação, remontando assim o início da radiodifusão em estados como: Bahia, Ceará, Maranhão, Paraná e Rio Grande do Sul. Toda a compilação e edição foi assinada por Thyrso Pires. Embora a procura desta revista em bibliotecas, sebos e colecionadores, tenha sido intensa, ela não foi encontrada, porém o artigo descrito pelo citado almanaque retrata a fase primária do rádio brasileiro.

O *Almanaque do Rádio de 1951* reproduz da revista *Radio*, edição de número 25, de 15 de outubro de 1924, uma experiência radiofônica conhecida de historiadores, que ocorreu em Pernambuco, em 1919. Tal experiência foi bastante divulgada em livros sobre o tema. Alguns, inclusive, questionam as publicações que oficializam a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro*, fundada em 1923, como a primeira emissora oficial do Brasil. Além da questão sobre o pioneirismo do rádio no país, o texto da revista *Radio* revelava a criação de uma escola de rádio na cidade de Recife:

Com o título "A Rádio-cultura em Pernambuco" o secretário da Radio Clube de Pernambuco escreve o seguinte artigo:

Em um livro sobre o Brasil, editado em inglês consta ter sido fundada em 1919 a estação rádio-cultura de Recife. Investigando chegamos à conclusão de que o "broadcasting" no Brasil foi iniciado pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, então dirigida pelos professores Henrique Morize e Roquette-Pinto.

Um pequeno grupo de elementos progressistas fundou, a 6 de abril de 1919, em Recife, o "Rádio Club de Pernambuco", com a patriótica finalidade de vulgarizar a rádio-telegrafia e outras aplicações das ondas eletro-magnéticas.

Chefiava-o o sr. Augusto Joaquim Pereira, com colaboração entusiástica dos srs. João Cardoso Ayres Filho, Carlos Good Lacombe, Oscar Moreira Pinto e Carlos Lyra.

A 1º de outubro de 1924, foi inaugurada pelo mesmo grupo a Escola Rádio-elétrica. O Rádio Club contratou dois profissionais, Floriano Costa e João Frutuoso Dantas, para o manejo dos aparelhos emissores.

De qualquer modo, o exemplo dos rádio-cultores de Pernambuco ficou. Não possuíam eles ainda uma estação transmissora em 1919, mas já haviam organizado uma sociedade que serviu de estímulo à fundação de outras idênticas no território nacional. (PIRES, 1951: 29).

A retranca que trata do rádio baiano apontava a *Rádio Sociedade da Bahia*, oficialmente como a primeira emissora daquele estado, fundada em março de 1924, em processo semelhante às demais, do período, através de associações. Na seqüência, a reprodução do referido documento:

No artigo: "A radiotelefonía na Bahia", a edição destaca que: "a primeira vez que, na Bahia, se ouviu a voz humana através do espaço, desajustada de fios condutores, foi por ocasião nesse porto, vai para doze anos (1912), da belonave alemã "Von den Tann", hoje afundada na baía de Scapa Flow, que andava em cruzeiro pelos mares sul-americanos". A revista publica ainda que em fevereiro de 1923, o professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Cesário de Andrade, instala em sua residência, em Salvador, o primeiro posto radiofônico baiano. O equipamento era um receptor americano Bowmann, que funcionava com uma antena dupla de 38 metros. Neste aparelho ele teria ouvido trechos de música, irradiada por algum transatlântico em passagem pela Bahia. A rádio *Sociedade da Bahia*, foi fundada em março de 1924, pelo engenheiro Oscar Carrascosa, "ajudado pelo ilustre engenheiro Agenor Miranda e pelos senhores Caio Moura, Gustavo Lopes e outros".(PIRES, 1951: 30).

Sobre o aparecimento do rádio no Ceará, o *Almanaque do Rádio de 1951*, reproduzia da revista *Rádio*, a ação do engenheiro Elesbão de Castro Veloso, que na época era chefe do "distrito telegráfico". Veloso participou ativamente da fundação da *Radio Club Cearense*, assumindo a presidência da emissora, no dia 9 de março de 1924, na sede da "Fênix Caixeiral", em Fortaleza.

Da história do rádio no estado do Maranhão, a reprodução da revista *Rádio*, no almanaque, relata:

Segundo a revista, "Radio", no Maranhão, antes de 1923, existia no estado, uma "Escola Rádio", que era dirigida por Laudelino Gomes e pelo padre José Mário Gomes. Os dois ministravam aulas de ensino profissional de

radiotelegrafia. Um ano depois, surge a Rádio Sociedade Maranhense, organizada por Joaquim Moreira Alves dos Santos e por Francisco Aguiar. Só mais tarde, é que J. “Travassos fundou o Rádio Club do Maranhão, com magníficos programas musicais de Paulino Paulo de Almeida e José Passos, coadjuvados pelos saudosos e brilhantes artistas Antonio de Lima Pires, Luis de Sevilha e Pinto da Costa”.

Sobre o rádio no estado do Paraná a revista "Rádio" revela, no artigo "A evolução do Rádio no Paraná", assinado por Flávio Luiz, da Rádio Club Paranaense, uma trajetória iniciada em 1909. "Lívio Moreira realizou em sua residência as primeiras experiências locais de transmissão de sinais sem o auxílio de fio. A aparelhagem, executada por êle mesmo, consistia em uma pequena bobina de Ruhmkorff, um coesor de Branly, um par de garrafas de Leyde, um explosor e um solenoide para alta frequência. Lívio Moreira visitou a Alemanha, estudando os progressos da Radiotelegrafia." A Guerra de 1914, e conseqüente crise, interrompem as pesquisas de Lívio Moreira. O mesmo só retoma os estudos sobre rádio em 1919. No dia 6 de dezembro de 1922, tem início a radiotelegrafia no Paraná. A primeira audição foi em Curitiba, das "emissões radiotelefônicas da estação montada pela Westinghouse, no Corcovado, no Rio de Janeiro. (PIRES, 1951: 31).

Da região do Nordeste, para o Sul do país, o começo do rádio no Paraná foi revelado pela revista *Radio* com a apresentação da inauguração da *Rádio Club Paranaense*, no dia 27 de julho de 1923, pela iniciativa dos sócios, Lívio Moreira, Francisco Cid Fonseca, João Alfredo Silva Plácido e Silva, Flávio Luz, Olavo Boric e Ludovico Joubert.

A mesma edição da revista *Rádio*, descrita pelo *Almanaque do Rádio de 1951*, documenta a história da radiodifusão no Rio Grande do Sul, resumida com o texto:

A radiocultura no Rio Grande do Sul", assinado por Augusto de Carvalho, secretário da Rádio Sociedade Riograndense. A frente dos pioneiros do rádio gaúcho encontrava-se o coronel Juan Ganzo Fernandes, diretor-presidente da Companhia Telefônica Riograndense. (...) No dia 7 de setembro de 1924, os aparelhos de todo o Rio Grande do Sul vibraram com o sinal surpreendente: - "R.S.R. - Rádio Sociedade Riograndense - Estação Diamela - Porto Alegre. (PIRES, 1951: 31).

Das emissoras paulistanas, histórias curiosas foram impressas no *Almanaque do Rádio de 1951*, com fatos sobre as rádios *América*, *Bandeirantes*, *Cruzeiro do Sul*, *Cultura*, *Difusora São Paulo*, *Excelsior*, *Gazeta*, *Panamericana*, *Record*, *São Paulo* e *Tupi*. Os relatos apresentavam além de referências às origens das estações, um levantamento realizado em 1951.

O tempo de pesquisa, para a realização do almanaque, não foi revelado, mas o autor, Tyrso Pires, apresentou a publicação com a frase: “Após uma longa série de lutas, aqui está o

‘Almanaque do Rádio de 1951’, com um bom punhado de curiosidades, biografias, fotografias, autógrafos, efemérides, tudo exclusivamente sobre o pessoal do rádio.”

O primeiro histórico descrito no almanaque referia-se à rádio *São Paulo*, fundada em 1934, no centro da capital paulistana, na Rua 7 de Abril, com o *slogan*, “uma voz amiga em seu lar”. “Foi em uma residência, à Al. Barão de Limeira que João Batista do Amaral, conhecida figura de nosso broadcasting, contando com alguns amigos, fez funcionar, pela primeira vez uma emissorzinha de brincadeira, a qual mais tarde veio a ser a atual rádio São Paulo”, escreve o autor.

A rádio *Gazeta* é a segunda emissora a ser apresentada na edição, com destaque também no *slogan*: “a emissora de elite”. Tyrso Pires abriu o texto relembrando a rádio *Educadora Paulista*, que antecedeu ao prefixo da *Gazeta*:

Falar sobre a Rádio *Gazeta*, sem falar sobre a *Educadora Paulista* seria cometer não só um erro, como uma grande injustiça. Assim sendo, iniciemos por onde esta história deve se iniciar, isto é, na velha *Educadora Paulista*, dos áureos tempos do Palácio das Indústrias, hoje Palácio 9 de julho. Sim foi lá que surgiu, dentro dos resumidos recursos técnicos a Rádio *Educadora Paulista*”, relata o autor. Na seqüência, ele informa a passagem da *Educadora Paulista*, para a *Gazeta*: “Casper Líbero, o dinâmico homem de nossa imprensa, diretor de “A *Gazeta*”, após dotar seu jornal de modernas instalações, em prédio próprio imaginou adquirir uma emissora para dotar seu popular e prestigioso vespertino de mais um elemento de progresso. Foi assim que, após as negociações com a antiga Rádio *Educadora Paulista*, pôde inaugurar a 25 de janeiro de 1943, a emissora que passou a se denominar “Rádio *Gazeta*”, com o antigo prefixo da PRA-6. (PIRES, 1951: 6).

Na página 7, o *Almanaque do Rádio de 1951* conta o histórico da rádio *Cruzeiro do Sul*:

Dados oficiais dão como data da fundação da Rádio *Cruzeiro do Sul* 2 de Maio de 1927, mas há quem sustente ser ela de bem antes, ligando-a mesmo à revolução do General Izidoro, em 1924”, relata Pires. Em seguida, o autor remonta a trajetória da rádio *Record*, com dúvidas sobre a data de inauguração desta emissora. “Não está registrada a data do seu nascimento. Em parte se explica. Veiu ao mundo modestamente e durante boa parte da existência foi uma gata borralheira que via com olhos compridos a vida faustosa da vizinha... Era a rádio *Educadora Paulista*, filhinha de papae acostumada desde os primeiros dias aos mais ricos recursos. Enquanto a *Educadora Paulista* passeiava pelos ondas da manhã, à tarde e à noite, vestindo tudo do estrangeiro, morando em casa própria e freqüentada por aristocratas, a *Record* saía quando podia e daquele jeitinho. Morava de favor num barracão vagabundo da Praça da República e herdou

legitimamente de seu pae – o saudoso Álvaro Liberato de Macedo – apenas a boemia incorrigível que tenta desfarçar até hoje. (PIRES, 1951: 7).

Sobre a rádio *Cultura*, no prefixo PRE 4, e o *slogan* “a voz do espaço” a redação revela a fundação desta emissora, que ocorreu em 16 de junho de 1936, depois de um período de experimentação, conforme revela o autor:

Foi mais ou menos em 1933 que os ouvintes paulistanos se surpreenderam com uma estaçãozinha que ia ao ar quando menos se esperava e que também saía do ar sem obediência a qualquer horário. Era tipicamente uma emissora de brincadeira. Seu prefixo era DKI (decai). Seu nome (?) era A voz do Juqieri. Realmente radiosinho, usando o termo popular condizente com seu nome – era uma cousa louca. (PIRES, 1951: 11).

A rádio *América*, fundada em agosto de 1945, como “A voz democrática de São Paulo”, é mencionada também com referência à estação que anteriormente ocupava o prefixo da emissora, a rádio *Kosmos*:

Foi a 17 de Agosto de 1934, que com grandes festejos se inaugurou a Rádio Kosmos, nova emissora da Organização Byngton. Luxuosamente instalada num prédio (agora demolido) na Praça Marechal Deodoro, a PR-E7 – Rádio Kosmos – primava pela elegância de suas instalações. (...) Foi em 1945 que a rádio passou a pertencer a Carlos Bacarat, que pouco depois colocava à frente de sua emissora, José Roberto Penteado, cuja primeira preocupação foi conseguir a mudança de nome da rádio, no que foi bem sucedido. Assim, pelo espaço de uns dois meses, a rádio passou a ser anunciada unicamente pelo prefixo – PR- E7 – para, finalmente, aproximadamente em Agosto, ser anunciada como Rádio América. (PIRES, 1951: 13).

Sobre a rádio *Difusora São Paulo*, a descrição do *Almanaque do Rádio de 1951*, revelava a fundação desta em 24 de novembro de 1934:

apresentando-se com um grande elenco e entregue a homens realmente capazes, a emissora então cognominada do som de cristal. (...) no dia 30 de Agosto de 1943 foi encerrada a negociação, segundo a qual a Rádio Difusora São Paulo passou a pertencer à cadeia de rádios e jornais do Sr. Assis Chateaubriand.” Foi o caso também da rádio Tupi, inaugurada no dia 3 de setembro de 1937, “no edifício dos Diários Associados, na rua 7 e Abril”. (...) “a Rádio Tupi foi conquistando um grande número de ouvintes e mais tarde era lançado, para se tornar o mais famoso de todos, o Grande Jornal Falado Tupi. (PIRES, 1951: 15).

A rádio *Excelsior* foi apresentada como “o maior auditório do Brasil: uma poltrona em cada lar”. Na página 19 do almanaque o autor descreve:

Foi mais ou menos há quinze anos que São Paulo passou a contar com mais uma emissora no ar. Era a Rádio Excelsior – cognominada A voz de

Anchieta – que, irmã da Record, funcionando no mesmo prédio e sob a mesma direção, apresentava, no entanto, uma linha de programação diametralmente oposta à de sua irmã B9. Sim, pois enquanto esta selecionava para sua programação somente músicas finas e elevadas, a outra – a Record – era francamente popular. (PIRES, 1951: 19).

Popular também, e com destaque para a programação esportiva, era a rádio *Panamericana (Jovem Pan)*, conhecida na época como “a emissora dos esportes”.

Esta fundada no dia 3 de maio de 1944 após muitos adiamentos deu-se a inauguração oficial (...) no canal 620 kilociclos. Seus fundadores foram Oduvaldo Viana e Júlio Cozzi.(...) Surgida em pleno período de guerra, a Rádio Panamericana utilizava como seu prefixo musical as primeiras notas da 9ª. Sinfonia de Beethoven que, no código telegráfico Morse significa o V, que, por sua vez, representa Vitória. (PIRES, 1951: 21).

O último histórico das emissoras citadas na publicação em questão foi o relato sobre a rádio *Bandeirantes*, “a mais popular emissora paulista”. Esta fundada no dia 6 de maio de 1937, com o nome de *Sociedade Bandeirantes de Radiodifusão*. “Como todas as demais emissoras, a *Bandeirantes* pretendia somente irradiar programas elevados instrutivos além de religiosos.” (PIRES, 1951:23).



Capa do *Almanaque do Rádio* de 1951 (reprodução em tamanho original).

3.2 - O rádio em forma de imagem nas revistas *O Malho* e *O Cruzeiro* nas décadas de 30 e

40.

- Revista *O Malho*

No Brasil dos anos 30, a programação radiofônica e, principalmente os cantores e radiadores, que se transformaram em ídolos por meio das ondas sonoras, encontravam nas revistas, outra vitrine para a exibição dos sucessos musicais e dramas. Assim, como os artistas de cinema, eles se tornaram alvos de editores em páginas de publicações.

Importantes registros dessa fase estão em revistas como *O Cruzeiro* e *O Malho*. Esta última foi criada em 1902, com a proposta de divulgar ritmos musicais brasileiros da época, contendo assuntos variados. Com o desenvolvimento do rádio, esta publicação, além da coluna “Em revista o Rádio”, trazia a coluna “*Broadcasting*”, com notas diversas sobre os bastidores radiofônicos. Através dessa leitura é possível encontrar, descobrir e reencontrar fatos, que originaram formatos radiofônicos, programas e a atuação de artistas, que influenciaram o nosso cenário artístico-musical e dramatizações.

A revista *O Malho* apresentava nos textos uma mescla informativa, bem-humorada e crítica ao mesmo tempo. O que se nota nas revistas atuais, de celebridades ou de “fofocas”, já figurava nessa publicação. As sátiras eram sobretudo ao sistema político vigente. Ao mesmo tempo, a revista promovia nomes, instituições e documentava aquela época de uma forma vanguardista.

Temas, ainda hoje discutidos no meio rádio e televisão, sempre envoltos em significativa polêmica, como o “direito autoral”, eram tratados de forma semelhante ao debate atual. Na edição de 2 de julho de 1937, de *O Malho*, por exemplo, o primeiro parágrafo do editorial trata dessa questão:

Dissemos várias vezes nesta secção que, em matéria de direito autoral o Brasil estava tão atrasado quanto a China ou o Tibet. Nossas leis, elaboradas há perto de meio século, com o espírito dos proclamadores da República de

89, não correspondiam aos anseios da época actual, ás suas necessidades e aos seus problemas.

A capa da revista *O Malho*, edição número 1.530, de abril de 1932, reflete a característica da publicação com ilustração em desenho ironizando a figura do presidente Getúlio Vargas. Na base da página, temos o seguinte diálogo dos políticos do período, Antonio Augusto Borges de Medeiros, Olégário Maciel e José Joaquim Seabra.

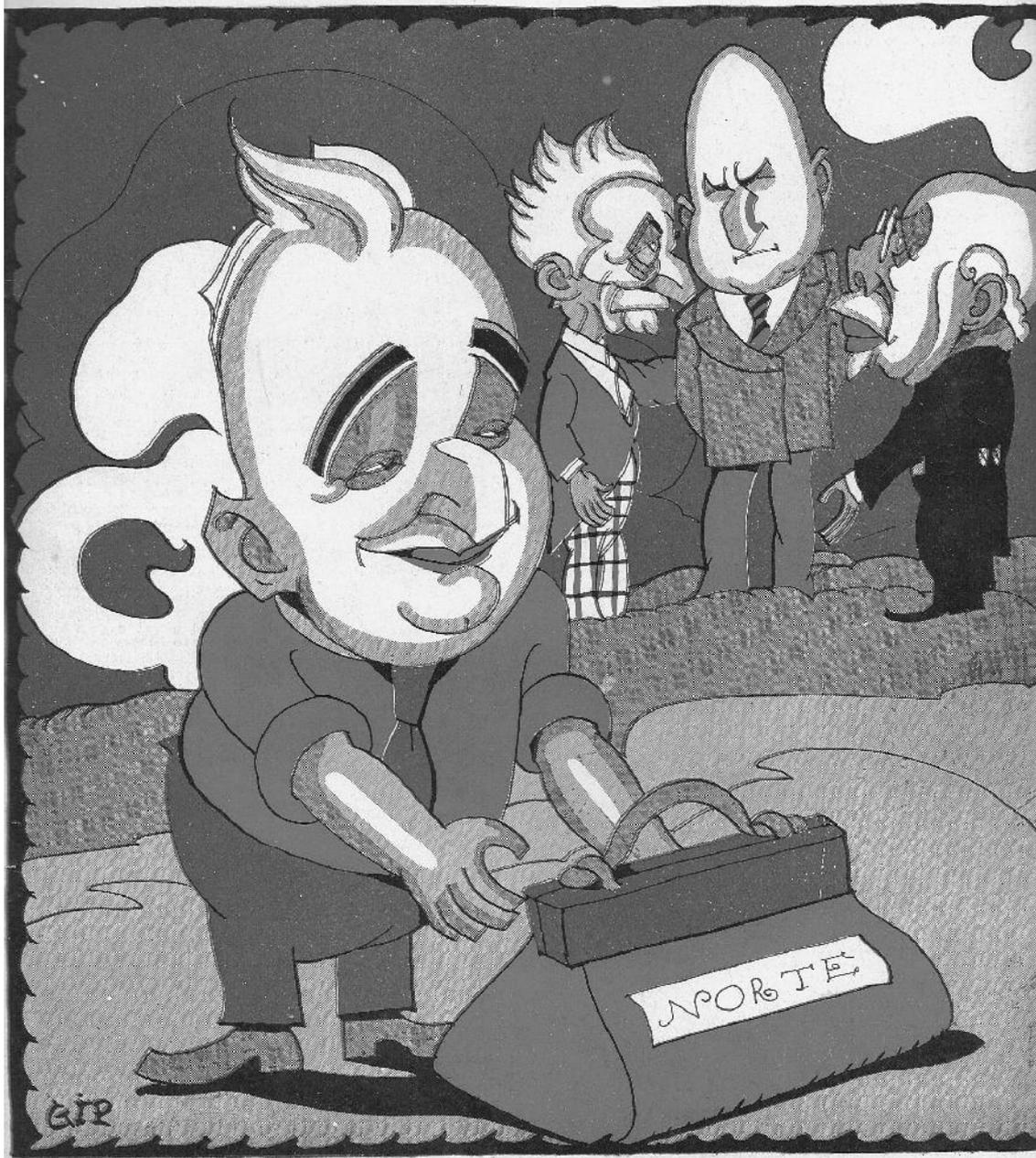
“BORGES – Tenha calma, Seabra.

OLEGÁRIO – Mesmo porque, com a ida do Getúlio ao Norte, o problema das seccas será resolvido.

SEABRA – Como?

OLEGÁRIO – Pois o Getúlio não é o ‘manda-chuva’?”

Os nomes acima eram influentes na cena política nacional, Borges foi presidente do estado do Rio Grande do Sul e atuou na Revolução de 1932, apoiando os paulistas. Candidatou-se à presidência da República, em 1934, mas foi derrotado por Vargas. Olegário foi presidente de Minas Gerais e um dos líderes da Revolução de 1930, que conduziu Vargas ao poder. Lutou contra as ações paulistas no movimento de 1932. Seabra, foi ministro de Obras Públicas, senador e apoiou a Revolução de 1930, teve atuação significativa na reurbanização de Salvador.



BORGES — Tenha calma, Seabra.  
OLEGARIO — Mesmo porque, com a ida do Getúlio ao Norte, o problema das secas será resolvido.  
SEABRA — Como?  
OLEGARIO — Pois o Getúlio não é o "manda-chuva"?

(reprodução reduzida).

A coluna “*Broadcasting*” tinha como abertura um editorial com referência à radiodifusão. A edição de 07 de junho de 1934 apresentou no texto de abertura uma provável ousadia para o época, tratando de uma crítica à programação de rádio do governo brasileiro, curiosamente naquele ano de 1934, quando surge *A Hora do Brasil*, nome originário do programa *A Voz do Brasil*. O título da seção era “Programa”. Da mencionada edição reproduzimos o seguinte texto, com a ortografia da época:

Ate que emfim!

O governo brasileiro, descendo da altura de suas cogitações, resolveu lembrar-se da existência e da utilidade do broadcasting.

O facto seria motivo de jubilio para todos os que se interessam pelo progresso do radio entre nós, se a lembrança do governo visasse beneficiar a arte, os artistas nacionaes, o publico ouvinte, ou as próprias estações.

Infelizmente, tal não se deu.

O que estamos vendo é a interrupção das actividades das nossas transmissoras para a irradiação de um programma que não interessa ao publico, nem á arte, nem aos artistas.

Um programma de communicados, telegrammas, exhortações, discursos, discursos e discursos, tudo num tom invariável de discurso.

As primeiras transmissões da hora discrecionaria revelaram que, em vez de um paiz de poetas somos um paiz de oradores.

O governo, se quer irradiar os seus factos, decretos e resoluções, devia installar uma estação sua e não ocupar a dos outros, onde apparece como um freguez indesejável, uma espécie de desmancha prazeres efficientissimo.

O programma nacional está fadado aum êxito completo entre os surdos.

Admira-nos até que um espírito esclarecido como o do sr. José Américo tivesse tido a iniciativa ou approved a idea já em execução, quando delle sempre esperamos leis e providencias de amparo aos artistas nacionaes.

Emfim, é bom que isto aconteça para que ninguém se lembre de pedir ao governo para se metter nessas cousas...

As já mencionadas revistas *Cariocas* e *PRANOVE*, nesta pesquisa, no Capítulo II, apontam o relacionamento de ambas com o Estado e referências de apoio, sobretudo ao governo Vargas. Essa linha editorial, diferente na revista *O Malho*, é clara em todas as edições, que revelava ampla visão sobre questões de manipulação, exploração de direitos e censura de uma forma geral. Numa referência ao gênero entretenimento em rádio, o editorial da edição de novembro de 1936 apresenta o título “As letras da Censura”, questionando a proibição sobre as letras de músicas:

Não se comprehende o critério em que se baseia a Censura Policial para prohibir ou permitir a publicação de certas composições. Como não lhe são attribuidos deveres de zelo artistico, só a parte da moral ou da

conveniência dos textos merece a sua sentença. Esta, entretanto, desnorteia os observadores de boa vontade, que não se alistam entre os que falam na política da Censura... Este anno, por exemplo, ella não permittiu que sahisse a marcha “ A Sapinha da Lagoa” porque falava em “bolinar”, termo e pratica, aliás já em decadência, a ponto de se archivado entre as expressões do romantismo... Mas deixou que sahisse uma que diz:

“Você casou há três mezes já baptisou o Cazuza...”

E ainda outra assim:

“Papae, Mamãe não quer  
que eu me case com você!

Depois do casamento

Como há de ser

Como há de ser?”

Não é só, porém. Ainda há mais cousa que a Censura não entendeu, na sua ingenuidade de “jeune fille” official:

“Oh tu que tens de humano

O gesto e o peito!

Vira p’ra cá

E põe-te a geito”

Como se vê, não se trata de um, nem de dois cochilos do argus burocrático que o Sr. Pitta de Castro dirige, com brilho, aliás, e boas intenções. Mas a verdade, deante dos seus vetos e aprovações, é que os compositores precisarão, no anno que vem, ir ás cartomantes para saberem quando a censura estará contra ou a favor das suas letras...

Outro editorial, da coluna “*Broadcasting*”, da revista *O Malho*, de 15 de julho de 1937, tratava da possível origem dos contratos, entre artistas e emissoras, como ocorre atualmente, nos canais de televisão. No título: “Respeito aos Contractos”.

Entre os artistas do radio carioca sempre foi costume não ligar a menor importância aos contractos assignado com as estações fabricas de discos, etc.

Appôr o nome nun papel ( quando o sabem fazer, é claro...) nunca se affiurou cousa de inspirar receio aos astros do nosso “broadcasting”. Fosse o que fosse, estava tudo muito bom, mesmo porque quando não estivessem satisfeitos era só dar o fora e cantar noutra freguesia...

Agora, porém, a Censura Policial resolveu intervir, de accordo com a lei, obrigando os signatários de taes compromissos a respeitá-los á força. Assim é que a dupla Ranchinho e Alvarenga, depois de firmarem num pacto de exclusividade com a “Mayrinck Veiga”, quizeram actuar na ”Tupy” e foram impedidos pela censura. Esta deve, ainda, não só impedir, como também multar e suspender os artistas faltosos, vedando-lhes o accesso aos microphones, aos theatros e a todo e qualquer exercício de profissão artística.

Só assim elles começarão a saber o que representa um documento assignado de livre e espontânea vontade. onde se contrahe direitos, mas também deveres e obrigações.

A censura Policial está, pois, de parabéns. E de lamentar, apenas, que a providencia ora tomada já não o tenha sido feito há mais tempo...



Registro de ensaio de radioatores, do elenco da companhia do "Theatro Pelos Ares", da rádio Mayrink Veiga, com destaque para o locutor César Ladeira (sentado, ao centro). Publicação da seção "Broadcasting", da revista *O Malho*, de 04 de julho de 1939, na página 6 (reprodução em tamanho original).

Em outros campos da coluna *Broadcasting*, da revista *O Malho*, as notas publicadas indicam as ações e momentos dos artistas do rádio daquele período, assim como das empresas de radiodifusão. Na edição de 7 de julho de 1934, o destaque é a foto da cantora Carmem Miranda, com informações das novas gravações da intérprete, que têm como tema as festas juninas: “E Carmem Miranda realizou desta vez, mais duas criações notáveis. São ellas: “Acorda São João, marcha de Assis Valente e Balão que muito sobe”, marcha de Ary Barroso e Oswaldo Santiago. Carmem Miranda ao que parece, vae abafar a banca novamente.” Num outro campo, desta coluna, um anúncio da editora musical “Irmãos Vitale” oferece os discos de Carmem Miranda, Francisco Alves, Gastão Formenti, Almirante e Mário Reis.

Da publicação de 2 de julho de 1937, a coluna *Broadcasting* apresenta também a seção “Radioletes”, com notas diversas sobre os bastidores do rádio e elenco deste veículo:

A P.R.E. – 4, “Rádio Sociedade da Bahia”, está entrando admiravelmente no Rio. O redactor desta secção, que gosta de ouvir para crer, tem escutado a emissora da cidade do Salvador com toda a nitidez.

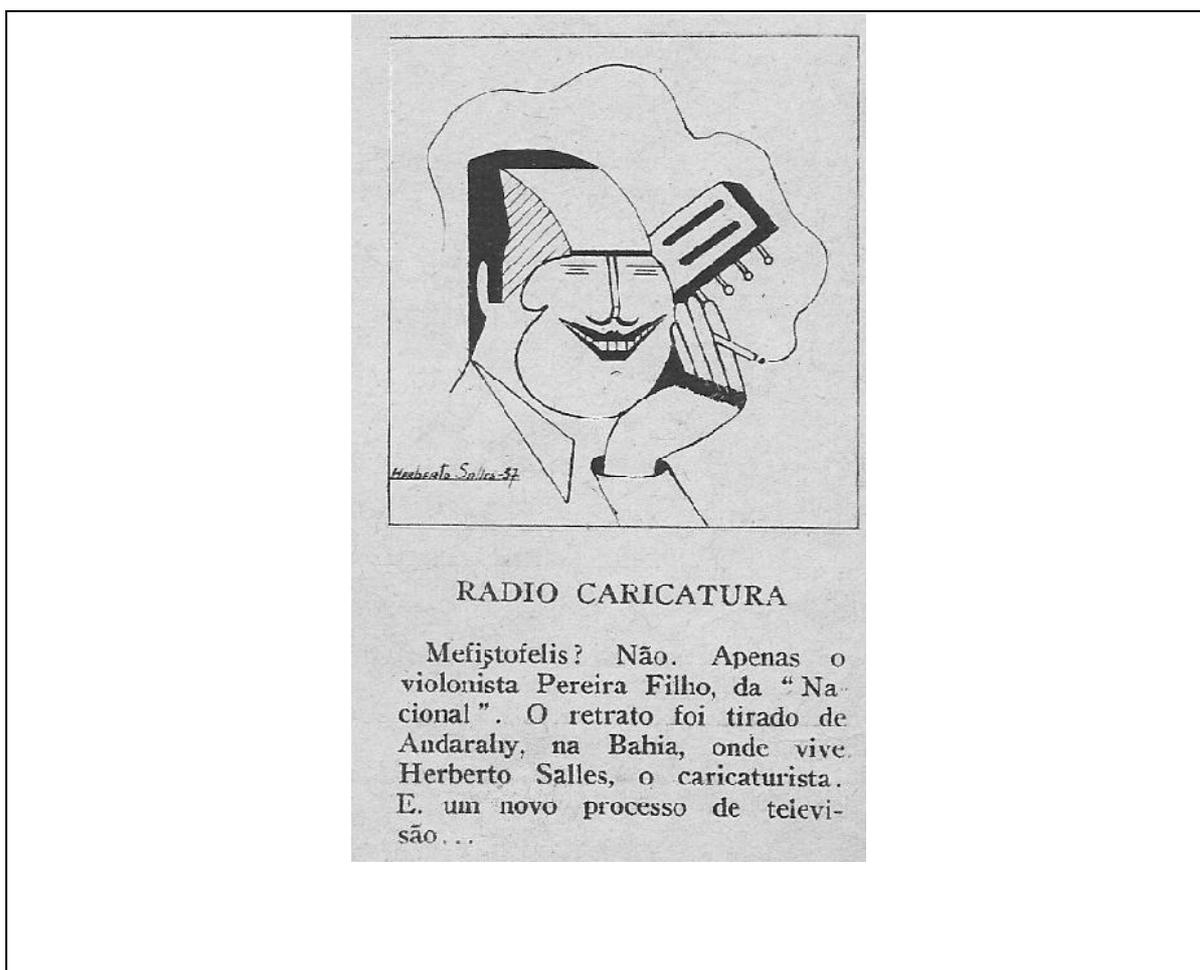
Orlando Silva, até há poucos dias, ainda não tinha encontrado uma composição carnavalesca que lhe encheu as medidas, segundo confessa. Onde estão os compositores, que não fazem uma cousa notável para o astro da “Nacional”?

Carmem Miranda, a inconfundível, considera a marcha “Dona Geisha”, que ella gravou na “Odeon”, o seu provável maior sucesso do carnaval que vem ahi.

As críticas mais diretas ficam por conta da seção “Venenos Alheios”, que reproduzia na coluna “*Broadcasting*” comentários ácidos ou fofocas, publicadas em outros veículos de comunicação. Segue um exemplo da edição da revista *O Malho* de novembro de 1937:

Aracy de Almeida está gravando umas cousas incríveis muito idiotas. Seria melhor que ella não se passasse p’ra sambas do gosto desse “Passe p’ra dentro”... Muito peor d que este trocadilho”. – ( Edmundo Lys, n’ “ O Globo”). Ante-homem, quando Albenzio Perrone cantava, na P. R. B.-7, um ouvinte que se achava no auditório perguntou ao visinho: - Por que este artista só canta producções de Gastão Lamounier? O outro respondeu: - Para ser agradável ao organizador do programa” ( Juracy de Araújo, na “Gazeta de noticias”).

Esta edição de 1937 apresenta, entre as informações, duas importantes referências históricas. Uma, ao lado esquerdo da página, destaca o ambiente da rádio *Club de Pernambuco*, com apresentação de orquestra. Na foto, a cantora Dora Martinelli e músicos sob a regência do maestro Nelson Ferreira. A segunda informação traz notável e curiosa ilustração com um referencial à palavra “televisão”, na nota abaixo reproduzida, intitulada “Radio Caricatura”.



(reprodução ampliada)

VENENOS ALHEIOS

"Aracy de Almeida está gravando umas cousas incríveis muito idiotas. Seria melhor que ella não se passasse p'ra sambas do gosto desse "Passe p'ra dentro"... Muito peor do que este trocadilho". — (Edmundo Lys, n.º "O Globo").

"Ante-hontem, quando Albénzio Perrone cantava, na P. R. B.-7, um ouvinte, que se achava no auditório perguntou ao visinho: — Por que este artista só canta produções de Gastão Lamounier? O outro respondeu: — Para ser agradável ao organizador do programma". (Juracy de Araujo, na "Gazeta de Notícias").

"Silvinha Mello é a estrella do film "Eterna Esperança". Ella, no radio, sempre foi uma eterna esperança..." ("Folha do Povo").

"Quando será collocado na Praça Sete o busto do saudoso Noel Rosa?" — ("Democracia").

NUTAS FORA DA CLAVE

Na Parahyba, a "Radio Tabajara" tem apresentado programas optimos, orientados pela escriptora Juaniã Machado.

A "Cruzeiro do Sul", depois das "gentilezas" feitas aos chronicistas de radio, negou a irradiação gratuita da noticia da morte de um parente do nosso confrade Julio de Oliveira, d' "A Batalha". E quiz cobrar 50\$000 por vez, se este quizesse fazel-o por sua custa. Mais caro do que para os annunciantes de preparados para a hygiene intima...

Carlos Galhardo homenageou os ouvintes de São Paulo, dando-lhes, em 1ª audição, quando lá esteve, a canção "Lenda arabe".

Segadas Vianna, jornalista e director da "Tupy", do Rio, escreveu nos desmentindo que a P. R. G.-3 estivesse atrezada no pagamento de seus artistas. Folgamos em registrar as suas palavras.



Maria Amaro, uma das figuras principais do film "Samba da Vida" e que tem actuado em radio com grande successo, através da "Nacional" e de outras emissoras.



RADIO CLUB DE PERNAMBUCO

E' notavel o progresso que se está assignalando no "broadcasting" nordestino. O "Radio Club de Pernambuco", a formidavel estação de Oscar Moreira Pinto, acaba de inaugurar suas novas installações e seus novos transmissores de ondas curtas e longas. No cliché, um aspecto do studio da P. R. A.-8, vendo-se a cantora Dóra Martinelli ao microphone, acompanhada pela orchestra dirigida por Nelson Ferreira.

28 - X - 1937

RADIOLETES

Ausente do radio, Elisinha Coelho engordou dez kilos. E ha quem pense que cantar não cansa...

As "Irmãs Paçãs" continuam victoriosas em Buenos Aires. Vão apparecer no film "Argeminos em Paris". Será que já se mudaram de nacionalidade?

Gracy e Ely no Casino de Icahy. E' verso e talvez seja verdade, dentro em breves dias.

O radio está melhorando. Alziro Zarur, festejado "speaker", vac publicará um livro de poemas...

Mais um bahiano que vem cantar no Rio. Chama-se Renato Braga e já deve ter estreado na P. R. A.-9, a estação onde já esteve Victor Barcellar — outro bahiano bom.

O 2º chronicista que accitou organizar um programma na "Cru-

zeiro do Sul" foi Francisco Gavião. O publico gostou e applaudiu pelo telephone. Quem não gostou foi Ary Barroso, que teve a actuar na "Rede Verde e Amarella", com a qual elle implicitamente não sabemos por que...

Valentina Biosca, que havia abandonado a actividade radiophonica, está dirigindo a "Petropolis Radio Diffusora".



RADIO CARICATURA

Mefistofelis? Não. Apenas violonista Pereira Filho, da "Nacional". O retrato foi tirado Andaraby, na Bahia, onde y Herberto Salles, o caricaturista. E, um novo processo de telephoniação...

O MALH

Entre os diversos espaços que a revista *O Malho* reservou aos registros sobre o rádio, figuram também algumas parcerias e promoções com emissoras. A edição número 70, de 04 de outubro de 1934, apresenta o “Programa Casé”, (pela P.R.A. 2), num concurso de palavras cruzadas, conforme a seguinte reprodução, impressa ao lado da coluna *Broadcasting*.

6 — XII — 1934

## PALAVRAS CRUZADAS PELO RADIO

OS MAPPAS SORTEADOS NO CONCURSO  
DO “PROGRAMMA CASÉ” COMBINADO  
COM O “MALHO”

Constituiu, sem dúvida, uma nota de sensação a festa de encerramento do concurso promovido pelo “Programma Casé”, de accordo com O MALHO realizado na tarde de 28 de Novembro findo, no Theatro João Caetano”.

Uma casa cheia, artistas optimos num acto variado, tendo as suas vozes ampliadas pelo microphone da R. C. A. Victor, auditorio entusiasta e um sortelo rapido — eis os motivos desse successo.

A nossa reportagem photographica fixou varios aspectos da festa, que são reproduzidos no presente numero.

Adeante, publicamos os numeros dos mappas sorteados, em escala ascendente, o nome do concorrente e o respectivo premio:

Mappa 16; Leopoldo A. Rodrigues; assignatura annual de “Tico-Tico”.

Mappa 448; Samuel Moraes da Silva; 1 caixa com 12 garrafas de Vinho Velho 1865, offerta de Santos Soares & Cia., á rua do Mercado, 20.

Mappa 636; José Coelho Mendes; 1 caixa com 12 garrafas de Cognac Soberano, offerta de Santos Soares & Cia.

Mappa 657; Jorge dos Santos; assignatura annual de “Vida Doméstica”

Mappa 893; Margarida de Sá; um terço de casemira no valor de 400\$, offerta da “Alfaiataria Polar”, á rua da Carioca, 8.

Mappa 903; C. R. P. Bianchi; um serviço para chá no valor de 500\$, offerta da “Camisaria Progresso”, á Praça Tiradentes, 2 e 4.

Mappa 921; Altair Deslandes Braga; um aparelho de radio; offerta da “Casa Pimentel”, de Meyer.

Mappa 1062; Herald Portella; 1 caixa com 24 garrafas de Vinho Imperial Tinto”, offerta de Santos Soares & Cia.

Mappa 1291; Raul Kól de Alvaranga; um côrte de seda no valor de 100\$, offerta da “Casa Branca”, rua Ouvidor, 127.

Mappa 1307; Alcindo Fagundes; uma caixa com 12 garrafas de “Vinho

Mappa 2783; Zulma Rodrigues; um côrte de seda, novidade para a estação, offerta da “Tecelagem Moderna”, á rua G. Dias, 39.

Mappa 2996; Floriano Gonsalves de Lima; assignatura annual da revista “Arte de Bordar”.

Mappa 3041; Milton Correia da Costa; um grupo estofado (sofá e 2 poltronas) no valor de 600\$, offerta da “Casa Souza Baptista”, Largo da Carioca, 9 e 11.

Mappa 3042; H. B. Delgado; uma caixa com 12 garrafas de “Vinho Clarette Extra”, offerta de Santos Soares & Cia.

Mappa 3142; Fernando de Almeida; um aparelho de radio no valor de 1.000\$000, offerta d’“A Melodia”, á rua Gonçalves Dias, 40.

Mappa 3232; Delarino Siqueira de Moraes; uma pelle Sroline Argentée, offerta de “Julio, Leiloeiro”, á rua Chile, 29.

Mappa 4004; Angelina Laurino; uma caixa com 12 garrafas de “Vinho Nobre”, offerta de Santos Soares & Cia.

Mappa 4014; Evandro Estrella da Silva; assignatura annual de “Moda e Bordado”.

Mappa 4078; Nirceu Pessoa de Castro; um jarro de crystal e praia, no valor de 600\$, offerta d’“O Cristalino”, á rua Urugayana, 39.

Mappa 4105; Idalina Santos; assignatura annual d’O MALHO.

Mappa 4124; Mano Couto; uma bicyclera a escolher, offerta da “Casa Pavageau”, á rua da Carioca, 5.

Mappa 4215; Juracy Dias Leal; um côrte de seda, no valor de 100\$, offerta da “Casa Branca”.

Mappa 4273; Alvaro Trajano Penna; um aparelho japonês com 10 peças para chá, offerta d’“O Dragão”, rua Larga, 193.

Mappa 4284; Yvonne Lanzilotti; assignatura annual de “Cine Arte”.

Mappa 4485; Olga Moita; um par de sapatos para homem, offerta da “Casa River”, á rua da Assembléa, 44/46.

Referência ao “Programa Casé”, na revista *O Malho*, edição número 70, de 04 de outubro de 1934 (reprodução reduzida).

- Revista *O Cruzeiro*

A revista *O Cruzeiro*, lançada em 9 de novembro de 1928, no Rio de Janeiro, pelo empresário Assis Chateaubriand, chega aos anos 30 sem contar com a simpatia do governo, por questões políticas envolvendo o fundador da publicação e o Estado, durante a Revolução de 32. Tal informação foi extraída de artigo escrito pelo jornalista Antonio Acciolly Netto, (que foi diretor da revista *O Cruzeiro*) na revista "Imprensa", em dezembro de 1990. Netto é autor do livro *O Império de Papel, os bastidores de O Cruzeiro*, obra que relata a trajetória da edição. Nesse livro, assim como em outras bibliografias, a relação Getúlio Vargas com Assis Chateaubriand foi documentada como tendo "altos e baixos", entre distanciamentos e aproximações, convenientes aos dois, ao político e ao empresário das comunicações. Assim, no aspecto editorial, há considerável diferença entre *O Cruzeiro* e outras publicações como a revista *O Malho*. Em comum, porém, as duas revistas traziam os registros sobre a radiodifusão brasileira.

Nos anos 30, o chamado broadcasting brasileiro, isto é, o rádio, alcançava níveis incríveis de audiência. Seus artistas tinham notoriedade nacional e eram muitas as revistas especializadas no assunto. Mas, embora tivessem bom público, eram publicações de baixo nível, impressas em mau papel, com impressão deficiente e colaborações fracas. As principais eram Voz do Rádio, Revista do Rádio e Cartaz do Rádio. Entrando na competição, *O Cruzeiro* passou a dedicar duas ou quatro páginas semanais ao assunto, só que em bom papel e com excelentes reproduções, o que de imediato fez o maior sucesso com o público (NETTO, 1988:58).

Nos primeiros cinco anos do programa radiofônico oficial do governo, *A Hora do Brasil*, a relação entre o empresário Chateaubriand e o presidente Vargas era de harmonia, pelo menos de forma aparente. Essa constatação vem das páginas da revista *O Cruzeiro*, que registrava, em notas e matérias, momentos dessa programação do Estado, incluindo anúncios sobre o governo.

Nesse caso, faz-se necessária uma reconstituição política do período pós-revolução de 30, quando foi criado o Departamento Oficial de Propaganda - DOP, encarregado de uma seção de rádio anterior ao programa *Hora do Brasil*, que surge em 22 de julho de 1935 como

porta-voz do governo. A primeira transmissão acontece na rádio *Guanabara*, no Rio de Janeiro, com apresentação de Luiz Jatobá e abertura com a ópera "O Guarani", de Carlos Gomes. No início, com pouca audiência, o programa chegou a ser apelidado de "o fala sozinho", e depois de "a hora do silêncio".

No mês de julho de 1934, o Governo Provisório transforma o DOP em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural. Para dirigi-lo foi nomeado o jornalista e escritor sergipano Lourival Fontes.

Fontes foi o grande responsável pela instituição do programa Hora do Brasil (...). Esse programa assumiu importante papel na veiculação das idéias de Getúlio, inclusive com vistas ao golpe de Estado, e também lhe conferiu a posição de primeiro governante brasileiro a utilizar o rádio dentro de um modelo autoritário (PEROSA, 1995: 38).

A fase é de aproveitamento do veículo rádio, não só no Brasil, para a manipulação da informação e estratégias de líderes, mas em outros países como os Estados Unidos. Lá o presidente americano Franklin D. Roosevelt “em 1933, apresentava suas *Conversas ao pé do fogo*. Em 1933, quando Hitler foi designado Chanceler na Alemanha, os nazistas utilizaram o rádio para propaganda e já em 1931 tentaram influenciar na nomeação dos diretores das emissoras” (NUNES, 2000 : 39). O uso político do rádio por Getúlio Vargas recebeu influências fascistas, como observa a pesquisadora Lilian Maria de Lima Perosa:

O Lourival Fontes trouxe aquela filosofia de propaganda do Mussolini. Ele foi à Itália numa delegação de futebol, foi recebido por Mussolini e andou estudando tudo aquilo. Voltou de lá apaixonado pelo regime fascista, principalmente em relação à propaganda. Quando veio o golpe de Estado Novo, um golpe realmente de características fascistas, ele se entendeu com Getúlio e resolveu então criar o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), e nessa altura dos acontecimentos ele criou também a Hora do Brasil (PEROSA, 1995: 40).

Na edição de 11 de novembro de 1939, a revista *O Cruzeiro* publicou na página 9 uma reportagem sobre os bastidores do programa de rádio *Hora do Brasil*. A redação do noticioso ficava nas dependências da Câmara dos Deputados, no Palácio Tiradentes, no Rio de Janeiro. A matéria, com fotos da redação, foi assinada por Carlos Cavalcanti. Logo no

início do texto ele citou Lourival Fontes: “O gabinete de trabalho do senhor Lourival Fontes é um gabinete singular. Talvez nenhum director de repartição do Brasil tenha um gabinete tão pouco importante, tão simples, desprezencioso e cheirando a trabalho”. Na matéria registram-se também informações de cadastro de ouvintes e irradiação "para o estrangeiro": "Nem todos sabem que o Departamento de Propaganda irradiava em inglez, francez, italiano ou allemão programas diários com musicas, informações e notícias sobre o Brasil".

O aspecto da redação onde trabalhava Lourival Fontes não escapava do texto do repórter de *O Cruzeiro*. "Logo á primeira vista dá idéia de balburdia. Duas longas mesas, plenas de jornaes, revistas, folhetos, mappas, papeis, revistas, cartas e manuscriptos".

A produção do programa de rádio estatal tratava também da questão de acesso aos ouvintes com o Departamento de Propaganda levando estrutura de autofalantes para diversas localidades, conforme informação da mencionada matéria em texto que se encontra no complemento da reportagem, na página 48 da revista.: “Tem diariamente a Hora do Brasil, para o interior e o exterior do paiz. Depois, serviços de instalação de altofalantes, nas festas, solemnidades; acontecimentos, nos grandes movimentos collectivos emfim. Duzentas e seis instalações foram feitas nos seis mezes.”. Bastante criticado em todas as fases de existência, o mencionado programa estatal recebia uma referência ao período inicial de apresentações do professor e jurista Ives Gandra da Silva Martins, no artigo intitulado “O Avanço do Retrocesso”, na revista “A Voz do Brasil”, de 04 de outubro de 1996, na página 28:

A pior das Constituições brasileiras foi imposta por Getúlio Vargas em 1937, quando, após golpe de Estado, instituiu a mais severa ditadura da era republicana, somente afastada, em 1945. com sua deposição. Sob o pálio daquela Carta fascista, foi criado o programa de noticiário oficial denominado “A Voz do Brasil”, no mesmo estilo em que, através de Goebbels, Hitler veiculava as notícias do nacionalismo para influenciar a opinião pública alemã, inclusive no ódio aos adversários e nos preconceitos raciais.

# ONDE SETAZ A "HORA DO BRASIL"

Reportagem de  
**CARLOS CAVALCANTI**

O GABINETE de trabalho do senhor Lourival Fontes é um gabinete singular. Talvez nenhum director de repartição no Brasil tenha um gabinete tão pouco importante, tão simples, desprezível e cheirando a trabalho.

Em geral, os gabinetes directorias são solenes, sobrececho carregado, esmagadores, triplicando os complexos de inferioridade dos visitantes, com a sizudez do porreiro, a sizudez do posteiro, a sizudez do "bureau", da cara, da voz e do pisar do director.

O gabinete do senhor Lourival é o contrario de tudo isso, não tem sizudez.

Toda as pessoas que falam no microphono da "Hora do Brasil" são inscriptas numa ficha especial, com numerosas referencias sobre o dia, hora, assumpto e duração da transmissão. O reporter apsecta a ficha do presidente Getulio Vargas.

vez em parte nenhuma. Logo á primeira vista dá idea de balburdia. Duas longas mesas, plenas de jornais, revistas, folhetos, nappas, papéis, vistas, cartas e manuscritos. Nas paredes, graphicos, cartazes, capas de livros, de prospectos, de albums, cartões postais, um mundo de propaganda do Brasil das suas instituições notáveis e das suas realizações. Num canto, um rádio immenso. Por detrás da cadeira do director, um monte de telefones. Grandes janelas abrínto para um terraço, onde o sol está tirindo.

O reporter poderia empregar a chapa de que o director interrompera volumoso expediente para attendê-lo, com a gentileza que lhe é peculiar. Mas tal felicidade não acontecia, porque o director não estava e demorou a chegar. Entrou

O senhor Lourival Fontes, director do Departamento de Propaganda, recebe o palestrante e o reporter no seu gabinete de trabalho.



acompanhado de dois estrangeiros. Eram dois jornalistas, um americano e outro francez.

— Acho melhor o senhor falar logo. Com pouco mais, chega um professor japonês. A palestra já está murçada...

Accedimos a sugestão amiga do continuo e entramos quando os jornalistas saíam. O senhor Lourival Fontes pede-nos cigarro e phosphoro. Queríamos saber alguma coisa sobre as actividades de radio do Depar-

rosa nos seis primeiros mezes deste anno, dentro e fóra do país.

As irradiações para o estrangeiro, por exemplo. Nem todos sabem que o Departamento de Propaganda irradia em inglez, francez, italiano ou allemão programas diarios com musicas, informaçoes e noticias sobre o Brasil. Essas transmissões alicantaram no primeiro semestre deste anno o numero de 150. Em consequencia chegam ao Departamento cartas sem



Reportagem publicada na página 9 da revista *O Cruzeiro*, edição de 11 de novembro de 1939, sobre o programa *A Hora do Brasil*. (reprodução reduzida).



Acetamos a sugestão amiga do contínuo e entramos quando os jornalistas saíram. O senhor Lourival Fontes pede-nos cigarro e phosphoro. Queríamos saber alguma coisa sobre as actividades de radio do Departamento Nacional de Propaganda. O senhor Lourival Fontes leva-nos a uma das mesas compridas. Abre um livro também comprido que resume em graphicos e estatísticas as actividades de radio da sua repartição ope-

rio programas diarios com musicas, informacoes e noticias sobre o Brasil. Essas transmissões alcançaram no primeiro semestre deste anno o numero de 156. Em consequencia chegam ao Departamento cartas sem conta, procedentes de todas as partes do mundo. Até da ilha de Santa Helena. (CONTINUA NA PAG. 48).

Uma parte da discoteca do Departamento para organização das transmissões internas e externas. Todas classificadas rigorosamente.



Uma funcionaria mostra ao reporter o archivo de musicas. Essas partituras, para atender pedidos de ouvintes estrangeiros são continuamente enviadas para a Europa, America, etc. etc.

11 de Novembro de 1939

— 9 —

O CRUZEIRO

Parte inferior da página 48, da reportagem publicada na revista *O Cruzeiro*, edição de 11 de novembro de 1939, sobre o programa *A Hora do Brasil* (reprodução reduzida).

## Onde se faz a "Hora do Brasil"

(CONCLUSÃO DA PAG. 9)

lena. Todas têm respostas, acompanhadas de literatura de propaganda e informação sobre as nossas coisas em geral.

Mas, ao lado dessas irradiações normaes, avultam irradiações extraordinarias, que no mesmo periodo e com igual exito foram de 119. Nesse capitulo de divulgação no exterior deve ser incluído o "Jornal do Mar", programma noticioso diario, destinado aos navios em alto mar, e as realizações de intercambio, como ainda recentemente com a Columbia Broadcasting System e Paris Soir.

Estamos virando as paginas do album de graphics e estatisticas: Tudo é tão explicito que dispensa esclarecimentos. Uma ou outra palavra ape-

nas do senhor Lourival Fontes. Acorra, são as irradiações interinas. Tem diariamente a "Hora do Brasil", para o interior e o exterior do paiz. Depois, serviços de installação de altofalantes, nas festas, solemnidades, acontecimentos, nos grandes movimentos collectivos enfim. Duzentas e seis installações foram feitas nos seis meses. E trzentas e noventa e duas foram as irradiações extraordinarias, nas redes local e nacional, isto é, para o Rio e para o Brasil inteiro.

O Departamento envia ás estações de radio chronicas diarias. São commentarios e informações sobre os actos do governo, actualidades e problemas de interesse nacional. Essas chronicas foram em numero de 2.257, no primeiro semestre do anno. Emquanto que no mesmo periodo cento e trinta e oito pessoas, das quaes 96 estrangeiras, occuparam o seu microphone.

— Temos outras indicações curiosas

aqui: — observa o senhor Lourival Fontes. Muitos ouvintes estrangeiros, inclusive emissoras, pedem gravações de nossas musicas. Na medida dos nossos recursos, adquirimos e enviamos os discos. Só no mez de abril, por exemplo, adquirimos para esse fim 285 discos.

— E os discos agradam?

— Pelas cartas de agradecimentos, os ouvintes augmentam a vontade de vir ao Brasil para melhor conhecer a nossa terra e a nossa gente...

## DING-DONG denuncia-se

(CONTRIBUIÇÃO DA PAG. 24)

Uma figura côr de se pia poz a ca-beça, assustada, na porta.

— Você viu o clarinete deste homem?

— Sim, madame — respondeu inquieto — Apanhei-o para dar ao meu namorado como lembrança.

Na revista *O Cruzeiro*, a coluna dedicada ao rádio recebia o nome de *Back Ground*. Semelhante à coluna *Broadcasting*, da revista *O Malho*, o espaço apresentava notas de bastidores do veículo eletrônico, editorial, fotos de locutores e artistas, com um diferencial sobre a concorrente: charges e caricaturas. A assinatura do texto era do jornalista Fernando Lobo. Na edição número 39, de 22 de julho de 1944, a publicação editada no Rio de Janeiro, traz uma reflexão sobre o rádio:

O rádio tem mesmo duas vidas: uma que está diante do público, na casa do ouvinte sorridente e alegre como um artista no palco e outra repleta de lutas, de constantes preocupações, vida que se gasta dentro dos escritórios, dos contratos, em cima do papel em branco, à cata de idéias. O microfone é um monstro ganancioso que prefere tudo novo, tudo sempre melhor. A vida passa assim, uma seqüência de repetições monótonas ou de inesperadas modificações. Caminha devagar, mas caminha. Em qualquer ponto que ele chegue a atingir, penso eu, no entanto, que terá sempre essas duas existências separadas e distintas.

Na edição 14, de novembro de 1946, Fernando Lobo escreveu outras percepções sobre as mudanças no rádio brasileiro, sob o título “Muda o rádio, tudo muda”:

Não faz muito tempo, que a transformação do rádio foi notada. Uma mudança rápida de orientação artística, toda ela voltada para a programação. O “astro” de repente ocupou seu verdadeiro lugar, passando a figurar como um colaborador de programa redigido, da idéia lançada. O próprio anunciante – sempre revoltado contra inovações aceitou de bom grado a modificação, compreendendo que a sua publicidade estaria melhor lançadas e conseqüentemente com a maior dose de eficiência.

Nessa mesma publicação e página, o autor da coluna fez ainda uma explanação referindo-se ao rádio, sobre um fenômeno bastante recorrente atualmente na televisão, numa menção às celebridades efêmeras, em nota com o título: “Estrelas que se apagaram”. Na redação, um tom crítico:

A gente não sabe mesmo que segredo há no público e que mistério há no microfone. O fato é que nessa corrida louca em busca do estrelato, nessa ânsia de poder alcançar a fama muitas vezes o nome perde-se, desaparece e foge. O público é frio e impiedoso para o “astro” que despenca para o nome que por algum tempo permaneceu diante dos seus olhos e acreditaram mesmo na fortaleza de suas palmas.

Na parte inferior da mencionada página, referente ao tema “As estrelas que se apagaram”, a arte radiofônica em desenho foi assinada pelo cartunista, Antonio Gabriel Nassara, que também foi compositor, nascido no Rio de Janeiro, (1910 – 1996). O artista assinava as obras com o sobrenome Nassara. Ele passou por diversos jornais e revistas, atuou como locutor na rádio *Philips do Brasil*, em 1932, até chegar à revista *O Cruzeiro*, em 1945. Nesta publicação realizou trabalhos ilustrativos, com teores críticos e bem-humorados, como revela a reprodução abaixo da coluna *Back Ground*, edição de 06 de janeiro de 1945.

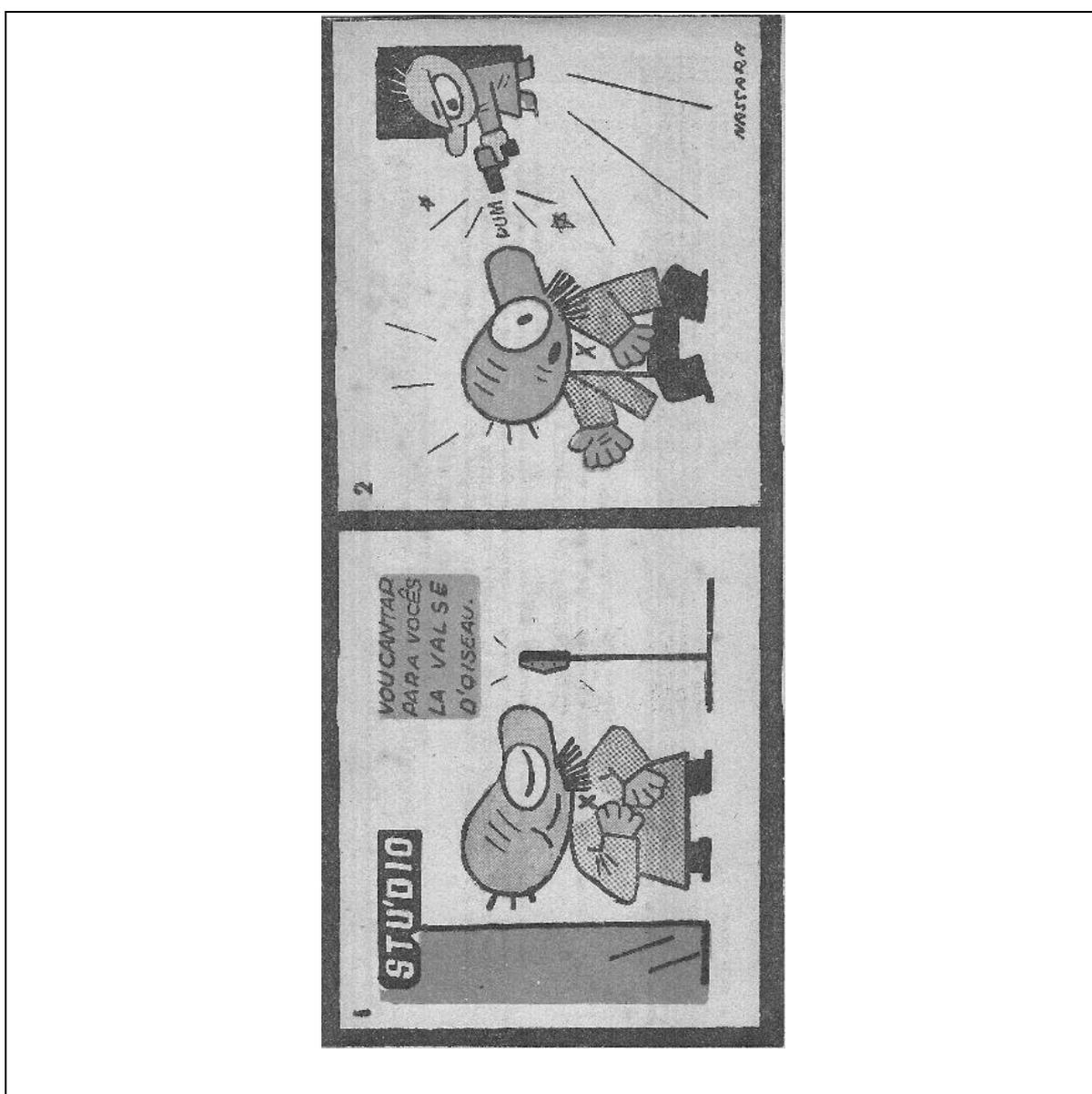


Ilustração assinada por Nassara, na coluna “*Back Ground*” da revista *O Cruzeiro*, de 06 de janeiro de 1945 (reprodução reduzida).

# B A C K G R O U N D

## Muda o rádio, tudo muda

FERNANDO LOBO

**N**ÃO faz muito tempo, que a transformação do rádio foi notada. Uma mudança rápida de orientação artística, tódó ela voltada para a programação. O "astro" de repente ocupou o seu verdadeiro lugar, passando a figurar como um colaborador do programa redigido, da ideia lançada. O próprio anunciante — sempre revoltado contra inovações — aceitou de bom grado a modificação, compreendendo que a sua publicidade estaria melhor lançada, e consequentemente com a maior dose de eficiência. Aos poucos, grandes programas foram para o ar, cuja idealização prenderam um novo número de ouvintes. Com essa fase desapareceu o método antiquado dos quartos de hora e das apresentações de "astros" isoladamente. Também os locutores começaram numa atividade diversa, atuando dois e três num mesmo programa. Com a modificação do rádio veio a modificação da crítica radiofônica. Para os dirigentes e produtores recaíram as culpas, e a direção artística de uma emissora, outrora pura ficção, passou a ser um órgão responsável pelo sucesso das idéias e pelo resultado publicitário. Morreu o cronista renitente, o "evento" con-

tra certos artistas, contra alguns locutores e até mesmo contra certas emissoras. Lembro-me, quando aqui cheguei, e fui colaborar numa revista carioca. A primeira determinação que recebi como cronista foi a de que poderia escrever sobre quem quer que fosse, menos sobre Orlando Silva. Razões pessoais do dirigente impunham esta atitude.

Não compreendi, no entanto, como na cidade grande proibias-se mencionar um artista que naquela época atingira o auge de sua carreira, quando lá fora nas cidades pequenas o público ansiava para vê-lo de perto. Cheguei mesmo a crer, que todo aquele fenômeno era apenas esse exagêro da provincia, sempre entusiasmada com o cartaz carioca. Várias excursões de Orlando Silva ao Norte e ao Sul tiraram-me a dúvida. O homem era de fato um sucesso no masso do povo.

Hoje não é mais necessária prevenção contra o cantor, e com essas novas diretrizes que o rádio traçou vai ficando longe o tempo do meu amigo Caribé, que muitas vezes entrou em lutas corporais quando algum elemento achava azédas as suas palavras. Hoje tudo é mais calmo, porque é sobretudo mais organizado e se ainda há cronistas por ai que continuam "marcando" "astros", é porque emissoras existem que continuam no mesmo ritmo arecano dos quartos de hora e dos "astros" isolados como elementos de primeira grandeza.

## Noticias

**"ESTRELAS" QUE SE APAGARAM** — A gente não sabe mesmo que segredo há no público e que mistério há no microfone. O fato é que nessa corrida louca em busca do estrelato, nessa ansia de poder alcançar a fama, muitas vezes o nome perde-se, desaparece e foge. O público é frio e impiedoso para o "astro" que despence, para o nome que por algum tempo permaneceu diante dos seus olhos e acreditou mesmo na fortaleza de suas palmas. Há uma infinidade de maneiras para um nome sumir repentinamente. Muitas vezes vem o êle dos calouros, vai ao programa sem compromisso e atinge a programação noturna de uma estação de classe para depois cair — não por falta de valor mas unicamente por falta de equilíbrio em vários sentidos.

Um "astro" obcecado está a meio passo da queda. Delibera com precipitação a escolha do repertório, escolhe um mau folioleto que lhe tira póses rídiculas, excursões demoradamente pelo interior fascinado por maiores propostas e cai no esquecimento.

O casamento esdúz uma grande percentagem de "estrelas" no nosso rádio, pois o noi-

vo sempre contrário à arte e ao "baton", toma de saída indicativas de ordem sentimental e suprime imediatamente a presença ao microfone.

Depois do casamento a "estrela" sempre volta, mas esse retorno é mais amargo. Vem mais antifoliotônica, com um repertório em absoluto atraso e principalmente sem aquêle amor à salação. E, enorme o pelotão das que já tiveram a oportunidade do microfone, essa dignifica chance que o rádio dá e que muitas a recusam, ou a perderam por entre os dedos ou a trocaram pela vida solada de um amor e uma cabana.

"Quadros da Grã-Bretania" e "Momentos Musicais" são dois ótimos programas culturais transmitidos às segundas-feiras às 19 horas, um "script" de David Nassor, o primeiro.

A Rádio Tupi, em combinação com a revista O CRUZEIRO, lançou em fevereiro um sensacional concurso de músicas inéditas dos maiores compositores do Brasil. Lanartine Babo, Dorival Cayami, David Nassor, Alcyr Pires Vermelho, Custódio Mesquita, Alberto Ribeiro, João de Barros e Ataulfo Alves se-

ráo os primeiros concorrentes ao prêmio de cinco mil cruzeiros mensais.

**Antifa** é uma das músicas de maiores possibilidades para o carnaval carioca. Marques Júnior e Roberto Kobert, os autores, pertencem ao grupo dos maiores compositores brasileiros, filiados à U. B. C. *Aurora, Os corações* e outras marchas consagradas são de sua autoria.

**Chôpa**, a esplêndida marcha de Osvaldo Santiago e Paulo Barbosa, gravada por Dircinha Batista, está fazendo grande sucesso.

"Folias de 45" e o grande programa que a Rádio Tupi lançou para festejar o Carnaval. Participam dessa empolgante realização radiofônica os maiores "astros" do rádio brasileiro. Dircinha Batista, Jorge Veiga, Dôo, Araci de Almeida e outros artistas dão alegria e entusiasmo a esse programa, que o público tem apaludado com muita simpatia.

Um vespertino da cidade vai lançar um concurso de músicas de Carnaval com quinze mil cruzeiros de prêmio. Muitos autores já estão se preparando para participar dêsse concurso.

Nesta seqüência, mais duas reproduções da obra de Nassara, publicadas na revista *O Cruzeiro*, de 13 de janeiro de 1945, nas páginas vizinhas, 22 e 23, desta edição. No texto sobre o primeiro desenho, há uma referência ao samba, com a caricatura do maestro Radamés Gnattali e do compositor Pixinguinha. Segundo o autor, o citado ritmo era pouco conhecido no Brasil, daquele ano. Na nota, a crítica:

O samba é hoje um gênero de música brasileira definitivamente consagrado. Como toda música popular. Necessita de vestimenta orquestral para sua melhor apresentação. Pixinguinha e Radamés Gnattali têm se dedicado ao pobrezinho, que viveu muito tempo enfeitado por aí. E, bem vestido, ele terá ingresso em qualquer salão nacional ou estrangeiro. No entanto, o samba é pouco conhecido, mesmo no Brasil. Oitenta por cento dos brasileiros não sabem dançar sambas. É que este gênero de música dançante é ainda mal apresentado no Brasil.

A segunda ilustração revelava a caricatura dos compositores Nono, Custódio Mesquita e Mário Cabral, sob o texto:

Nono, Custódio Mesquita e Mário Cabral, hoje não aparecem mais em programas de rádio. Afastaram-se. É uma pena. Nono era o pianista dos cartazes. Acompanhava Luiz Barbosa, Francisco Alves, Mário Reis, Silvio Caldas. Custódio Mesquita, ao contrário, só acompanhava gente nova. Foi assim que apareceu João Petra de Barros. Finalmente, Mário Cabral, era do folclore. Silvinha Melo, Elisinha Coelho, Jorge Fernandes, só cantavam tendo ao piano o “pianista que lia à primeira vista”... Rimava e era verdade.

Nessa edição da revista, Nassara, autor das ilustrações nela publicadas, também é mencionado na coluna “*Back Ground*”, na página 25:

Nássara e Frazão há muito tentam lançar um “frevo” pernambucano no meio carioca e esse ano mataram a vontade. “Eu vim prá Pernambuco” é uma melodia bem feita, nos moldes da música em Recife. Tem uma letra bastante saborosa e uma melodia pousada em bons motivos populares.

# RADIO

O samba é hoje um gênero de música brasileira definitivamente consagrada. Como toda música popular, necessita de vestimenta orquestral para sua melhor apresentação. Pixinguinha e Radamés Gnattali têm se dedicado ao pobrezião, que viveu muito tempo enfeitado por aí. E, bem vestido, ele terá ingresso em qualquer salão nacional ou estrangeiro. No entanto, o samba é pouco conhecido, mesmo no Brasil. Oitenta por cento dos brasileiros não sabem dançar samba. E' que este gênero de música dançante é ainda mal apresentado no Brasil.



## OS PERSONAGENS

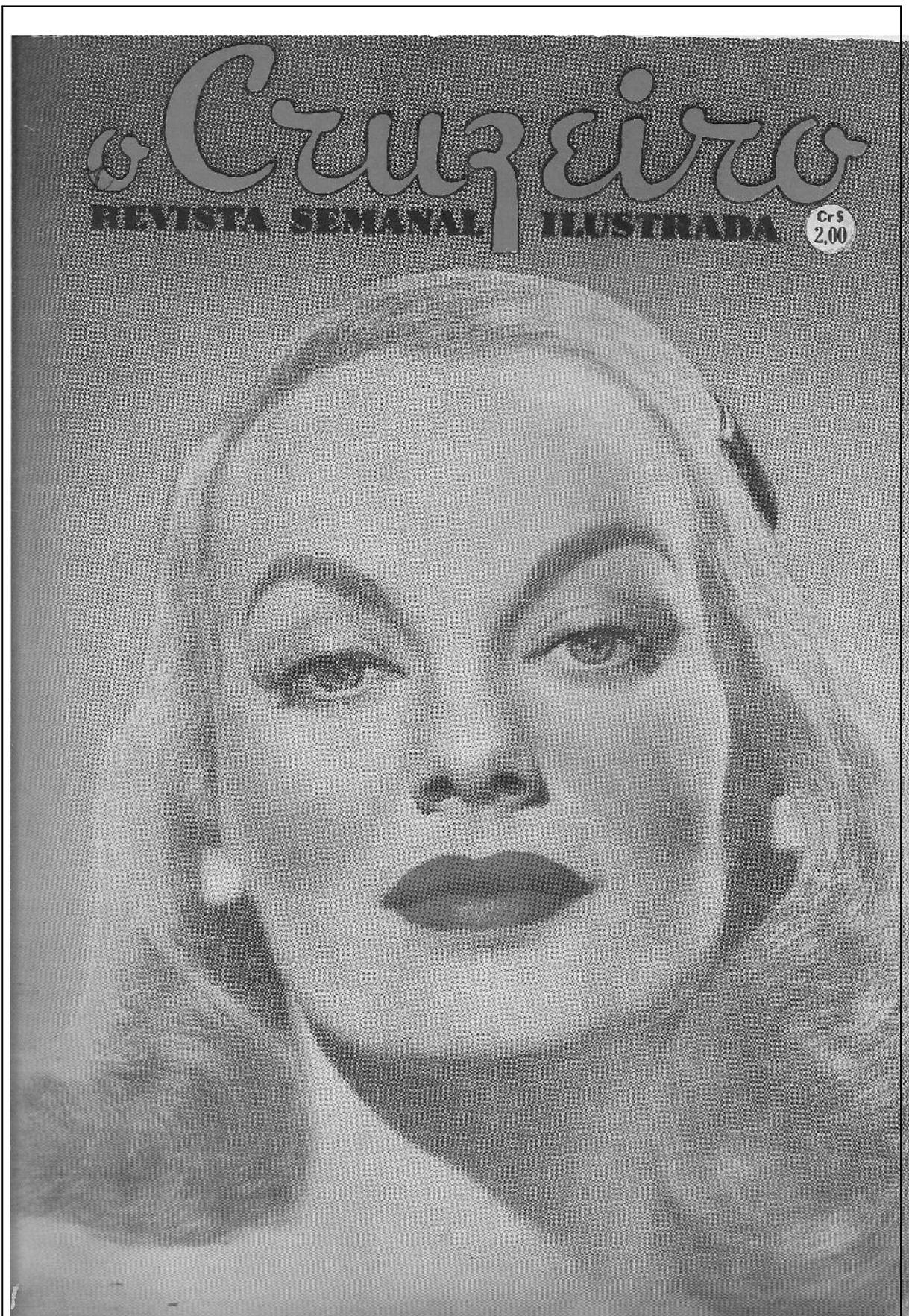
Caricatura do maestro Radamés Gnattali e do compositor Pixinguinha, assinada por Nassara, publicada na revista *O Cruzeiro*, de 13 de janeiro de 1945, na página 22 (reprodução reduzida).

NO TEMPO DO "AO PIANO FULANO DE TAL".

Nôno, Custódio Mesquita e Mário Cabral, hoje não aparecem mais em programas de rádio. Afastaram-se. E' pena. Nôno era o pianista dos cartazes. Acompanhava Luiz Barbosa, Francisco Alves, Mário Reis, Silvio Caldas. Custódio Mesquita, ao contrário, só acompanhava gente nova. Foi assim que apareceu João Petra de Barros. Finalmente, Mário Cabral, era do folclore. Silvinha Melo, Elisinha Coelho, Jorge Fernandes, só cantavam tendo ao piano o "pianista que lia à primeira vista"... Rimava e era verdade.



Caricatura dos compositores Nono, Custódio Mesquita e Mário Cabral, assinada por Nassara, publicada na revista *O Cruzeiro*, de 13 de janeiro de 1945, na página 23 (reprodução reduzida).



Capa da revista *O Cruzeiro*, edição número 12, de 13 de janeiro de 1945. Na ilustração a atriz Marlene Dietrich.

Outro importante fato documentado da vida radiofônica brasileira consta na edição de 22 de julho de 1944, da revista *O Cruzeiro*, sobre a ascensão da rádio *Tupi*, com fotos que registraram o ambiente vivido, na época, nas estações de rádio: microfones imponentes, posturas elegantes, vestuários de gala, maestro e orquestra. Entre os nomes mencionados nas legendas, Ari Barroso, Dircinha Batista, Jorge Veiga, Dorival Caymmi e o maestro Guerra Peixe. No primeiro parágrafo, o texto de Alceu Pereira, assinalava a evolução da empresa radiofônica, do mesmo grupo da revista *O Cruzeiro*, os *Diários Associados*: “Uma voz poderosa e constante é hoje ouvida em todo o Brasil com solicitude admirável – a voz da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, agora falando mais alto pelo seu novo transmissor de 50.000 wats.”. Essa matéria contextualiza o quadro das emissoras concorrentes, uma vez que a atualização da *Tupi*, naquele momento, teve como inspiração outras emissoras, do mesmo padrão, que revelavam estruturas semelhantes, como no mobiliário, equipamentos e estúdios. O principal diferencial era marcado pelas atrações contratadas das emissoras, como artistas, jornalistas, gêneros de conteúdos, que possuíam similaridade, com as demais emissoras, principalmente nos musicais, informativos e novelas.

Na matéria sobre a *Tupi*, a revista *O Cruzeiro* insere fotos de artistas, políticos e outras celebridades, revelando o clima de noite de gala, com a apresentação de orquestra, sob a regência do maestro Guerra Peixe. Na página 68, a informação do elenco presente:

Participaram da festa da Rádio Tupi os mais destacados elementos da radiofonia nacional. A solenidade inaugural verificou-se às 21h15 horas, tendo o Sr. Leão Gondim de Oliveira, presidente da Rádio Tupi S. A. pronunciando algumas palavras alusivas ao ato, solenidade essa que se verificou após a retransmissão de New York, durante a qual falou o jornalista Assis Chateaubriand. As transmissões da PRG 3 tiveram início ao meio dia do dia 9 de julho, numa das mais bem apresentadas festas radiofônicas já levadas a efeito no Rio. A direção atual da Rádio Tupi está entregue atualmente aos Srs. Ovídio Grotera e Dermeval Costalima, respectivamente diretores gerente e artístico. Participaram da festa inaugural do novo transmissor de 50.000 wats.

# A TUPI "FALANDO MAIS ALTO"

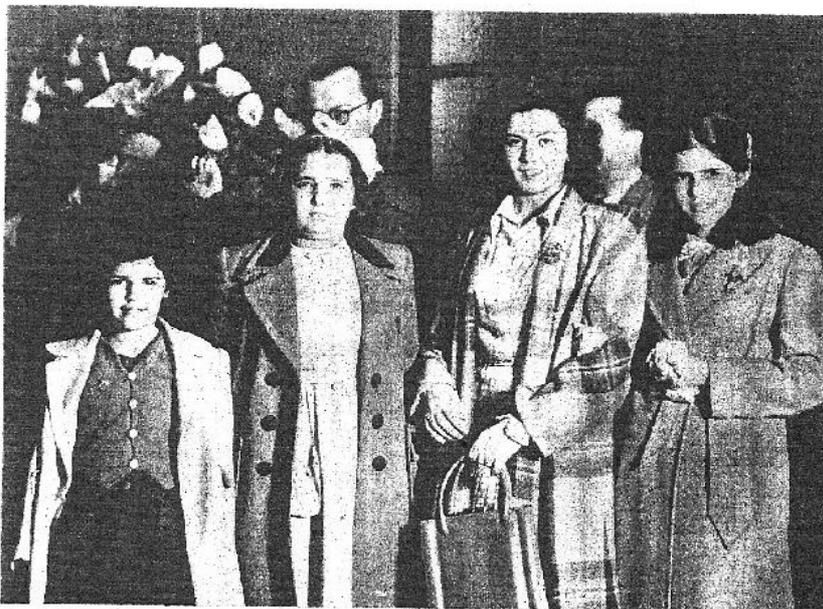
Reportagem de ALCEU PEREIRA

UMA voz poderosa e constante é hoje ouvida em todo o Brasil com solicitude admirável — a voz da Rádio Tupi do Rio de Janeiro, agora falando mais alto pela seu novo transmissor de 50.000 watts.

Aproveitando o dia da inauguração desse novo melhoramento, a emissora dos "Diários Associados" organizou um programa especial para comemorá-lo, do qual participou um elenco artístico de primeira ordem, executando páginas de música fina e popular para agrado de milhões de ouvintes em todo o Brasil.

A inauguração do novo transmissor da Rádio Tupi do Rio de Janeiro não marcou apenas um acontecimento de ordem nacional, mas constituiu uma demonstração pujante de convencimento internacional, pois o diretor da cadeia de jornais e rádios associados dirigiu aos brasileiros, diretamente de Nova York, a sua palavra de confiança na valorização e no desenvolvimento dos aparelhos de contato com o povo, para o próprio progresso da Nação. As palavras do sr. Assis Chateaubriand foram ouvidas com grande agrado e deram um cunho continental à festa da P. R. G. S. que entrou para o rol das mais potentes estações do mundo, sendo a mais potente da América do Sul.

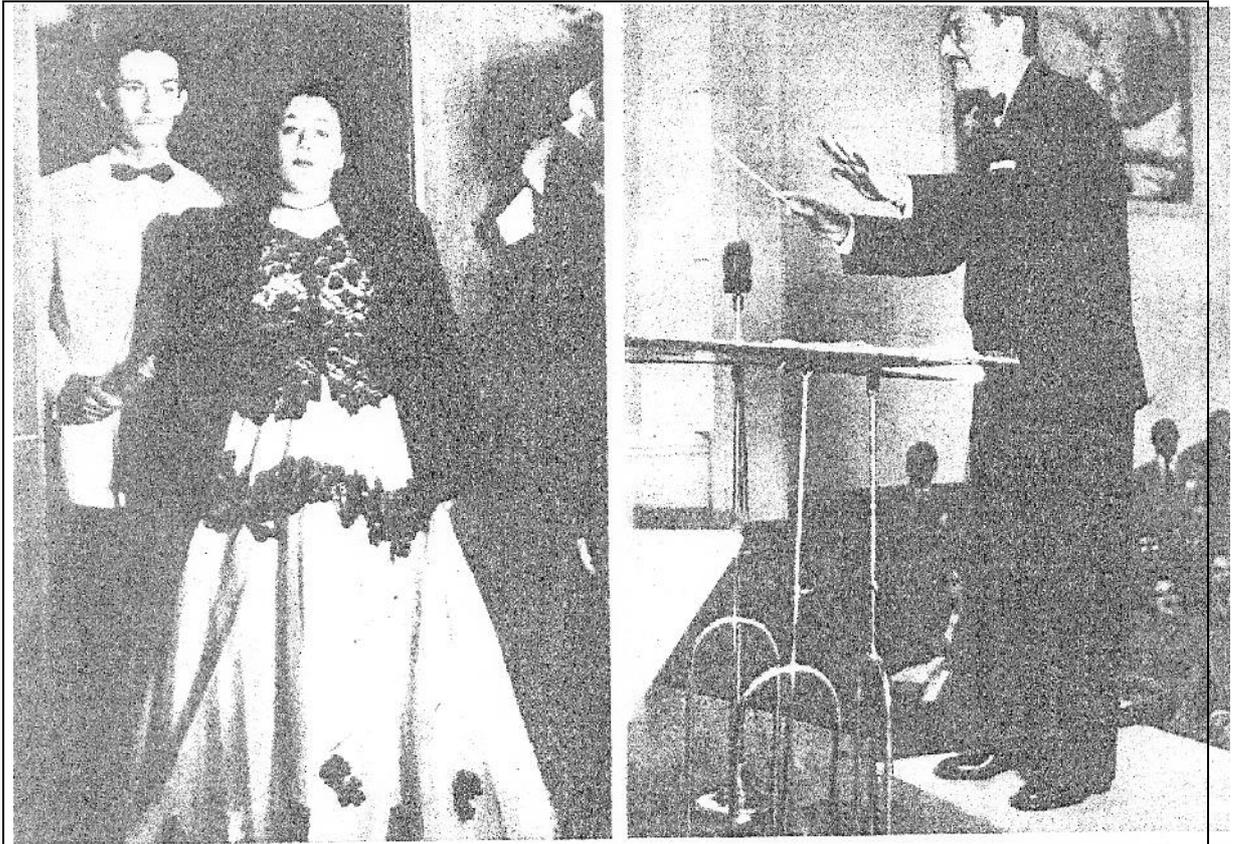
Todos os ouvintes de rádio do Brasil, como todos os encarregados da difusão publicitária, verificaram no gesto da Rádio Tupi, ampliando suas possibilida-



EM CIMA: O desembargador Nelson Hungria e família, em companhia da menina Torozoca Bandeira de Melo. Em baixo: Dermeval Costalima, diretor artístico da Rádio Tupi, em companhia de sua esposa, a locutora e rádio-atriz Sarita, e as artistas Salvimé Coteli, Sônia Barreto e Dausiete. A esquerda: Ouvindo a Marselhesa.



Página 65, da revista *O Cruzeiro*, edição de 22 de julho de 1944, sobre a festa de inauguração do novo transmissor da rádio *Tupi* (reprodução reduzida).



A ARTISTA DE RÁDIO TEATRO, Norika Smith, que faz o papel feminino de "Casal do Barulho", e o compositor Ari Barroso, quando regia a sua Orquestra Típica Brasileira, um dos seus mais ambicionados sonhos de valorização da música brasileira. Ari Barroso organizou e apresentou excelente e aplaudidíssimo programa.



O DIRETOR DA RÁDIO TUPI, Ovidio Grottera, em companhia de Salomé Coteil, jovem interpreta de músicas de camera, Geraldo de Freitas, redator da P R C-3 e Sônia Barreto, a Tia Sinhá. À direita: Dorival Cayami, o cancionista dos mares do Brasil, que participou com absoluto êxito de um belo programa folclórico.

des de se fazer ouvida em toda a América do Sul, o desejo veemente de bem servir ao povo, que aliás tem sido a missão a que se destituaram os "Diários Associados" em todo o Brasil.

Alcançado êxito absoluto na sua festa inaugural dos 50.000 watts, a Rádio Tupi do Rio de Janeiro prossegue vigorosamente na apresentação de programas feitos com primor e bom gosto, satisfazendo a cultura ao mesmo tempo que leva a todos os recantos do país momentos de alegre utilidade.

#### AS PESSOAS PRESENTES

Os auditórios da Rádio Tupi encheram-se de uma assistência numerosa e

(Continuação na p. 66)



### 3.3 – A publicidade sobre rádio nas décadas de 30 e 40 e outras curiosidades do gênero em revistas

As páginas das revistas que publicaram a vida radiofônica nos anos 30 e 40, em matérias também documentaram a evolução dos aparelhos receptores e das programações, em anúncios publicitários. Neste ponto, com significativa proporção em comparação às propagandas em jornais impressos do mesmo período.

As campanhas comerciais do rádio, em papel, nas mencionadas décadas, revelam uma plástica com predomínio para a ilustração artística com desenhos. Poucas fotos eram utilizadas na arte dessas peças publicitárias.

Os formatos publicitários impressos, do citado momento, indicavam a existência de consumidores e acirrada concorrência, tanto entre as marcas de aparelhos de rádio, quanto nas programações das emissoras anunciadas. Um comparativo com os anúncios atuais ocorre, nas formas e no teor criativo.

Da metade da década de 30 até o início dos anos 40, o rádio no Brasil chegava aos quase vinte anos de existência no país, experimentando vários gêneros e formatos informativos ainda conhecidos atualmente: musicais, novelas, noticiários e peças publicitárias. No folhear de revistas do período, nota-se na publicidade de aparelhos de rádio a presença de temas radiofônicos em torno de personalidades de expressão e de programações. A edição número 53, da revista *O Malho*, publicou em 07 de junho de 1934, na página 07, a coluna “Em Revista o Radio”, um anúncio do aparelho de rádio da marca “*Atwater Kent*”, com o texto: “O radio da voz de ouro. O radio de qualidade. Modelo 708 para ondas curtas e longas”.

# RADIO ATWATER KENT

O RADIO DA VOZ DE OURO  
O RADIO DE QUALIDADE



Mod. 708 para ondas curtas e longas

A VENDA NAS BOAS  
CASAS DO RAMO

Distribuidores

CASA MAYRINK VEIGA S/A

RIO DE JANEIRO

Anúncio do aparelho de rádio da marca "Atwater Kent", na edição número 53, da revista *O Malho*, de 07 de junho de 1934, na página 7 (reprodução ampliada).

Muitos dos anúncios sobre aparelhos de rádio dos anos 30 e 40 enfatizavam a potência do produto, informando as frequências de distância e alcance. A palavra “receptor” era constante, em vez do termo “rádio”. Ou, em muitos casos, aparecia em primeiro plano. Um dos anúncios da marca “*Philips*”, inserido na revista *O Cruzeiro* de 25 de janeiro de 1941, demonstra esse modelo de propaganda:

A nova linha de receptores PHILIPS 1941, *Super 4*, é uma soberba afirmativa de que a magnífica reputação da PHILIPS baseia-se na excelente qualidade das seus produtos. Procure conhecer o mais perfeito receptor de rádio da época, pedindo uma demonstração a um revendedor PHILIPS autorizado.

**PHILIPS**  
*Super 4* 1941

442-A - Ondas curtas e longas - 6 válvulas.

443-A - Ondas curtas e longas - 6 válvulas.

432-V - Ondas curtas e longas - Acumulador 6-V.

e Janeiro de 1941 — 43 — O CRUZEIRO

Anúncio de aparelho de rádio da marca “*Philips*”, inserido na revista *O Cruzeiro*, de 25 de janeiro de 1941, (reprodução em tamanho original).

No período da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), em alguns casos, esse tipo de publicidade nas revistas recebia ilustração de desenhos de soldados em ação, no campo de batalha, destacando no texto que as notícias do conflito chegariam com melhor qualidade sonora aos ouvintes. Esta leitura e análise podem caracterizar também o crescimento urbano do Brasil, que abrigava uma sociedade em busca de aquisições eletro eletrônicas. O moderno está presente em vários setores da comunicação. O autor Peterson Jensen Rivers escreve sobre o tema em 1966, na obra “Os Meios de Comunicação e a Sociedade Moderna, no sub-capítulo intitulado: “Surge a Revista Moderna”.

A mudança de um público de classe para um público popular ocorreu entre as revistas somente meio século depois de ter-se verificado entre os jornais. A revista moderna, de baixo preço, popular e de grande circulação nacional, surgiu nas últimas décadas do século dezenove. Então, os frutos da democracia, tais como a educação popular, tinham resultado num público potencialmente grande de leitores que as revistas podiam atender. As máquinas tinham libertado o homem de muitas tarefas penosas e lhes davam um tempo de lazer para a leitura. A revolução tecnológica tinha trazido as impressoras velozes e outros equipamentos dos quais necessitavam os diretores para alcançarem os grandes públicos; uma rede de estradas de ferro tinha começado a possibilitar a distribuição em todo um vasto território. E, mais do que tudo, a publicidade em grande escala estava surgindo, na medida em que os fabricantes procuravam vender os seus artigos, produzidos em massa, em toda a nação, e a revista veio a ser um meio nacional de alcançar o crescente corpo de consumidores com os quais os produtores desejavam estar em contacto. (RIVERS, 1966, 69).

Nota-se que a relação do rádio com a revista *O Cruzeiro*, com as respectivas fotos e informações sobre radialistas, aliadas à publicidade impressa, produzia em efeito lucrativo nos resultados de consumo. Na época, sobretudo na Segunda Guerra, registrava-se uma reação do mercado diante do conflito mundial, e os efeitos antes da guerra e no pós-guerra. Percebe-se um paradoxo, numa situação que apresentava de um lado uma população em crescimento, e em fase de urbanização, num outro a mídia em busca de evolução. Nesse contexto, a economia estava abalada, pelo estado político e reflexos da situação mundial. Ao mesmo tempo, os meios de comunicação disputavam a audiência dos leitores e ouvintes.

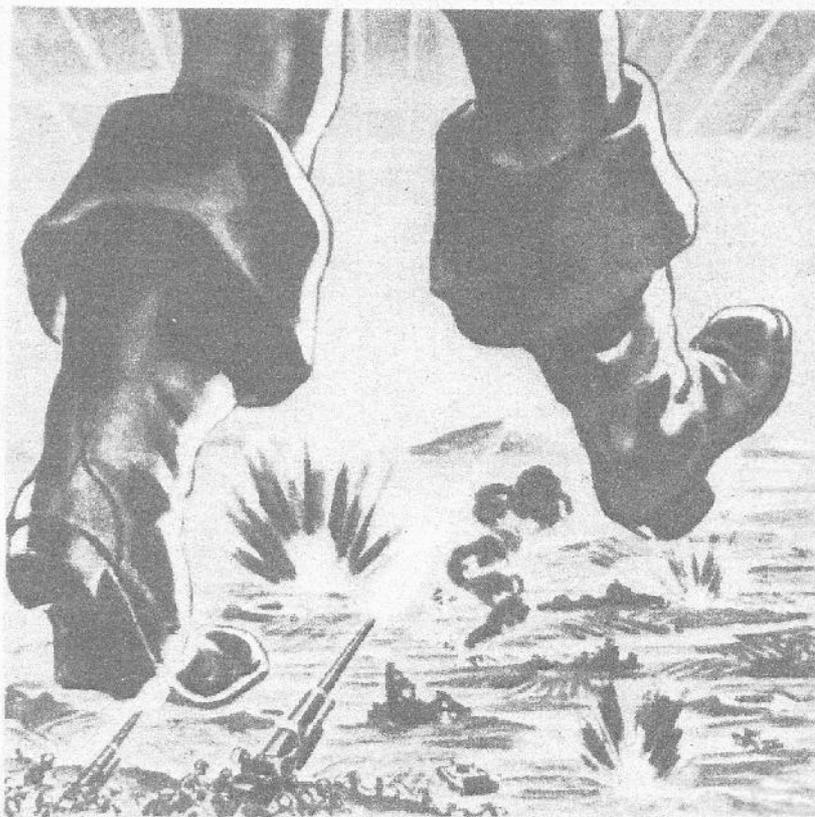
A propaganda não deixa de se manifestar em crise de paz, ao contrário, revela possibilidades, mostrando-se adaptada às questões e condições de vida diante daquela

condição de temor e insegurança. Produtos e serviços eram vendidos, com linguagem positiva, diante de um fato negativo, a guerra.

A seqüência de anúncios aqui apresentada desnuda revela esse momento histórico relacionado à vida radiofônica brasileira. A campanha do aparelho de rádio da marca “Admiral” publicado na revista *O Cruzeiro*, de 25 de março de 1944, insere o tema, em desenho sobre texto da propaganda. Na ilustração, um campo de batalha, com destaque para os passos de um soldado com um conjunto de botas militar. Na primeira frase da oferta do produto, o texto concilia guerra e rádio, numa abordagem convidativa: “A guerra faz com que os homens marchem velozmente de descoberta em descoberta na ciência, na indústria – e em tudo que concerne ao progresso do rádio.”

Outra marca de rádio, a “Zenith”, utiliza o mesmo recurso, no anúncio publicado na revista *O Cruzeiro*, de 15 de abril de 1944. Paraquedistas e soldados armados compõem o desenho da publicidade que tem o seguinte texto de abertura: “Os paraquedistas aterrissaram na retaguarda das linhas inimigas, causando grande confusão e desastre aos seus cuidadosamente elaborados planos de ataque. O rádio imediatamente transmite ao General-Comandante as boas notícias do sucesso da descida e do ataque inesperado – que significa vitória triunfante!”

## AS "BOTAS DE SETE LÉGUAS" DA GUERRA



A guerra faz com que os homens marchem velozmente de descoberta em descoberta na ciência, na indústria — e em tudo que concerne ao progresso do rádio. Depois da Vitória, portanto, a Admiral lhe proporcionará os benefícios do progresso que realizou com a guerra. O seu novo Rádio Admiral lhe dará a satisfação do seu grande alcance, da sua assombrosa clareza e da luxuosa beleza de seu estilo. Confie no Admiral — como sempre — para obter o que há de melhor em rádio, porque a Admiral conhece as suas exigências, e sabe como satisfazê-las.

RÁDIO

*Admiral*

o rádio que todos admiram

ADMIRAL CORPORATION

Escritório de Exportação: 89 Broad St., New York 4, N. Y., E. U. A.



IA-C6

Anúncio do aparelho de rádio da marca "Admiral", publicado na revista *O Cruzeiro* na edição de 25 de março de 1944 (reprodução em tamanho original).



## "Aterrissamos . . . Comunicações Estabelecidas"

Os paraquedistas aterrissaram na retaguarda das linhas inimigas, causando grande confusão e desastre aos seus cuidadosamente elaborados planos de ataque. O rádio imediatamente transmite ao General-Comandante as boas notícias do sucesso da descida e do ataque inesperado—que significa vitória triunfante!

Na guerra moderna o rádio tem-se tornado indispensável a todos os ramos das forças armadas, e a ZENITH pode orgulhar-se que seus esforços incessantes no aperfeiçoamento e produção têm contribuído grandemente para a incontestável superioridade que as Forças Armadas das Nações Aliadas gozam em aparelhos radiônicos.

O grande sucesso da ZENITH no campo radiônico durante a guerra, é a melhor garantia que o rádio ZENITH depois da guerra continuará gozando da fama mundial que até aqui tem conquistado.

Os aparelhos de rádio ZENITH levam o nome mais antigo da indústria radiônica—um nome que simboliza as mais altas normas de excelência em aparelhos de rádio de alta qualidade.

**ZENITH**  
LONG DISTANCE RADIO

Representantes para a Exportação:  
American Steel Export Company, Inc.  
317 Madison Avenue, New York 17, E. U. A. S.

OS MAIORES FABRICANTES NO MUNDO DE  
APARELHOS RADIÔNICOS

15 de Abril de 1944

— 15 —

O CRUZEIRO

Anúncio do aparelho de rádio da marca "Zenith", publicado na revista *O Cruzeiro*, de 15 de abril de 1944 (reprodução reduzida).

Em novembro de 1942, a edição número 10 da revista *Seleções* registra em anúncio a indicação do noticiário *Repórter Esso*, que em 1941, apoiado pelo governo Vargas, inicia transmissões, com o objetivo divulgar informações sobre a Segunda Guerra Mundial. A campanha do referido programa é ilustrada com meios de transportes utilizados no conflito, como avião, tanque de guerra e navio, entre as palavras “petróleo” e “munição”. No texto da propaganda teores dos ideais americanos sobre o Brasil:

Ninguém no Brasil, em sã consciência contestará a necessidade do racionamento da gasolina, se pensar quão afortunado é este país, comparado a muitos outros. Mesmo nos Estados Unidos, terra de petróleo, o racionamento veio não só muito antes como mais severo. Esteja certo, porém, que a Organização Esso está fazendo tudo a seu alcance... para lançar novos navios-tanques, instalar novos oleodutos, prosseguir suas pesquisas científicas, ao mesmo tempo que constrói e lubrifica as armas contra submarinos...tudo isso para dar um remédio à situação.

Nessa inserção, ao lado do logotipo da empresa Esso, estão os nomes das transmissoras do noticioso: “Ouça o Reporter Esso, diariamente, pelas rádios: Nacional, do Rio de Janeiro; Record, de São Paulo; Inconfidência, de Minas Gerais; Farroupilha, de Porto Alegre e Rádio Clube de Pernambuco”.

No livro “O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história”, o professor Luciano Klockner, possibilita uma reflexão sobre a abordagem utilizada no anúncio.

Durante a Segunda Guerra Mundial, de 1939 a 1945, as nações do Terceiro Mundo foram pressionadas a optar por uma facção ou outra. De um lado, o eixo formado por Alemanha, Itália e Japão. No outro extremo, os aliados, liderados por Grã-Bretanha e França; e, a partir de 1941 pelos Estados Unidos e União Soviética. Nesses seis anos de conflito, destacou-se a Política da Boa Vizinhança, visando aproximar os países da América Latina da cultura e da ideologia norte-americana. O objetivo era único: que o Brasil defendesse os interesses dos aliados da Segunda Guerra, o que de forma efetiva ocorreu em 1942. O pacote cultural-ideológico dos Estados Unidos incluía várias edições diárias do Repórter Esso, uma síntese noticiosa de cinco minutos rigidamente cronometrados, a primeira de caráter global, que transformou o radiojornalismo brasileiro. (KLOCKNER, 2008:23).



**PETRÓLEO  
E' MUNIÇÃO**

**USE-O COM  
PARCIMÔNIA!**

• Ninguém no Brasil, em sã consciência, contestará a necessidade do racionamento da gasolina, se pensar quão afortunado é este país, comparado a muitos outros. Mesmo nos Estados Unidos, terra do petróleo, o racionamento veio não só muito antes como mais severo. Esteja certo, porém, que a Organização Esso está fazendo tudo a seu alcance . . . para lançar novos navios-tanques, instalar novos oleodutos, prosseguir suas pesquisas científicas, ao mesmo tempo que constrói e lubrifica as armas contra submarinos . . . tudo isso para dar um remédio à situação.

*Ouçá o Reporter Esso, diariamente, pelas rádios: Nacional, do Rio; Record, de S. Paulo; Inconfidência de M. Gerais; Farrroupilha do P. Alegre; e Rádio Clube de Pernambuco.*



**STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL  
E A ORGANIZAÇÃO ESSO**

Distribuidores dos afamados produtos Esso que encontrará sempre sob o oval Esso.

(Reprodução ampliada).

A concorrência entre as estações de rádio também evidencia-se nos anúncios publicados nos meios impressos. Cada inserção destaca o diferencial e atrativo da emissora, como o elenco de radialistas e artistas, ou o potencial técnico e estrutural. Sobre este ponto, alguns anúncios dos anos 30 e 40 apresentavam-se sob motivos futuristas, com a imagem em desenho de antenas, disparando ondas para todo o mundo. O anúncio abaixo, *da Radio Club de Pernambuco*, foi publicado na revista *O Malho*, na edição de maio de 1939. O formato aqui é reproduzido em tamanho original e a antena, que ilustra a arte, é símbolo presente em outras propagandas de mesmo gênero.



ONDE ESTIVER NO BRASIL  
*Ouçá*  
**P. R. A. 8**

A única Emissora Nacional que transmite simultaneamente em duas **ONDAS**

49,92 .. 6010 Kc/s  
416,6 .. 720 Kc/s

5.000 Watts - P.R.A.8  
25.000 Watts

RADIO CLUB  
DE  
PERNAMBUCO S/A

O anúncio da *Radio Club de Pernambuco*, publicado na revista *O Malho*, na edição de maio de 1939, (reprodução em tamanho original).



Anúncio da rádio *Mayrink Veiga*, inserido na revista *O Malho*, na edição de maio de 1939 (reprodução reduzida).

860  
QUILOCYCLOS

PROGRAMAS  
SENSACIONAIS

RADIO CLUB DO BRASIL

GRANDES  
ARTISTAS

OUÇA A PRA-3  
*irradiando de seus*  
**MODERNOS**  
*Studios*

NO 3º ANDAR DO  
*Edifício*  
**CINEAC + TRIANON**  
NO *Rio de Janeiro*

fery

Anúncio da *Rádio Club do Brasil*, inserido na revista *O Malho*, de dezembro de 1939 (reprodução reduzida).

A forte concorrência no meio rádio, nos anos 30 e 40, gerara notável variedade de propagandas e campanhas diversas, sobre emissoras, programas e os aparelhos, mas não livra o meio de críticas. Estas dividiam espaços nas mesmas revistas que inseriam anúncios e publicavam colunas e matérias sobre o tema radiofônico. Se a estrutura do rádio era criticada, na década de 30, a qualidade sonora também merecia comentários criteriosos. A revista *Carioca*, na coluna “O que Pensam os Radio Ouvintes”, exemplifica parte desse contexto, na edição de agosto de 1936, com a manifestação de um leitor enfatizando tal situação:

Um problema do radio, que é muito estudado em diversos paizes da Europa e nos Estados Unidos, é o do prejuízo causado por motores, aparelhos e instrumentos electricos às boas recepções. Alguns desses paizes têm leis que procuram cercear no máximo possível à interferência desses ruidos parasitas. Infelizmente nós, que nesse ponto estamos muito atrasados, temos que continuar soffrendo desse mal quase incurável, principalmente na recepção de ondas curtas em que até o discar um telephone no mesmo prédio, é o bastante para o receptor das estalidos. Breve, talvez, esses parasitas não serão nada ou quase nada deante de um fantasma que se ergue ameaçador. Será que a futura electrificação da Central não nos causará esse dissabor? Oxalá que haja alguém que desde já nos garanta ser esse temor infundado. Do contrario, innumeros serão os radio-ouvintes prejudicados por morarem á beira da estrada de ferro...”

A exaltação ao rádio, porém, na chamada época de ouro desse meio, superava as críticas. Uma publicação, do final dessa década, chama a atenção pela exploração que faz ao tema e pela percepção do meio rádio. Trata-se da revista gaúcha *Vida Princezina*. Na edição número 05, ano I, de abril de 1939, o artigo da primeira página, intitulado “O Radio – A Voz do Século,” documentava a radiodifusão, e todas as possibilidades de informação e emoção desde o surgimento do rádio. Foi com esta inspiração e poder de análise, que o autor do texto, Palma Lima, refletiu e previu em forma de exaltação, a viabilidade radiofônica. Na seqüência, a reprodução de trecho da matéria, uma vez que a reprodução impressa, não está totalmente legível:

Essas misteriosas vagas transmudadas em sons e ampliadas com clareza pela garganta metálica da radiofonia interpretam o sentir e o progresso de uma época. E a voz do século XX, que se faz ouvir em todos os quadrantes do globo. Na radio-difusão é a voz que nos arrebatava pela sua limpidez, que nos convence pela sua utilidade, que nos empolga pelo espantoso arrebatamento de tão magnífico invento, através da multiplicação de suas palpitações e vívidas emoções. Na radio-telegrafia essa voz se deforma para falar ao mundo com as reticências de Morse, cujos tinidos nervosos de sinais transmitidos e captados pelas estações, significam a ânsia da velocidade do século e o seu sentir ofegante de trabalho, no experimentar dos múltiplos interesses que empolgam a humanidade em suas alternativas entre o bem e o mal.

Através das ondas hertzianas que se divertem no éter em busca de captações curiosas transportamos-nos a magníficos pontos de todas as partes da terra, onde pulmões vibrantes esbanjam, em horas de emissões, o sensacionalismo que comove e a música que extasia ao amenisar pelas sensações melodiosas o espírito torturado pelos revezes da existência.

E assistimos, como vassallos da arte, ao buscar de novas emoções, no trajeto perquiridor do ponteiro de um admirável Radio, surdirem, em emanações sonoras de qualquer estação que mora na metragem das ondas, as admiráveis interpretações que vestem de beleza espiritual ouvintes expectantes e ambientes adjacentes.

Entre os curiosos registros remanescentes da trajetória do rádio brasileiro, uma causa bastante admiração e remete às atrações hoje exibidas na televisão, a ginástica no rádio. O professor de Educação Física e radialista, Oswaldo Diniz Magalhães, conhecido como radioginasta, desenvolve no rádio uma série de instruções de exercícios físicos. Essa programação durou 51 anos no ar. A transmissão pela rádio *Nacional*, no Rio de Janeiro, teve reprodução em impressa na revista Boa Nova, que marcava a cada edição os tipos de séries apresentadas na programação.



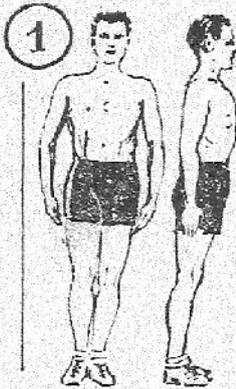
# EDUCAÇÃO

Por OSWALDO DINIZ MAGALHÃES

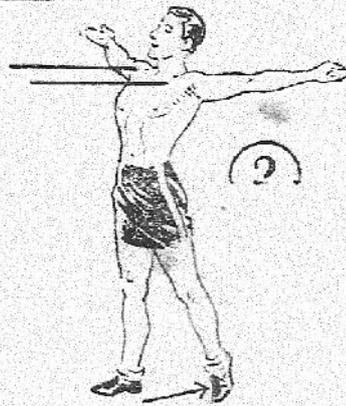
## GYMNA

11.ª Serie — EXERCÍ

Faça todas as manhãs esta série de exercícios ou uma das publicadas anteriormente



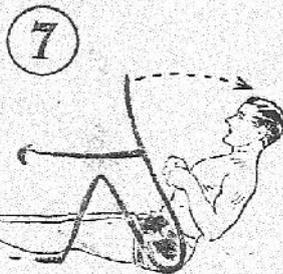
**FIG. 1 — POSIÇÃO FIRME**  
Antes de começar os exercícios fique alguns instantes na Posição Firme:  
Cabeça erguida  
Péito saliente  
Ombros para trás  
Abdomen para dentro  
Calcaneares unidos.



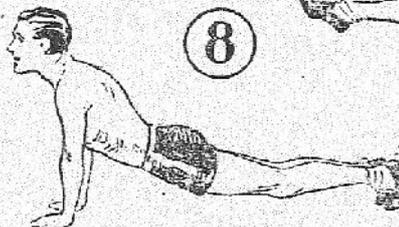
**EXERCÍCIO 2:** Fazer 10 vezes com cada perna.  
*Posição inicial:* — Braços horizontais em frente.  
*1.º tempo:* — Abrir os braços, palmas das mãos para cima, e levar o pé esquerdo para trás.  
*2.º tempo:* — Voltar à posição inicial.  
*3.º e 4.º tempos:* — Com o pé direito, abrindo os braços.



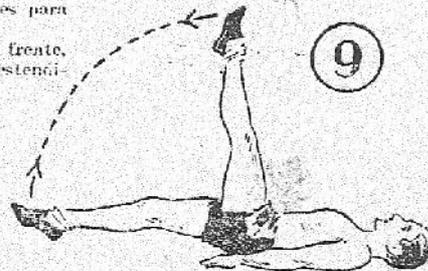
**EXERCÍCIO 3:** — Fazer 10 vezes, de cada lado, a 1.ª e a 2.ª posição.  
*Posição inicial:* — Firme (Fig. 1).  
*1.º tempo:* — Dobrar o joelho esquerdo e segurar o pé com ambas as mãos.  
*2.º tempo:* — Voltar à posição firme.  
*3.º e 4.º tempos:* — Fazer do lado oposto.



**EXERCÍCIO 7:** — Dar 20 "remadas".  
*Posição inicial:* — Sentado, joelhos dobrados, braços estendidos, mãos fechadas, tronco à frente, conforme as linhas.  
*1.º tempo:* — Estender as pernas unidas, tronco para trás e mãos ao céu.  
*2.º tempo:* — Voltar à posição inicial.



**EXERCÍCIO 8:** — Saltar 8 vezes para cada lado.  
*Posição inicial:* — Apoio de frente, cabeça erguida, corpo bem estendido, pés unidos.  
*1.º tempo:* — Saltar para o lado esquerdo, pernas unidas.  
*2.º tempo:* — Saltar para a direita.



**EXERCÍCIO 9:** — Fazer 10 vezes com cada perna.  
*Posição inicial:* — Deitado de costas, com a perna esquerda levantada.  
*1.º tempo:* — Levantar a perna direita, baixando ao mesmo tempo a esquerda.  
*2.º tempo:* — Trocar.

# PHYSICA

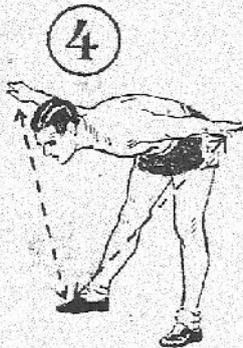
Technico da Secção de Cultura Physica do Departamento de Propaganda e Diffusão Cultural. Introdutor da Gymnastica pelo Radio no Brasil. Director das Aulas de Gymnastica da SOCIEDADE RADIO NACIONAL.



## STICA

Procure decorar a serie afim de executar os exercicios com desembaraço

EXERCICIOS PARA TODOS



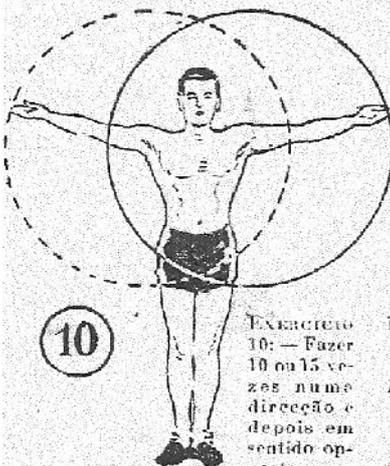
**EXERCICIO 4:** — Fazer 10 vezes de cada lado, alternadamente.  
*Posição inicial:* — Tronco inclinado, braços horizontaes e pés separados.  
*1.º tempo:* — Tocar o pé esquerdo com ambas as mãos.  
*2.º tempo:* — Braços horizontaes.  
*3.º e 4.º tempo:* Fazer do lado opposto.



**EXERCICIO 5:** — Fazer 10 vezes para cada lado, alternadamente.  
*Posição inicial:* — Braços na vertical, mãos dadas e pés separados.  
*1.º tempo:* — Inclinat o tronco para o lado esquerdo.  
*2.º tempo:* — Fazer para o lado direito. (Braços bem erguidos).

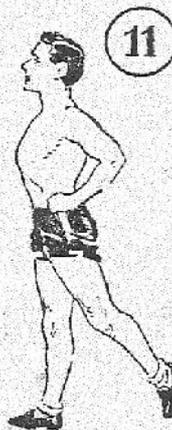


**EXERCICIO 6:** MOVI-MENIOS RESPIRATORIOS. Fazer 4 vezes.  
*1.º tempo:* — Partindo da posição firme, inspirar profundamente pelo nariz, levantando o peito e abrindo os braços, conforme o clichê.  
*2.º tempo:* — Expirar pelo nariz ou pela bocca, voltando à posição firme.



**EXERCICIO 10:** — Fazer 10 ou 15 vezes numa direcção e depois em sentido opposto.  
*Posição inicial:* — Braços horizontaes. Descrever circulos com os braços estendidos, conforme o clichê.

NOVAMENTE  
**EXERCICIO 6:**  
Inspicar profundamente mais 4 vezes



**EXERCICIO 11:** — Saltitar de 30 a 40 vezes.  
*Posição inicial:* — Mãos á cintura e perna esquerda levantada.  
*1.º tempo:* — Saltitar, caindo no pé esquerdo e levantando a perna direita.  
*2.º tempo:* — Saltitar, trocando.



**EXERCICIO 12:** CORRIDA. Correr cerca de 2 minutos, nas pontas dos pés respirando bem pelo nariz. Depois da CORRIDA. MARCHAR um pouco, afim de não parar bruscamente. Terminar com o EXERCICIO RESPIRATORIO Fig. 6.

Página 35 da revista Boa Nova, edição de setembro de 1939, com série de exercícios físicos transmitidos na programação da rádio Nacional, pelo radioginasta, Oswaldo Diniz Magalhães. (reprodução reduzida).

### **Conclusão do Capítulo III**

Este capítulo revela como o desenvolvimento do rádio no Brasil é apresentado, em revistas publicadas nos anos 30 e 40. Houve a busca por edições do gênero dos anos 20, quando a radiodifusão teve início no país, mas estas não foram localizadas. Supriram essa necessidade, pelo menos parcialmente, as informações do *Almanaque do Radio de 1951*, que fez citações da existência de uma revista intitulada *Radio*, nos anos de 1923 e 1924, que circulou no Rio de Janeiro. Das referências dessa publicação constatou-se a fase inicial das emissoras dos estados do Nordeste, do Sul do país e da cidade de São Paulo.

Assim, houve a possibilidade de se conhecer o que se escrevia sobre a trajetória do meio rádio em 1951 e também em épocas remotas como as informações impressas na revista gaúcha, intitulada *Vida Princezina* que reverencia a radiodifusão, no ano de 1939, sobre a sociedade daquele tempo.

Com o desenvolvimento do rádio nos anos 30, conseqüentemente ocorre um número maior de revistas inserindo o tema, sobretudo, porque as emissoras e programações radiofônicas se proliferaram em todo o país. Dessa forma, as principais revistas em circulação, na época, documentaram fatos marcantes, como os bastidores do programa oficial do governo, *A Hora do Brasil*, atualmente *A Voz do Brasil*, colunas, críticas, promoções, trajetórias de radialistas e a relação com o Estado. Nesse aspecto, as duas principais revistas em circulação, *O Cruzeiro* e *O Malho*, seguiam linhas editoriais distintas. A primeira, pertencente ao grupo administrado pelo empresário Assis Chateaubriand revelava, em várias edições, apoio ao governo. A segunda dirigia críticas ao sistema, condizentes com o próprio nome.

A sobrevivência dessas revistas, além da venda ao público, estava relacionada a anúncios. Entre eles, muitos eram destinados à divulgação de emissoras, programas e marcas de aparelhos de rádio, que neste texto, assim como as demais apurações, recebem reproduções do que se publicou sobre nosso “broadcasting”, termo bastante utilizado antigamente, na mídia brasileira, no tratamento das coisas do rádio.

Apesar da evolução e espaço privilegiado que ocupava nas residências, o rádio não estava livre de críticas acerca da qualidade sonora, cada vez mais cobrada por alguns consumidores mais exigentes e visionários daquele tempo. No entanto, a exaltação ao meio superava qualquer comentário jocoso. A competência do noticioso *Repórter Esso*, lançado em 1941, é informada aqui pelo anúncio inserido na revista *Seleções*, numa edição de 1942, época da Segunda Guerra Mundial. Este informativo estava no segundo ano de existência no Brasil, instalando-se e chegando para ditar os formatos de noticiários, num sistema até hoje utilizado em rádio e televisão.

Entre todas as expressões de gêneros televisiva que hoje assistimos e que já eram veiculadas em rádio, possivelmente, uma das mais curiosas foram as aulas de ginástica do professor Oswaldo Diniz Magalhães. Por esta pesquisa chegou-se à revista *Boa Nova*, numa publicação de 1939, que representava em duas páginas, os desenhos dos movimentos de educação física ensinadas no ar, pelo referido profissional.

Assim, este capítulo retrata uma das fases de maior desenvolvimento do rádio brasileiro, sobretudo nos movimentos políticos e na criatividade dos profissionais em se expressar numa época de guerra e censura, mas ao mesmo tempo de crescimento artístico, num clima radiofônico elegante.

## CAPÍTULO IV

### A crescente exclusividade do rádio nos meios impressos e a decadência desses registros diante do desenvolvimento da televisão

#### 4.1 – A Revista do Rádio

Em fevereiro de 1948, quando o rádio brasileiro já havia sido registrado em diversas publicações, incluindo as exclusivas revistas de determinadas emissoras, surgia a *Revista do Rádio*, lançada pelo radialista e autor de radionovelas Anselmo Domingos. A publicação seria, a partir dali, uma das mais famosas edições semanais do gênero. “Aspirantes ao rádio, que procuravam se empregar neste meio tinham também como meta a própria divulgação na *Revista do Rádio*. O sucesso da revista com os leitores e ouvintes, fez com que empresários de artistas criassem pautas, para reportagens sobre estes na publicação. O prestígio da edição era comparado ao de emissoras importantes como a *Nacional*, no Rio de Janeiro”. A afirmação é do autor do livro homônimo à revista, Rodrigo Faour, em entrevista para a elaboração desta pesquisa. “Se hoje quem vira celebridade normalmente é quem aparece na televisão, muitas vezes sem fazer nada que preste, na virada dos anos 40 e 50, era famoso quem atuava no rádio, especialmente quem pertencia ao *cast* das grandes emissoras, como a *Nacional*, a *Tupi* e a *Mayrink Veiga*”, informa o escritor.

A primeira edição da *Revista do Rádio* trazia a foto da cantora Carmem Miranda na capa. Eram 40 páginas, com assuntos variados do universo radiofônico sobretudo os artistas desse meio. A publicação era mensal e após um ano do lançamento distribuía 50 mil exemplares, muito próximo da primeira revista em vendagem na época que era *O Cruzeiro*. “Esse boom nas vendas motivou a diretoria a torná-la semanal, o que viria a ocorrer a partir de março de 1950”, informa Faour.

No editorial da edição número 68 de 26 de dezembro de 1950, a *Revista do Rádio* confirma a informação do autor Rodrigo Faour e reconhece a posição privilegiada da revista *O Cruzeiro*. Esta, lançada no Brasil em 1928, era vinte anos mais velha do que a *Revista do Rádio*, que graças ao sucesso de vendagem praticamente se equipara à tradicional concorrente.

## MODESTIA À PARTE

NUNCA nos faltou, felizmente, o aplauso dêsse leitor amigo e juiz infalível. Desde o nosso primeiro número sentimos a identidade, bem acentuada, que a REVISTA DO RÁDIO encontra no espírito do público, êsse que sabe preferir aquilo que se lhe apresenta com bom gôsto, honestidade e constância. De publicação mensal passamos a circular tôdas as terças-feiras, alcançando tiragem que surpreendeu a muitos entendidos. Agora, principalmente, uma organização de estatística, reconhecida e louvada pela sua eficiência e exatidão, o IBOPE — Instituto Brasileiro de Opinião Pública — traz, em seu último boletim sobre a preferência dos leitores de revistas, no Brasil, a informação de que a REVISTA DO RÁDIO é a publicação ABSOLUTA na “Classe C”, e a terceira, no cômputo geral. Figuramos, assim, logo após “O Cruzeiro”, publicação de longa data e tradição. É um motivo para nos sentirmos recompensados pelo trabalho constante de sempre atender aos gostos do leitor. É um prêmio que agradecemos, sinceramente, àqueles que nos lêem e incentivam.

Texto do editorial da *Revista do Rádio*, edição número 68, de 26 de dezembro de 1950 (reprodução ampliada).



Carmem Miranda na capa da edição número 01, de fevereiro de 1948, da *Revista do Rádio* (reprodução reduzida).

Conforme a *Revista do Rádio* evoluía, novas seções iam surgindo, como a coluna “Chacrinha Musical”, assinada por Abelardo Barbosa, o Chacrinha, cujo conteúdo girava em torno de notícias de bastidores, como na maioria da publicação. Nesse espaço, textos curtos, como a seguinte nota, publicada na edição número 61 de 07 de novembro de 1950, na página 09: “Luiz Gonzaga apresentou mais dois números de sensação – “Macapá” e “Boiadeiro”. “Fica Comigo”, samba de L. Soberano e J. Gonçalves e “Novo Lar”, samba de Peterpan e Ari Monteiro, do repertório de Gilberto Milfont”.

A seção dos leitores da *Revista do Rádio* recebe o título de “Opinião do Fan”. Existia também “Correio dos Fans”, para respostas às perguntas diversas relacionadas aos ídolos da época, no seguinte formato: “Valdomira Pereira – (João Pessoa) – Idade de Jorge Goulart? 26 anos. Residência? Não pode ser. Contente-se com o endereço da Rádio Nacional, à Praça Mauá, 7, Rio. Sim, o rapaz é casado. E tem uma filhinha.” (da mesma edição acima).

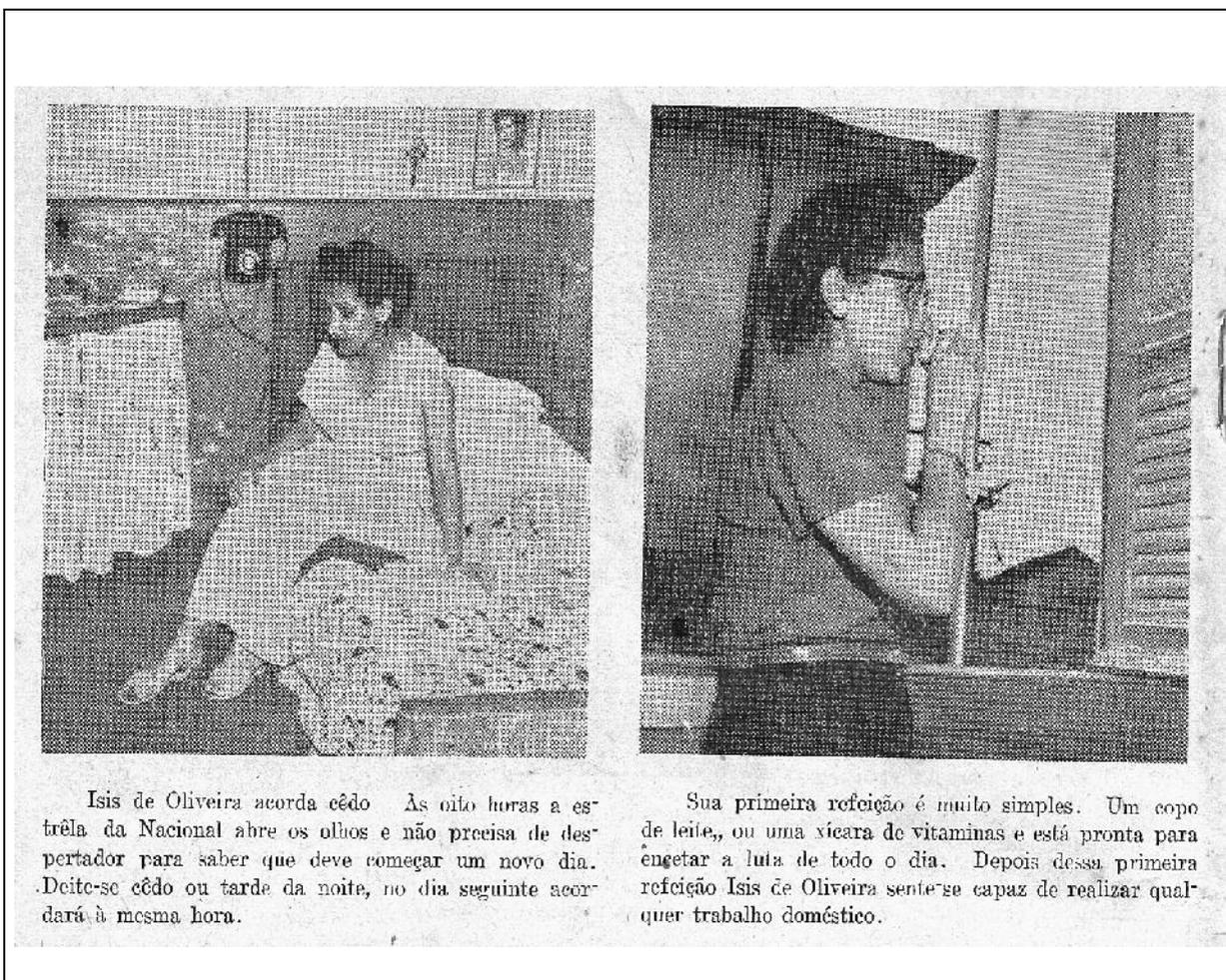
As fofocas, da coluna “Mexericos da Candinha”, também documentaram várias passagens e comportamentos do elenco do meio rádio, apesar de, muitas vezes, revelar um tom promocional em torno dos artistas, para figurá-los na mídia.

Aparecer na *Revista do Rádio* era sinônimo de popularidade. Mas ser alvo dos “Mexericos da Candinha” era a consagração. Criada a partir da edição de 17 de fevereiro de 1953 (RR 180) com o nome de “Segredos da Candinha”, e a partir do número seguinte com o título que consagraria a coluna, em pouco tempo esta passou a ser a seção mais popular da revista. (FAOUR, 2002 : 123).



Nota da coluna “Mexericos da Candinha”, publicada na edição número 411, da *Revista do Rádio*, de 27 de julho de 1957 (reprodução ampliada).

Outro espaço, da *Revista do Rádio*, semelhante às publicações atuais, era a coluna intitulada “Um Dia de Sua Vida”, com seqüência de fotos revelando a vida de um artista em casa. A produção fotográfica registrava fases do dia da personalidade escolhida. O subtítulo desse espaço era “24 horas na vida de um artista”. Mostrava-se o momento do despertar, o café da manhã, passeios etc. As legendas recebiam descrições simples. A edição número 67, de 19 de dezembro de 1950, apresenta a atriz Isis de Oliveira. No texto, sob a primeira foto, a informação: “Isis de Oliveira acorda cedo. Às oito horas a estrela da Nacional abre os olhos e não precisa de despertador para saber que deve começar um novo dia”.



Reprodução da primeira parte da seção “Um dia de Sua Vida”, da *Revista do Rádio*, edição número 67 de 19 de dezembro de 1950 (reprodução reduzida).

A *Revista do Rádio*, editada no Rio de Janeiro, trazia na seção “Rádio dos Estados” notas sobre emissoras de outras partes do país, além do Rio de Janeiro. Eram referências simples, mas que documentaram passagens e mudanças de diversas estações, como a seguinte informação, na edição número 64, de 28 de novembro de 1950, sobre o rádio em Goiás: “Serenata é o título do programa que vem chamando a atenção do público ouvinte goiano. Dia a dia vem aumentando o seu índice de sintonizadores”.

A revista reservava também duas páginas, com título “Rádio de S. Paulo”. Os artigos variavam de tamanho. A edição número 67 de 19 de dezembro de 1950 insere entre as notas:

A Record já está cuidando de coisas de Momo, tendo Blota Júnior lançado a “Parada Carnavalesca” onde, além do desfile dos cantores de músicas populares da emissora há um concurso de marchas e sambas, com prêmios de trinta mil cruzeiros aos vencedores. Na mesma estação, estreiou o barítono italiano Renato Cesari.

Outra coluna bastante prestigiada da *Revista do Rádio* era dedicada à cantora Emílinha Borba, com espaço, intitulado “O Diário de Emílinha”. Eram notas referentes ao cotidiano da intérprete em frases escritas pelos editores, mas atribuídas a ela, como: “Depois de uma notícia divulgando que eu deixaria o Brasil para uma excursão de seis meses pelo exterior, minhas fans começaram a ficar apreensivas”. (abaixo a íntegra dessa notícia).

#### NÃO SAIREI DO BRASIL

— Depois de uma notícia divulgando de que eu deixaria o Brasil para uma excursão de seis meses pelo exterior, minhas fans começaram a ficar apreensivas. Muitas delas pegaram-me nos corredores da Rádio pedindo que eu não fizesse isso, que não saísse do Brasil. E muitos telefonemas também foram dados para a Rádio. Agora, quero aqui no meu Diário dizer pra vocês que, se pensei realmente em excursionar fora do Brasil, essa idéia já passou. De modo algum deixarei as minhas fans; de modo algum deixarei o contacto com vocês e o carinho imenso que sempre me dispensaram. E essa a maneta que tenho de agradecer a mães. E por hoje é só. Até a semana que vem se Deus quiser. Um abraço da

*Emílinha Borba*

Reprodução de nota da coluna “Diário de Emílinha” da *Revista do Rádio*, edição número 413, de 10 de agosto de 1957 (reprodução reduzida).

#### 4.2 - Na revista, as rainhas do rádio

Emilinha Borba protagonizou com a cantora Marlene famosa rivalidade musical, que dividia fãs em todo o país nos anos 50, época de grande sucesso para as duas intérpretes. Participantes e contempladas, em diferentes anos do concurso para eleição da rainha do rádio, promovido pela Associação Brasileira de Rádio, as duas mantiveram o mito de rivais ao longo das respectivas carreiras.

A *Revista do Rádio* registrou todos estes concursos, a partir de 1948, quando foi fundada. Houve eleições anteriores, criadas a partir de 1937, que tiveram registros em outras publicações. No início, teve o duradouro reinado da cantora Linda Batista, que carregou faixa e coroa durante onze anos seguidos. Posteriormente, em 1948 foi a vez da irmã dela, a cantora Dirce Batista. Em 1949, a eleita foi a cantora Marlene, que permaneceu com o título em 1950.

Eu não era conhecida, para participar do concurso, a mais cotada era a Emilinha Borba, que já tinha muita fama e sucesso, mas a Antártica queria lançar o guaraná “Caçula” e procurava uma cantora nova para apresentar um produto novo. Então, eu que cantava no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, fui convidada pelo diretor da rádio *Nacional*, Victor Costa, a participar do concurso. Acabei vencendo, pois a Antártica deu um cheque em branco para comprar todos os votos da eleição. Esses eram vendidos através de cupons da Revista do Rádio. O dinheiro falou mais alto e eu ganhei. A Emilinha ficou muito decepcionada, pegou o terceiro lugar. O segundo foi a cantora Admilde Fonseca. Por isso surgiu a nossa rivalidade”, relatou a cantora Marlene.

Emilinha Borba e Marlene sustentaram em depoimento para esta dissertação, no mês de julho de 2002, a rivalidade entre elas. “Não conheço essa senhora”, respondeu Emilinha, quando perguntada sobre a colega. “Não nos falamos e não nos damos até hoje”, revelou Marlene. Esta situação de divergência das duas cantoras chegou a ser muito questionada no meio radiofônico, e por historiadores, que acreditam em manobra publicitária e promocional para as duas artistas. A disputa dos fãs das cantoras chegou a render uma concorrida promoção na *Revista do Rádio*. A edição número 261, de 11 de setembro de 1954 oferecia “100 cruzeiros por uma frase sobre Emilinha ou Marlene”, conforme anúncio abaixo:

100 CRUZEIROS POR UMA FRASE SOBRE

# Emilinha Ou Marlene

Graças à novidade lançada por esta revista, os fans, ao mesmo tempo em que externam publicamente sua simpatia pelas artistas que admiram, podem ganhar um prêmio de 100 cruzeiros. Para tanto, é necessário que escrevam uma frase, com vinte palavras, no máximo, no cupom que estamos publicando abaixo, o qual deverá ser remetido para o seguinte endereço:

REVISTA DO RÁDIO — Rua Santana, 136 — Rio.

As cinco melhores frases da semana serão publicadas nesta revista e os seus autores premiados com 100 cruzeiros. Os leitores residentes no Interior receberão o prêmio pelo correio e os moradores nesta Capital, em nossa gerência.

Das cinco frases premiadas com 100 cruzeiros cada uma nesta semana:

★ Marlene é a única rainha que possui personalidade, talento, simpatia e cujo nome é abençoado pelo sucesso e pela glória.  
● Arlete da Silva Kusas (Rio).

★ São Paulo, que deu ao Brasil o máximo em progresso, entregou ao rádio brasileiro o máximo em personalidade: Marlene.  
● Sílvia Leme Franco (Linha Paulista — São Paulo).

★ Para enaltecer as qualidades de Emilinha, seriam necessários: o pincel de Rembrandt, a pena de Alencar, a inspiração de Chopin.  
● Antônio Augusto Pôrto Maia (São Fidélis E. do Rio).

★ Muitas estrelas brilham na imensidão do céu, mas a que mais expande seus reflexos na imensidão da terra é Emilinha.  
● Célia Cardoso Alves (Rio).

★ Marlene é a cantora que cresce como São Paulo e brilha como o Rio de Janeiro.  
● Nanci Santos (Rio).

MARLENE ★ EMILINHA ★ MARLENE ★ EMILINHA ★ MARLENE

CONCURSO DE FRASES PARA

★ MARLENE OU EMILINHA ★

A minha frase é a seguinte: .....

.....

.....

.....

(20 palavras no máximo)

Concorrente: .....

Enderêço: .....

MARLENE ★ EMILINHA ★ MARLENE ★ EMILINHA ★ MARLENE

(Reprodução reduzida).

Na edição número 67, de 19 de dezembro de 1950, a página 5 da *Revista do Rádio* traz o título: “Quem Será a Rainha do Rádio Desta Vez?” A comissão do concurso era dirigida pelo editor da publicação, Anselmo Domingos. Na seqüência a reprodução.

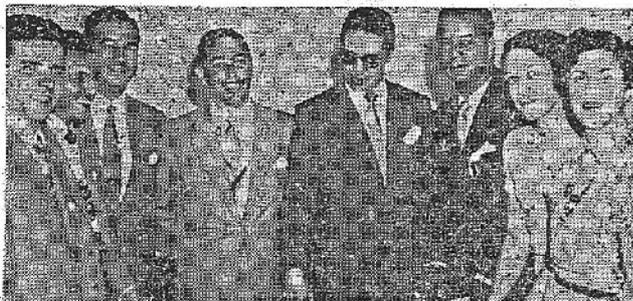
## QUEM SERÁ A RAINHA DO RÁDIO DESTA VEZ?

Como no ano de 1949, a ABR voltou a cogitar da realização do concurso para a escolha da Rainha do Rádio de 1951. Representantes das emissoras se reuniram, numa grande comissão e elaboraram as bases do certamen que se processará à base de aquisição de votos-coupons no valor nominal de 1 cruzeiro. A Comissão do Concurso tem a presidência de nosso diretor Anselmo Domingos.



Merlene, a última Rainha, não concorrerá este ano, segundo se afirma. Ela usou a coroa real e noutra foto Ademilde Fonseca que, concorrente de última hora, chegou a derrotar muita candidata colocando-se em segundo plano. O certamen desta vez será de âmbito nacional e já tem como concorrentes de São Paulo, Isaczinha Garcia. No Rio faz-se com Emília Borba, Olivinha Carvalho, Norma Smith, Marilena Alves, Linda Batista, Aracy de Almeida, e Carmélia Alves. Também em Pernambuco, Minas, Ceará, Amazonas e Rio Grande do Sul já existem candidatas.

Um aspecto das reuniões iniciais é o que apresentamos: Em cima — sob a presidência de Saint Clair Lopes, diretor da ABR, vêmos os representantes das emissoras cariocas. Em baixo — Após uma das reuniões, os srs. Mário Leão, gerente da ABR, Elmano D. Paula, Manoel Barcelos, Haul Brunini, Anselmo Domingos, Arnaldo Amaral, D. Neêmia, da entidade radialista e a representante de Dna. Magdala da Gama Oliveira.



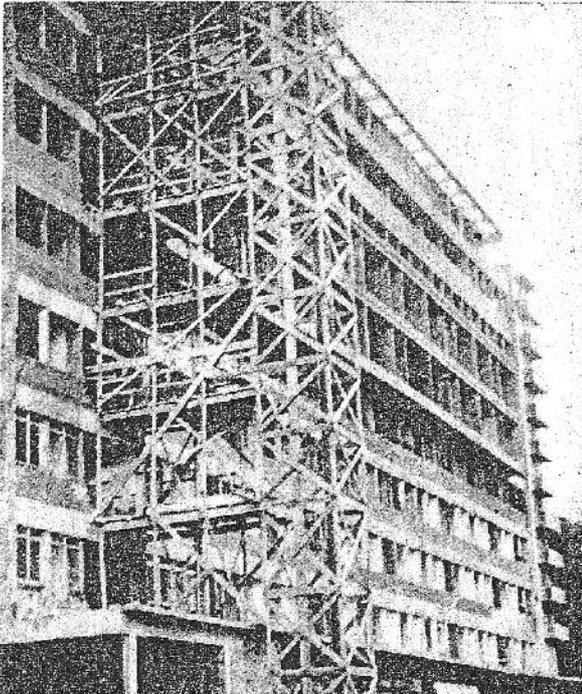
Artigo sobre a eleição da Rainha do Rádio, da *Revista do Rádio*, edição número 67, de 19 de dezembro de 1950, na página 5 (reprodução reduzida).

O concurso de Rainha do Rádio promovido pela ABR, Associação Brasileira de Rádio, tinha entre os objetivos da instituição a criação do Hospital do Radialista, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro. O diretor da entidade, Manoel Barcelos contava com recursos diversos do meio radiofônico, incluindo os resultados financeiros dos votos vendidos do concurso de Rainha do Rádio, vinculados à *Revista do Rádio*.

**O PÚBLICO ESTÁ ESCOLHENDO  
A NOVA "RAINHA DO RÁDIO"**

Sensacional Concurso onde o público indicará a substituta de Marlene — Os votos custam um cruzeiro cada — Todos podem votar! — Quem vencerá?

Registro dos preparativos para a eleição da "Rainha do Rádio", na edição número 68, de 26 de dezembro de 1950, na página 17 (reprodução em tamanho original).



**AS GRANDES  
REALIZAÇÕES  
DA A. B. R.**

**A obra gigantesca que está sendo levada a efeito pelo seu presidente Manoel Barcelos — O Hospital do Radialista — Um homem que merece a gratidão de sua classe**

Texto e Fotos de Potyguar Dymacau

**M**AIOR homenagem que exaltar suas realizações, não se poderá prestar a um homem trabalhador e digno Manoel Barcelos, dinâmico presidente da Associação Brasileira de Rádio, destacado elemento do elenco da Rádio Nacional, aniversariou recentemente. Proclamar de público a magnitude das suas vitórias nesse lutar constante, em benefício da classe que tão brilhantemente representa, e enaltecer seus méritos na concretização de velhos sonhos dos radialistas, em suma, fazer-lhe justiça, é o melhor presente que a imprensa poderia dar-lhe à passagem de mais um natalício.

A.B.R. DE ONTEM — A.B.R. DE HOJE  
Quem viu a A.B.R. há mais de três anos atrás

Artigo sobre a construção do hospital do Radialista, na edição número 949, da revista *Carioca*, de 12 de dezembro de 1955, na página 30 (reprodução reduzida).

A eleição pelo título de Rainha do Rádio, por Emilinha Borba, veio a surgir somente em 1953. Antes dela, em 1951, foi a cantora Dalva de Oliveira. Em 1952, Mary Gonçalves. Ângela Maria conquista o título em 1954, Vera Lúcia, em 1955, Dóris Monteiro, em 1956 e Julie Joy, em 1958. Outros estados, além do Rio de Janeiro, passaram a realizar o concurso, a partir de 1953 elegendo as respectivas representantes.

**Emilinha  
coroou Angela**

**FOI O  
MAIOR  
BAILE  
DO  
RADIO**



Antes da grande festa Emilinha Borba e Angela Maria posam para a REVISTA DO RÁDIO. A Rainha de 1953 passa a coroa à nova majestade. Outros flagrantes, a seguir. ★

● Ampla reportagem fotográfica nas páginas seguintes ●



Angela Maria é levada, em trono sumptuoso, até o palco do Teatro João Caetano, onde seria coroada, oficialmente, como a Rainha do Rádio de 1954, sob grandes aplausos.

REVISTA DO RÁDIO

- 3 -

Registro da cantora Emilinha Borba passando a coroa de Rainha do Rádio, para a cantora Angela Maria, em matéria da *Revista do Rádio*, edição número 236, de 20 de março de 1954, p. 3 (reprodução reduzida).

A *Revista do Rádio* reinou entre os leitores, mas enfrentou concorrentes. As edições do gênero traziam a palavra “rádio” no título. Entre elas, *Radiolândia*, *Radio em Revista*, *Radio Visão*, *Radio Entrevista* e *Radiolar*. Muitos artistas e radialistas eram exclusivos de determinadas emissoras de rádio, com contratos de impedimento de atuação em outra estação, mas com as revistas era diferente. Os elencos de diversas emissoras tinham presença nas publicações acima, que vendiam a imagem, do que era ouvido no rádio, novelas principalmente. As revistas concorrentes possuíam conteúdos semelhantes, só mudavam de nome. Na revista *Radiolândia*, a coluna “Picadas & Venenos de São Paulo” era similar à coluna “Mexericos da Candinha”, na *Revista do Rádio*. A revista *Radio Visão* trazia um dicionário intitulado “Vamos Conhecer um pouco da Língua Tupi”, com tradução de expressões indígenas. Na revista *Rádio Entrevista*, assim como nas demais, registros de textos e fotos documentavam o rádio, nas mais variadas atrações. Na edição número 12, de novembro de 1951, uma amostragem apresenta cenas de ensaios da radionovela “Nossas Vidas Passadas”, de autoria de Laércio Alves, exibida pela rádio Guanabara, às segundas, quartas e sextas-feiras, no horário das 17h30.

A publicação *Radio em Revista*, editada em Curitiba, assim como a *Revista do Rádio* também promovia concursos. Em 1953, selecionava “Os Favoritos do Rádio Paranaense”, como cantores, locutores, radioatores, humoristas, produtores e animadores.

Em *Radiolar*, revista vinculada à rádio *São Paulo*, as referências assemelhavam-se às demais. Esta, porém, destacava bastante o gênero fotonovela, chegando a publicar uma série de capítulos nas edições, como a trama “Minha Vida Pela Tua”, assinada por Dilma Lebon, “especialmente escrita para *Radiolar*”. Na produção que tinha linguagem radiofônica, constavam também fotos dos atores: Mirtes Grisolli e Waldemar Ciglioni.

#### DISCUTINDO DETALHES DA TRANSMISSÃO

Depois de completar «Nossas vidas passadas», Laércio discute os detalhes de sua transmissão com Paulo Renato e D. Coey Medina, diretor e assistente do Departamento de rádio-teatro, respectivamente

Perguntamos após as apresentações.

— Os espíritos estavam protegendo o Laboratório patrocinador de minhas novelas e daí nasceu a idéia. Criou vida e o resultado aí está, para quem quiser ver.

— É «Nossas Vidas Passadas» sua primeira novela espiritualista?

— Não. A segunda e já estudo a terceira. No entanto, «Nossas



gênero com que acaba de doar o rádio brasileiro.

Permanecemos, ainda, no estúdio, a fim de ver a transmissão de mais um capítulo de «Nossas Vidas Passadas» e, ao deixarmos a emissora do Edifício Darke de Matos, saímos certos de que seu Departamento de Rádio-teatro é uma realidade, graças ao Dr. Carlos Brasil, a Paulo Renato e a Laércio Alves.

#### ...PRONTO! A NOVELA ESTA NO AR!

«Nossas vidas passadas» está no ar. O narrador Dantas Ruas chega ao término de sua «fala» e Paulo Renato dá um sinal de entrada a D. René Bell

«Nossas Vidas Passadas» foi a que maior repercussão alcançou, valorizada pelos desempenhos dos atores do rádio-teatro da Guanabara, que, sem a menor dúvida, atualmente é um dos melhores do rádio carioca e, quiçá, do brasileiro.

Laércio precisava trabalhar. Despedimo-nos e o cumprimentamos pelo sucesso da novela e do

#### ENSAIO RIGOROSO PARA QUE A AUDIÇÃO SEJA PERFEITA

Paulo Renato ensaia sua homogênea equipe, uma das melhores do rádio carioca, composta por valores novos, mas todos de muito talento



As entrelinhas da *Revista do Rádio* eram sobre o meio artístico radiofônico, e posteriormente televisivo, conseqüentemente não reservava espaço para assuntos do quadro político do período em que a publicação circulou (1948 – 1970), pelo menos não de forma explícita. Todas as mudanças de governo ocorridas durante a vida da edição, gerava alterações nas programações e nas posturas de radialistas. Dessa forma, fica subentendido ao leitor, conhecedor dos acontecimentos da administração do país na época, a natureza de algumas matérias. A linha editorial da revista, como já mencionado, não mudou durante os vinte e dois anos de existência dessa. Não se questionava o sistema governamental. O presidente Getúlio Vargas, personagem que teve a história entrelaçada ao meio radiofônico, apesar desse fato, figurava apenas eventualmente na revista. Porém, após a morte do estadista, em agosto de 1954, a *Revista do Rádio*, na edição número 261, de 11 de setembro daquele ano, reserva um homenagem ao político. As fotos da matéria apresentam o chefe do governo brasileiro em harmonia com artistas e radialistas. No primeiro parágrafo da reportagem, a primeira frase justifica o título do texto, “Grande Amigo dos Radialistas”: “A morte, em circunstâncias trágicas, do Presidente Getúlio Vargas, ocorrida às primeiras horas do dia 24 de agosto passado, comoveu todo o país e, especialmente, o rádio e os radialistas.”

O livro “Vargas, agosto de 54, a história contada pelas ondas do rádio”, organizado pela professora doutora, Ana Baum, apresenta, em texto assinado pela professora doutora Sonia Virgínia Moreira, a “convergência de histórias”, entre o político e a trajetória radiofônica brasileira:

Há muito Getúlio Dornelles Vargas (1883 – 1954) estimava o valor da radiodifusão e prestigiava os artistas populares. Ainda quando deputado federal, o político gaúcho encaminhara e vira implantada a lei no. 5.493, de 16 de julho de 1928. A Lei Getúlio Vargas, como ficou conhecida, regulava a organização das empresas de diversão e defendia os direitos autorais dos compositores. Deposto Washington Luiz, Vargas assinava, em 1931 e no ano seguinte, os decretos que regulamentariam as normas técnicas de concessão e instalação de emissoras e a veiculação da publicidade radiofônica.(BAUN, org. MOREIRA, 2004: 153).

# GRANDE AMIGO DOS RADIALISTAS

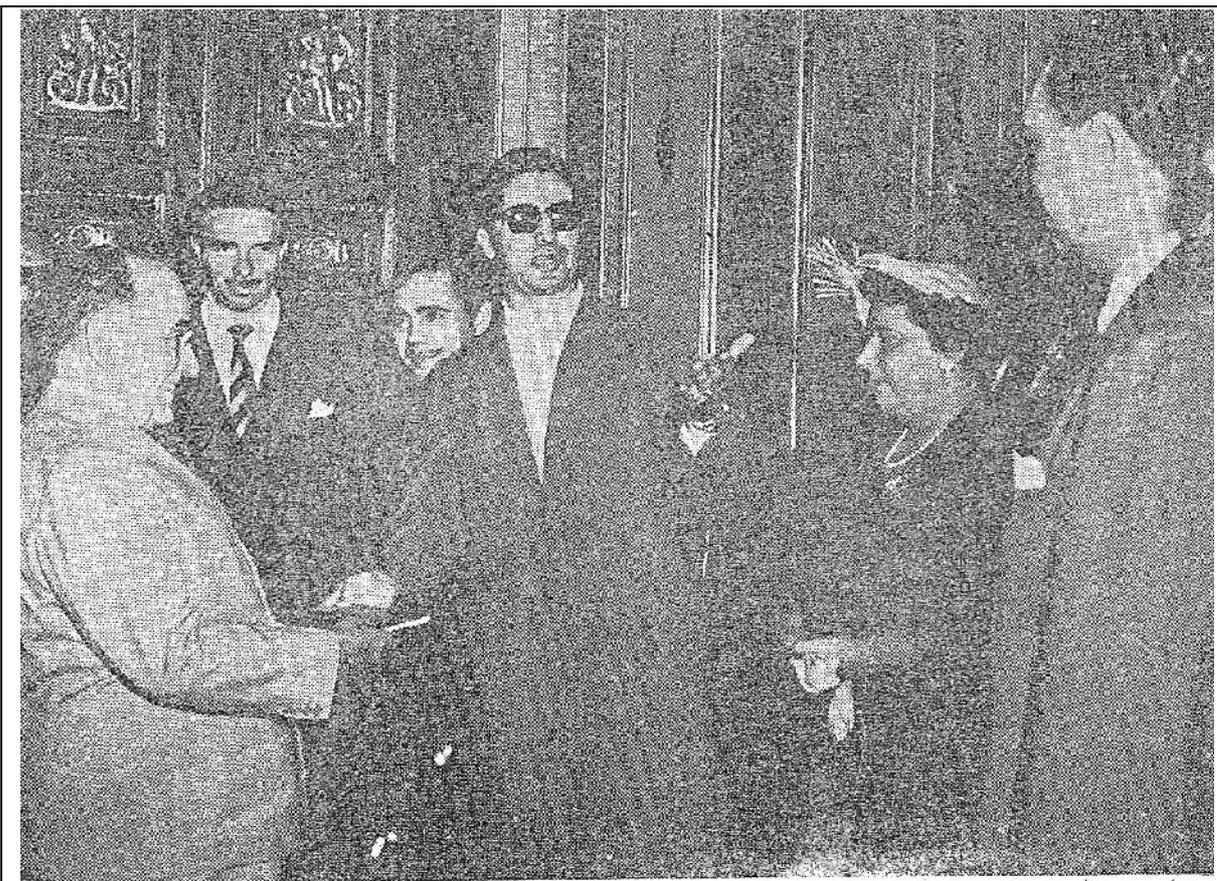


O sr. Getúlio Vargas, cercado de artistas (em cima), cumprimenta Francisco Carlos. Em baixo, o Presidente felicita Humberto Teixeira. No outro flagrante, o sr. Getúlio Vargas fala pelo rádio.

A morte, em circunstâncias trágicas, do Presidente Getúlio Vargas, ocorrida às primeiras horas do dia 24 de agosto passado, comoveu todo o país e, especialmente, o rádio e os radialistas. O antigo Presidente da República, mostrara-se sempre um amigo dos artistas, atendendo às suas reivindicações e prestigiando suas iniciativas. Ainda recentemente, o sr. Getúlio Vargas concedera, em nome do seu Governo, substancial auxílio para as obras do Hospital do Radialista. Aliás, S. Excelência era o presidente de honra da Associação Brasileira do Rádio. Seu passamento provocou emoção e amargura nos seus amigos radialistas, muitos dos quais tiveram a oportunidade de receber suas felicitações pessoais na época em que foram eleitos os Melhores do Rádio, conforme os flagrantes que recordamos nestas e nas páginas seguintes desta edição.



Matéria sobre o presidente Getúlio Vargas, publicada na *Revista do Rádio*, edição número 261, de 11 de setembro de 1954, página 7 (reprodução ampliada).



Anselmo Domingos, diretor da REVISTA DO RÁDIO, quando apresentava ao presidente Vargas os artistas eleitos, naquela época, os Melhores do Rádio. Aparecem: Antônio Cordeiro, Humberto Teixeira, Ismênia dos Santos e Manoel Barcelos. O presidente cumprimentou todos.

Getúlio Vargas concedendo um autógrafa à rádio-atriz Ismênia dos Santos.

O presidente ouve o Rosso diretor. Outras fotos vão nas páginas seguintes.



Continuação da matéria sobre o presidente Getúlio Vargas, publicada na *Revista do Rádio*, edição número 261, de 11 de setembro de 1954, página 8 (reprodução ampliada).

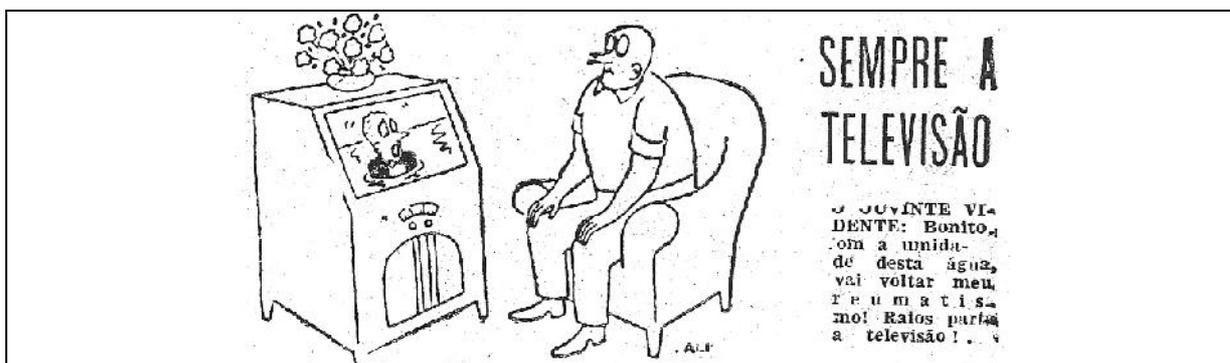
### 4.3 – A evolução da televisão e a diminuição dos registros impressos sobre o rádio

No período anterior à inauguração da televisão brasileira, em 18 de setembro de 1950, e mesmo depois, quando as produções televisivas iniciavam, e muitos radialistas migravam para o novo veículo de comunicação, a *Revista do Rádio* documenta o momento com matérias, comentários e ilustrações diversas. A época provocava a criatividade e expectativas na sociedade e conseqüentemente entre os editores. Na edição número 64, de 28 de novembro de 1950, na página 5 da *Revista do Rádio*, a coluna “Feira de Amostras”, assinada por René Bittencourt, trazia notas e ilustrações bem-humoradas, como a inserção abaixo referente à televisão:



(Reprodução em tamanho original).

Na edição número 69, de 02 de janeiro de 1951, a mesma coluna “Feira de Amostras”, faz crítica humorada sobre a televisão em desenho com o personagem, “Ouvinte Vidente”, assistindo TV e reclamando: “Bonito, com a umidade desta água, vai voltar meu reumatismo! Raios partam a televisão!”



(reprodução em tamanho original).

Além de curiosidades e expectativas de ouvintes e radialistas, a leitura das revistas, na época do surgimento da televisão no Brasil, aponta para a ansiedade do público e o mesmo sentimento somado à preocupação de profissionais do rádio. A *Revista do Rádio*, em várias edições, apresenta considerável amostragem deste clima. Inclui-se nesta ambientação a comparação entre a qualidade da televisão brasileira e dos outros países, como na reprodução abaixo de nota publicada em 21 de outubro de 1952, na edição 163, página 29, da mencionada revista.



(Reprodução reduzida).

# SE A TELEVISÃO NÃO APARECESSE...

DE CARLOS BURITI

QUE VOZ MARAVILHOSA! DEVE SER UM AMOR DE "BRÓTO"

SERA ASSIM?

OU ASSIM?



ALÔ! É UMA "FAN" QUERIA VE-LA NA TELEVISÃO! ESTREIAS AMANHÃ? QUE MARAVILHA!...

COMO SOU FELIZ, DENTRO DE POUCOS MINUTOS ESTAREI SENDO E OUVINDO, O FAMOSO SA-BIA! ALL... ALL...



E AGORA COM VOCÊS, O FAMOSO HEMETÉRIO SA-BIA...

CHEGOU A HORA! QUE NERVOSA EU ESTOU!

QUERIDAS "FANS" BOA NOITE... LU!

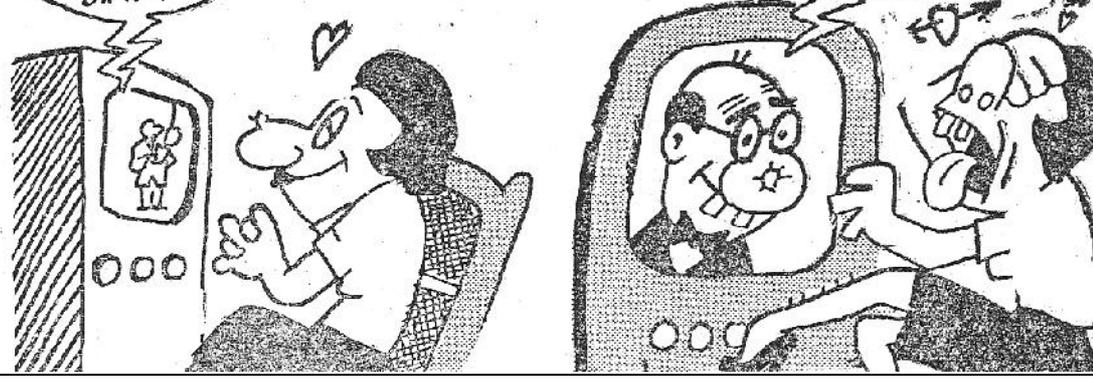


Ilustração em quadrinhos inserida, ao lado da coluna "Opinião do Fan", na Revista do Rádio, edição número 69, de 2 de janeiro de 1951, página 39 (reprodução em tamanho original).

O desenvolvimento da televisão, a partir dos anos 50, o aproveitamento dos profissionais do rádio no novo meio, e várias outras especulações, eram temas que se dividiam em reportagens, artigos, notas e colunas em revistas e jornais. Na *Revista do Rádio*, a edição número 282, de 05 de fevereiro de 1955, na página 48, exemplifica o momento de transição das produções radiofônicas para as televisivas e revela as negociações de empresários do rádio, em busca de canais de televisão, num processo de atualização de tecnologia, como no exemplo abaixo da rádio *Roquette-Pinto*.

<b>TELEVISÃO NA ROQUETE PINTO</b>	
O diretor da Rádio Roquete Pinto, sr. Castelo Branco, vem tomando todas as providências para a instalação da emissora de TV da PRD-5, que a Municipalidade adquiriu por 474 mil dólares duma firma especializada norte-americana. A localização dos estúdios e a direção (que está entregue ao sr. Tude de Souza)	Já estão resolvidos. Entretanto, em face do Tribunal de Contas da Prefeitura ainda não ter registrado o contrato de compra, o material necessário à Televisão Roquete Pinto não pôde ser embarcado para o Brasil, já que sem autorização legal não pode ser feito o pagamento de 20 % do total do custo da obra. Apesar disso, o sr. Castelo Branco espera inaugurar a primeira estação de televisão cultural da América do Sul no prazo mínimo de um ano.

Nota publicada na Revista do Rádio, em 05 de fevereiro de 1955, edição 282 (reprodução em tamanho original).

A rádio *Nacional*, do Rio de Janeiro, também passa por processo de aquisição de concessão para televisão. A negociação chega a ser divulgada com parecer favorável do governo, em 1954, mas a emissora não recebe o canal de TV. O registro dessa passagem também consta na *Revista do Rádio*, nas respectivas edições: publicação número 261, de 11 de setembro de 1954, página 10 e na edição número 411, de 27 de julho de 1957, na página 10. Nessa, o registro de parte do elenco da *Nacional* em visita ao presidente Juscelino Kubitschek.

<b>TELEVISÃO NA NACIONAL</b>	
De acôrdo com uma exposição de motivos favorável do Ministério da Fazenda, o presidente da República autorizou a cessão de uma área de 2.625 metros quadrados, na Serra da Carioca (Sumaré), à	Rádio Nacional, para que essa emissora possa instalar, ali, os transmissores de sua estação de televisão. De posse dessa autorização, a PRE-8 atacará imediatamente a construção de sua emissora de TV.

Nota da edição número 261, de 11 de setembro de 1954 (reprodução em tamanho original).



## GOLPE NA TV DA RÁDIO NACIONAL!

A notícia estourou como verdadeira bomba. O Governo havia dado o Canal de Televisão da Rádio Nacional para a Rádio Globo. Os artistas da Nacional ficaram, é claro, tremendamente decepcionados. E, dentro desse clima, foram ao Presidente. Ficaram desde as primeiras horas da tarde até às últimas da noite no Palácio do Catete os artistas da Nacional. Foram primeiro recebidos pelo General Nelson de Melo (Casa Militar) e depois pelo sr. Vitor Nunes Leal (Casa Civil), mas não desistiram enquanto não falaram pessoalmente com o Chefe do Governo. Finalmente foram recebidos. Não todos. Entrou uma pequena comissão (flagrante acima) que expôs o caso ao sr. Juscelino. Este ouviu atento e respondeu que ainda não havia dado o Canal 4, da Nacional, para a Globo". Havia deferido um despacho do Ministério da Viação sobre isso. Mas iria estudar o caso. Pelo pessoal da Nacional falou Manoel Barcelos. Pediu ardentemente ao Presidente que desse um Canal para a Rádio Nacional. Não frizou o 4. Pediu um, por justiça. O sr. Juscelino prometeu estudar o caso. Mas nada prometeu. E a situação ficou assim nesse pé.

A foto acima mostra Marlene, Jair Picaluga, Manoel Barcelos, Maestro Chiquinho e Ester de Abreu com o Presidente, tentando demovê-lo do "golpe" que a Rádio Nacional sofreu. Golpe doloroso, por sinal, pois a Televisão é o velho sonho da grande emissora.

Matéria da *Revista do Rádio*, edição número 411, de 27 de julho de 1957, na página 10 (reprodução em tamanho original).

A ebulição, nos meios empresariais de radiodifusão, com o aparecimento da televisão no país, ultrapassava as páginas dos jornais e revistas, chegando ao público, que reagia como em qualquer processo de anúncio ou presença recente de uma nova tecnologia. A disposição da sociedade era de adesão ao novo meio.

Nesse ambiente, as aquisições de produções do rádio pela televisão, que em meados dos anos 50 atingiam os formatos artísticos e jornalísticos, passam a ter intenções representativas do governo nos anos 60. Neste caso, houve o planejamento de inserir uma versão televisiva do programa radiofônico “A Voz do Brasil”, com transmissão em rede, nos mesmos moldes dos apresentados no rádio. As críticas contrárias ao projeto, pelos produtores de TV, foram imediatas. A *Revista do Rádio* documenta o fato em nota na edição de 06 de junho de 1963, com o título “A Voz do Brasil... Na TV”, conforme a seguinte reprodução:

## A VOZ DO BRASIL... NA TV

**O** Rádio está alarmado com a volta, nos moldes drásticos do Estado Novo, da ex-“Hora do Brasil”, para uma hora de duração, exatamente naquele tempinho nobre de 8 às 9 da noite. Prejuízo para as estações, maior fuga de ouvintes... e conseqüent refúgio dêsse público na TV. Sem querer (evidentemente) o Governo, através de um dos seus três-podêres, fêz o jôgo da Televisão, ajudando a aniquilar o Rádio, indisfarçadamente em crise financeira. Para contrabalançar, os donos de emissoras radiofônicas estão desejando que o Governo faça o mesmo com a TV que ocupe o vídeo, em igual tempo, nêle incluindo suas mensagens, falatório etc. Pensem no que acontecerá, se um dia aparecer “A Voz do Brasil”, por um hora, de segunda à sexta, no seu receptor.

Nota publicada na Revista do Rádio, de 06 de junho de 1963, (reprodução ampliada).

As transferências do rádio para a televisão, nos anos 50 e 60, recebem a análise da professora doutora, Sonia Virgínia Moreira, no livro *Rádio em Transição -Tecnologia e Leis nos Estados Unidos e no Brasil*:

A propagação da televisão provocou no rádio brasileiro crise semelhante à enfrentada pelo meio nos Estados Unidos. A única diferença, no Brasil, era o fato de a maioria das emissoras funcionarem de forma independente, sem o aparato das redes americanas. A partir da segunda metade dos anos 1950, o crescente interesse do público pela TV resultou em uma letargia inicial no rádio: a queda dos recursos de publicidade reduziu os investimentos nas programações e grande parte das emissoras brasileiras passou a operar com pouca ou nenhuma produção (MOREIRA, 2002: 89).

O abalo sentido pelo rádio, com a presença da televisão, é registrado também por outras revistas como a *Radiolândia*, que na década de 60, mudou de nome com a evolução transformando-se em *Radiolândia e Tevelândia*. Nesta mudança, “o rádio aprendeu a trocar os astros e as estrelas por discos e fitas gravadas, as novelas pelas notícias e as brincadeiras de auditório pelos serviços de utilidade pública, foi caminhando no sentido de atender às necessidades regionais, principalmente no nível da informação (ORTRIWANO, 1985: 21).

Quanto à convivência entre do rádio e televisão, as publicações dos anos 50 e 60 foram gradualmente beneficiando a TV. Publicações como a *Radiolândia e Tevelândia*, dividiam os espaços, mas a atmosfera percebida, por meio de edições deste tipo, revelava a ansiedade pelo novo, numa demonstração de atualização dos meios, semelhante ao clima de hoje, referente à informática, com a apresentação das novidades e vantagens do mundo digital.

Em 1970, as notícias sobre a televisão ocupavam maior espaço nas páginas da *Revista do Rádio*. Nesta época, o nome da publicação já havia sido modificado. Tornara-se *Revista do Rádio e da TV*. A mudança de nome ocorre a partir de novembro de 1959.



Capa da *Revista do Rádio e da TV*, edição número 747, de 11 de janeiro de 1964 (reprodução reduzida).

No livro “Revista do Rádio”, Rodrigo Faour informa pontos relevantes que ocasionaram a decadência da *Revista do Rádio*. Segundo o autor, as causas do final da revista não estão relacionadas somente à ascensão da televisão, mas também ao desequilíbrio financeiro do diretor da edição, Anselmo Domingos, atribuído, entre outros aspectos, ao envolvimento dele com drogas. O autor faz uma comparação com as revistas atuais destinadas às personalidades:

A *Revista do Rádio* fechou suas portas em 1970, depois de 22 anos marcando presença na imprensa nacional, mas o seu estilo perdura até hoje em diversas publicações brasileiras. Os exemplos são notórios. Dando uma rápida folheada nas revistas em vigor no ano 2002, como *Quem Acontece*, *Caras e Chiquies e Famosos*, vamos encontrar muitas semelhanças entre elas e a *Revista do Rádio*. Se a qualidade do papel é superior e hoje predomina a turma das celebridades - normalmente criadas pela televisão (além de eventuais políticos, empresários e socialites) -, as diferenças não vão muito além disso. A não ser no que tange ao padrão de usos e costumes, que hoje é muito menos rígido que nos anos 50 e 60 (FAOUR, 2002: 135).

Assim como a *Revista do Rádio*, os demais títulos do gênero saíram de circulação. A partir da década de 70, os registros sobre o meio rádio foram minguando nos meios impressos. O inverso então passa a acontecer. Antes as revistas sobre rádio cediam espaços para assuntos da televisão. Com a consagração da TV, revistas de fofocas e celebridades que exploram os bastidores televisivos, registram em reduzido espaço, notas do meio rádio. Entre estas a extinta revista *Amiga* chega a ter uma coluna intitulada “Jornal do Radio” nos anos setenta e oitenta. Depois privilegia totalmente a TV, com várias edições sem menção ao rádio.

## Sábado é dia de Humberto Campos na Globo

**T**ODOS os sábados, no horário das 21:00 às 24:00h, vai ao ar o programa Show da Noite na Rádio Globo sob o comando de Humberto Campos, tendo como produtor Jardanes. Segundo Humberto, o programa é totalmente diferente. Informativo, alegre, com prestação de serviço e entretenimento. Ele é dividido nos seguintes quadros: **Namoro no Ar ou Diz que é Amizade** é um quadro em que as pessoas ligam para a rádio e pedem para bater um papo com alguém. São colocadas duas pessoas no ar e, quando vence o tempo, é passado o telefone de um para outro. É uma aproximação das pessoas. Ele funciona com telefonemas e cartas do Brasil inteiro. **O Convidado Especial:** é um artista que fica das 21:00 às 23h, conversando e não se identifica. Só dá dicas e bate papo. O ouvinte descobre quem é e liga. Entre os acertadores são distribuídos prêmios. **Sábado à Noite no Rio:** resume-se em flash de 30 segundos, dois por hora, que divulgam opções de lazer para aquele sábado, como teatro, shows etc. **Farmácias de plantão,** condições das estradas e tudo que acontece sábado no Rio, com uma cobertura completa. **S.O.S. Gente:** é um ponto de apoio onde as pessoas mandam um alô

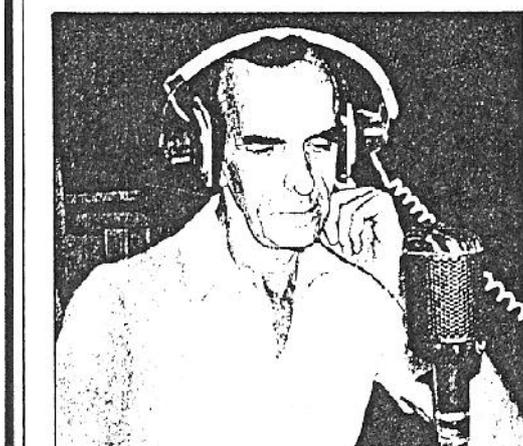


Humberto Campos faz um programa diferente

para diversas cidades do Brasil e procuram pessoas desaparecidas. Neste quadro, é também tratado o problema dos bairros, assim como documentos perdidos e carros roubados. Das 23:00 às 24:00h, **Campeões da Semana** animam o programa: é uma parada de sucessos com destaques da semana em toda a programação da Globo. São escolhidos 10 sucessos em que mencionam a classificação da música durante a semana e a sua posição na parada de sucesso. Trata-se

de uma pesquisa de venda-gem e execução. Humberto Campos começou no rádio em 1975, na Rádio Castro, na cidade de Castro, Paraná. Trabalhou em Ponta Grossa, Florianópolis e Curitiba, quando decidiu vir para o Rio. Fez também televisão no Sul, mas o rádio sempre foi o seu forte, como ele diz: "O rádio mantém um propósito como o veículo automático de comunicação, sem que a TV o supere. Para mim, ele se encontra em contínuo processo de evolução que tem um

lugar de destaque na v do brasileiro." Com 23 a de idade, Humberto Campos é do signo de Árcurte praia e leitura. trilha muito e gosta daqu que faz. Rádio Mund Globo FM e Globo AM, mais importante para e saber trabalhar em c junto, dividindo a produ geral com Jardanes de veira. Destaca, ainda, o balho da assistente de produção Rosângela Botel das externas do Marqui e ainda a montagem q feita pelo Fábio Yatty.



## Um bom jornal na Rádio Bandeirantes de S. Paulo

**U**M noticiário de bom nível é o que se pode falar do "Jornal do Meio-Dia", na Rádio Bandeirantes. Programa de entrevistas. A cada dia um assunto de maior importância, abordado com especialista na matéria. O "Jornal do Meio-Dia", que vai ao ar do meio-dia à uma e meia da tarde, tem questionado os mais diversificados assuntos na sua pauta de segunda a

sexta-feira. É um noticiário movimentado, sério e aberto às discussões nos moldes do jornalismo atual. É apresentado por Antônio Carvalho, Clóvis Messias e Fernando Garcia. Nivaldo Nocelli e Wanda Schumann cuidam da produção. Alberto Tamer cuida dos assuntos econômicos e Renato Lombardi dos temas policiais.

Em 1997, a editora Abril investiu na publicação da revista *Rádio - um Show de Música*, dedicada exclusivamente ao meio radiofônico, com seções diversas: cartas dos leitores, agenda de shows, letras de músicas, perfil de comunicadores, programações de AMs e FMs, curiosidades, rádios comunitárias etc. A revista era mensal, no formato 18,5 por 13, com 50 páginas, vendida em bancas por um real e vinte centavos. Foram publicados apenas três números. Segundo a editora da publicação na época, Márcia Naspitz, não houve investimento em publicidade e nem na divulgação da revista. A jornalista Selma Viana, que trabalhou como repórter, revelou a esta pesquisa que havia dificuldades em conseguir material de divulgação das rádios, pois a maioria não expedia *releases*.

Cheguei a analisar muitas programações, não só de São Paulo, mas também de outros estados. Temos ótimas programações em diversas emissoras e em gêneros variados, como o jornalismo da CBN, Jovem Pan, Eldorado e Bandeirantes. Assim, como outros formatos, inclusive alguns programas infantis. Estes precisavam ser divulgados, como uma série de reportagem ou entrevista que será exibida, ou entrevista com um determinado artista. Porém, não sei se é o fator tempo nas redações ou falta de investimento no setor de divulgação. Alguns radialistas chegam a querer divulgar a entrevista ou matéria que já foi ao ar. Se teve repercussão a pauta é válida, mas nem sempre isto ocorre. Alguns programadores, no entanto, se auto-promovem, mas não revelam necessariamente qualidade na programação. Uma avaliação, neste sentido, seria oportuna, para valorização do rádio". (Entrevista ao autor).

Apesar dos espaços reduzidos para rádio, nas revistas da década de 90, este período vai marcar o aumento de publicações exclusivas de emissoras de frequência modulada, como as revistas das rádios *Gazeta FM*, *Transamérica*, *Kiss FM* e *Jovem Pan*. Essa estratégia de promoção já existia desde a década de trinta, quando a rádio *Mayrink Veiga* publicava a revista *PRANOVE*, que posteriormente foi intitulada *Vida Nova*. A mesma postura de divulgação foi assumida no final dos anos 40, quando a *Rádio São Paulo*, que possuía como slogan, a "rádio do lar" passa a publicar a revista *Radiolar*.



Capa da revista "Rádio, um Show de Música", edição número 3, e 03 de março de 1997. (reprodução em tamanho original).

Das revistas atuais de grande circulação, uma das poucas que dedica referência ao rádio é a revista semanal *Veja* no encarte complementar, *Vejinha*, que acompanha a edição. Esta traz a coluna de roteiro para o rádio informando atrações que acontecerão nas emissoras. A roteirista da publicação, Helena Galante, revela que, para conseguir compor a coluna sobre programação de rádio, se debate em ligações para as emissoras, com o objetivo de receber informações das produções. “O releases quase não chegam. É difícil, pois as rádios não se divulgam”, revela. Esse depoimento indica que o fator da insignificante documentação do rádio nos meios impressos também se deve à falta de iniciativa do meio.

Nos jornais impressos, fato semelhante ao recorrente em revistas acontece. A jornalista, Magaly Prado, que manteve uma coluna diária, durante quatro anos, de 2000 a 2004, no jornal *Agora*, recorda as dificuldades enfrentadas no período: “Eventualmente as emissoras enviavam releases. Não era sempre. Normalmente eu telefonava para as rádios solicitando as informações para alimentar a coluna”. Atualmente a jornalista mantém o blog *Magaly Prado – Notícias sobre Rádio*, disponíveis como: < <http://magalyprado.blog.uol.com.br> >. Neste espaço ocorre o mesmo. “Poucas emissoras enviam material, e muitas vezes tenho de redigir, ou nem publico a notícia, pois alguns textos chegam com muitos adjetivos, exaltando a programação e a audiência da rádio, mas não tenho como comprovar estas informações. Fica difícil,” revela.

Se de um lado o rádio não se pronuncia através de assessorias de comunicação, as assessorias de comunicação reagem de forma semelhante, sobretudo nas coletivas de imprensa.

Normalmente nos eventos de entrevistas coletivas, seja com qual personalidade for, o meio rádio é sempre esquecido. Nunca se encontra estrutura para o repórter de rádio. As assessorias pensam muito nos jornalistas dos meios impressos e de televisão. Já nós, profissionais de rádio, que precisamos captar uma sonora audível em nossos gravadores, encontramos muitas dificuldades neste momento. Desde as caixas de som, que normalmente são suspensas, até o momento de colocar o gravador numa posição adequada na mesa do entrevistado. Nestas ocasiões precisamos de um outro tipo de atenção, pois o rádio, ao vivo ou gravado, não pode ser comparado ao impresso, que vai colher aquela informação para transmitir no dia seguinte. Além disso, muitas assessorias de comunicação demonstram mais atenção às emissoras de televisão, do que ao rádio. Nosso trabalho de radiojornalismo é imediato e dependemos de um som com qualidade. Expõe em depoimento, a jornalista Filomena Saleme, diretora de redação da *Rádio Eldorado*.

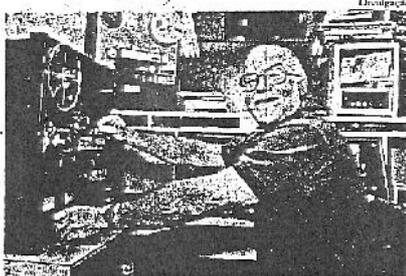
A jornalista Laura Mattos, que ocupou o cargo de colunista de rádio, do jornal *Folha de S. Paulo*, conta sobre a dificuldade que teve em obter informações sobre rádio até meados desta década de 2000: "Praticamente não chegam *releases* à nossa redação. Os contatos eram feitos via telefone e, na maioria das vezes, quando eu realizava as ligações".

No jornal *Diario Popular*, a seção "Nas Ondas do Rádio", pertencente à coluna assinada pela jornalista Sonia Abrão, percorreu toda a década de 90 e início dos anos 2000, também colhendo informações, na maioria das vezes, por fontes diversas, nem sempre oficialmente das emissoras. Neste período, o autor desta dissertação atuou em algumas fases como interino da referida coluna. Os comunicadores, ou produtores que telefonavam para o jornal, muitas vezes, não o faziam para divulgar a programação geral da emissora, mas somente dos programas que eles mesmos produziam. Esse fato aponta uma concorrência ou disputa interna, principalmente nas rádios populares. Esses contatos não eram diários, às vezes semanais.

Ainda no jornal *Diario Popular*, este autor elaborava a coluna intitulada "Programão", no suplemento "Diário Sertanejo". Este era semanal, com a lista de emissoras de rádios paulistanas, das frequências AM e FM. A publicação durou três anos. O preenchimento do espaço era trabalhoso, pois além do não recebimento de informações das emissoras, ocorria significativa mudança de apresentadores e equipes, que migravam com certa frequência de emissoras e horários. A idéia deste roteiro era, a cada edição, publicar a foto de um radialista, mas esta tarefa, também não prosperava. Mesmo solicitadas e com o intuito de divulgar o trabalho destes profissionais, foram raras as fotografias enviadas espontaneamente.

**RÁDIO AM**

**SEGUNDA A SEXTA**  
**CLUBE (ST. ANDRÉ) — (740 KHz)**  
 05h00 — Natureza no Sertanejo  
**BANDEIRANTES — (840 KHz)**  
 04h00 — Brasil Caboclo  
 05h00 — Nas Quebradas do Sertão  
**GAZETA — (890 KHz)**  
 12h00 — Japi, Meu Considerado  
 16h00 — Rodado  
 20h00 — Expresso do Interior  
**RECORD — (1.000 KHz)**  
 20h00 — Carlinho Martins  
 00h00 — Zancopé (somente às segundas)  
 00h00 — Bom Dia Vale (a partir de terça)  
**CAPITAL — (1.040 KHz)**  
 03h00 — Oswaldo Beito  
 05h00 — Zé Beito  
 17h00 — Zé Beito  
 20h00 — Roberto Losan  
 21h30 — Oswaldo Beito  
**METROPOLITANA (MOGI DAS CRUZES) — (1.070 KHz)**  
 05h00 — Celito Sertanejo  
 16h30 — Canário  
**GLOBO — (1.100 KHz)**  
 04h00 — Otávio Pimentel: Especial do Caboclo  
 05h00 — Eli Correa  
 13h30 — Eli Correa - Boa Tarde, Sertão  
 17h00 — Gilberto Barros  
 20h00 — Otávio Pimentel - Show do Caboclo  
 00h30 — Samuel Gonçalves  
**TUPI — (1.150 KHz)**  
 07h00 — Alvorada Sertaneja  
 12h00 — Os Meninos do Brasil  
 17h00 — Crepúsculo Sertanejo  
 20h00 — Os Meninos do Brasil  
**CULTURA — (1.200 KHz)**  
 05h00 — Euzela da Manhã - Inezita Barroso  
**MORADA DO SOL — (1.260 KHz)**  
 07h00 — Fato  
 08h00 — Fernando Lima  
 09h00 — Ricardo Alves  
 10h30 — Sérgio Viola  
 12h00 — Flávio Laranja  
 13h00 — Vilmar Pereira  
 14h00 — Silvio Rocha  
 15h30 — Geraldo Barroso  
 16h30 — Téo - As Melhores do Dia  
 17h30 — Edmar Moreira  
**NOVA DIÁRIO (SÃO BERNARDO DO CAMPO) — (1.300 KHz)**  
 05h00 — Canta Viola  
**CUMBICA — (1.500 KHz)**  
 05h00 — Canta Sertão  
 06h00 — Matinal Sertanejo - Elias Teixeira  
 07h00 — Marcelo Augusto  
 09h30 — Sucessos Sertanejos  
 13h30 — O Melhor da Música Sertaneja  
 17h00 — Força Jovem  
 18h00 — Nairton de Castro  
 21h00 — Beleza do Sertão  
 00h00 — Madrugada Nordestina  
**SÁBADO**  
**BANDEIRANTES — (840 KHz)**  
 04h00 — Brasil Caboclo  
 05h00 — Nas Quebradas do Sertão  
**RECORD — (1.000 KHz)**  
 20h00 — Carlinho Martins  
 00h00 — Paulinho Boa Pessoa  
**CAPITAL — (1.040 KHz)**  
 03h00 — Oswaldo Beito  
 05h00 — Zé Beito  
 17h00 — Zé Beito  
 20h00 — Linda de Frente — Roberto Losan  
 21h30 — Oswaldo Beito  
**METROPOLITANA (MOGI DAS CRUZES) — (1.070 KHz)**  
 05h00 — Celito — Sertanejo  
 16h30 — Canário  
**GLOBO — (1.100 KHz)**  
 04h00 — Otávio Pimentel — Especial do Caboclo  
 05h00 — Eli Correa  
 13h30 — Eli Correa — Boa Tarde Sertão



Moacir Japiassu, em Japi, Meu Considerado, na Gazeta

20h00 — Otávio Pimentel — Show do Caboclo  
 00h30 — Samuel Gonçalves  
**TUPI (1.150 KHz)**  
 22h00 — Sertanejo 91  
**CULTURA — (1.200 KHz)**  
 05h00 — Canto da Terra — Thais de Almeida Dias  
**MORADA DO SOL — (1.260 KHz)**  
 05h00 — Fernando Lima (até às 12h do sertanejo)  
**NOVA DIÁRIO (SÃO BERNARDO DO CAMPO) — (1.300 KHz)**  
 05h00 — Bandeira Sertaneja  
**CUMBICA — (1.500 KHz)**  
 08h00 — Violão e Violinos  
 09h00 — Galeria Sertaneja  
 13h00 — Na Fazenda do Tio Zuza  
 15h00 — Projeto Nossa Terra  
 17h00 — Tarde Sertaneja  
 18h00 — De Volta ao Sertão  
 21h00 — Encantos da Natureza  
 00h00 — Madrugada Nordestina  
**DOMINGO**  
**BANDEIRANTES — (840 KHz)**  
 04h00 — Brasil Caboclo  
 05h00 — Bom Dia Sertão  
**RECORD — (1.000 KHz)**  
 02h00 — Zancopé Simões  
 03h00 — Programa do Pescador  
 05h00 — Antônio Carlos  
**CAPITAL — (1.040 KHz)**  
 03h00 — Roberto Losan  
 06h00 — Oswaldo Beito  
 21h30 — Oswaldo Beito  
**METROPOLITANA (MOGI DAS CRUZES) — (1.070 KHz)**  
 05h00 — Celito Sertanejo  
 16h30 — Canário  
**GLOBO — (1.100 KHz)**  
 02h00 — Samuel Gonçalves  
 04h00 — Especial do Caboclo — Otávio Pimentel  
 05h00 — Eli Correa  
 20h00 — Show do Caboclo — Otávio Pimentel  
**TUPI — (1.150 KHz)**  
 07h00 — Especial Sertanejo  
 08h00 — Guaraci x Guaraciaba  
 09h00 — Tupi no Sertão  
 10h00 — Rancho do Zé Rosa  
 22h00 — Alternativo Sertanejo  
**CULTURA — (1.200 KHz)**  
 05h00 — Pontado  
**NOVA DIÁRIO (SÃO BERNARDO DO CAMPO) — (1.300 KHz)**  
 05h00 — A Grande Parada Sertaneja  
**CUMBICA — (1.500 KHz)**  
 05h00 — Raízes do Sertão  
 07h00 — Musical Cumbica  
 11h30 — Domingo Alegre  
 17h00 — Um Toque de Sucesso  
 00h00 — Madrugada Nordestina

14h00 — Celito e a Música Sertaneja  
 15h00 — Sérgio de Paula  
 17h00 — Sérgio Peão  
 20h00 — Viajando com a Música Sertaneja  
 22h00 — Coração Sertanejo  
**USP — (93,7 MHz)**  
 22h00 — Mutirão — Inezita Barroso (abonamente sexta-feira)  
**BANDEIRANTES — (96,1 MHz)**  
 07h00 — A Hora do Ronco  
 12h00 — Papel Carta  
**IMPrensa — (102,5 MHz)**  
 01h00 — Joel Pereira  
**LÍDER — (103,1 MHz)**  
 03h15 — Os Meninos do Brasil  
**FM 105 (JUNDIAÍ) — (105,1 MHz)**  
 03h00 — Sertanejo Especial  
 05h30 — Trucação e os Caminhoneiros do Brasil  
**TROPICAL (ITAPECERICA DA SERRA) — (107,9 MHz)**  
 04h00 — Alvorada Tropical  
 06h00 — O Despertar na Serra  
 12h00 — Almoço à Brasileira  
 17h00 — Entardecer na Serra  
**SÁBADO**  
**METROPOLITANA (MOGI DAS CRUZES) — (92,1 MHz)**  
 08h00 — Cicero Buarque  
 08h00 — Antonio Alexandre e Reni Luis  
 10h00 — Galocha — Terra que Canta  
 12h00 — A Grande Parada Sertaneja  
 13h00 — Expresso Botadeiro  
 14h00 — Celito e a Música Sertaneja  
 15h00 — Sérgio de Paula  
 17h00 — Sérgio Peão  
 20h00 — Viajando com a Música Sertaneja  
 22h00 — Coração Sertanejo  
**USP — (93,7 MHz)**  
 02h00 — Mutirão — Inezita Barroso (repete de sexta)  
**IMPrensa — (102,5 MHz)**  
 04h00 — Joel Pereira  
**FM 105 (JUNDIAÍ) — (105,1 MHz)**  
 03h00 — Sertanejo Especial  
 05h30 — Trucação e os Caminhoneiros do Brasil  
**TROPICAL (ITAPECERICA DA SERRA) — (107,9 MHz)**  
 06h00 — O Despertar na Serra  
 12h00 — Almoço à Brasileira  
 17h00 — Entardecer na Serra  
**DOMINGO**  
**METROPOLITANA (MOGI DAS CRUZES) — (92,1 MHz)**  
 06h00 — Cicero Buarque  
 08h00 — Antonio Alexandre e Reni Luis  
 10h00 — Galocha — Terra que Canta  
 12h00 — A Grande Parada Sertaneja  
 13h00 — Expresso Botadeiro  
 14h00 — Celito e a Música Sertaneja  
 15h00 — Sérgio de Paula  
 17h00 — Sérgio Peão  
 20h00 — Viajando com a Música Sertaneja  
 22h00 — Coração Sertanejo  
**IMPrensa — (102,5 MHz)**  
 04h00 — Joel Pereira  
**TROPICAL (ITAPECERICA DA SERRA) — (107,9 MHz)**  
 04h00 — Alvorada Tropical  
 06h00 — O Despertar na Serra  
 12h00 — Almoço à Brasileira

**RÁDIO FM**

**SEGUNDA A SEXTA**  
**METROPOLITANA (MOGI DAS CRUZES) — (92,1 MHz)**  
 05h00 — Cicero Buarque  
 08h00 — Antonio Alexandre e Reni Luis  
 10h00 — Galocha — Terra que Canta  
 12h00 — A Grande Parada Sertaneja  
 13h00 — Expresso Botadeiro

Roteiro de programação radiofônica no suplemento “Diário Sertanejo” do jornal *Diário Popular*, m edição de 03 de julho de 1991 (reprodução reduzida).

## Nas Ondas do Rádio

- A redação da CBN está agora toda informatizada. As máquinas de escrever deram lugar aos terminais. Muita gente por lá sofre porque não sabe mexer no equipamento.
- Pedro Luiz Ronco, que apre-

sentou a Hora do Ronco na Bandeirantes FM, passa bem. Ele foi operado recentemente para a colocação de uma ponte de safena, está em casa e se prepara para voltar ao ar depois do Carnaval.

Nota publicada na seção Nas Ondas do Rádio, no jornal *Diário Popular* em 24 de fevereiro de 1995 (reprodução ampliada).

## Nas Ondas do Rádio

- Com a correria para a mudança de endereço, a Record, que sairá do Aeroporto para a rua São Carlos do Pinhal, deixou a cobertura do Carnaval fora da programação. Em contrapartida, a emissora intensifica o plantão de jornalismo com muita notícia e prestação de serviços.

- Amanhã, a partir das 12h, no programa Gente e Coisas do Nordeste, da Atual, Assis Ângelo recebe o jornalista Fernando Coelho e o compositor Zé Ketti. Os três contarão a história do Carnaval.

- Segunda-feira, Moraes Moreira é o destaque do programa Retra-



**Moraes: em ritmo de frevo**

tos, da Cultura, às 18h. Na programação musical, só frevos famosos na voz do cantor e compositor.

- Carlos Roberito assumiu o comando dos boletins informativos da Record, no lugar de Zancopés Simões, que deixou a emissora há duas semanas.

**PEDRO VAZ**

Nota publicada na seção Nas Ondas do Rádio, no jornal *Diário Popular* em 25 de fevereiro de 1995 (reprodução ampliada).

Sobre as diversas respostas, colhidas na pesquisa, dos profissionais dos meios impressos e do meio radiofônico, surgem certas questões para se analisar. Entre elas está, a situação delicada das rádios, do ponto de vista financeiro, que influencia a própria programação. O gerente de jornalismo do sistema Globo de Rádio (rádios Globo e CBN, Central Brasileira de Notícias), Heródoto Barbeiro, assina a coluna “Rádio Escuta”, revista mensal *Imprensa*, voltada para profissionais da comunicação. Em depoimento a esta pesquisa o jornalista expõe um pensamento sobre a atual situação do rádio brasileiro:

O rádio é um veículo de comunicação muito frágil e por isso é muito fácil de fugir dos princípios éticos. É frágil por uma série de circunstâncias históricas e talvez a mais recente seja o fato de que o bolo publicitário, que é aplicado nos veículos de comunicação, igual a 100 por cento, que representa mais ou menos 1 por cento do PIB brasileiro, e todo esse bolo publicitário, só 4 por cento é aplicado no meio rádio. Os outros 96 por cento são aplicados em outros veículos. A televisão tem 52 por cento da verba publicitária. Em São Paulo existem 60 emissoras de rádio. Trinta AMs e trinta FMs. Se dividir os quatro por cento nestas emissoras, conclui-se que as rádios faturam pouco. Assim, a independência editorial de uma emissora está intimamente ligada à situação econômica dela. Quanto mais fraco economicamente é o sistema de uma empresa de comunicação, mais fácil dela sofrer pressão, mais fácil dela fugir de princípios éticos. E passa a ceder aos interesses diversos. A fragilidade do rádio se demonstrou também, nos anos 80, quando este meio foi utilizado como moeda de troca, sobre tudo no governo Sarney, em troca de concessões de rádio e também de televisão. Muito mais o rádio do que de televisão. Porque montar rádio é mais fácil e mais barato do que no caso da televisão, o que gerou os palanques eletrônicos (Entrevista ao autor).

Os relatos dos profissionais acima permitem concluir que a divulgação da programação radiofônica não parte da direção das emissoras. Quando ocorre, nas poucas vezes, é feita por apresentadores que querem divulgar o próprio programa. Assim, nesse aspecto, teriam os donos de emissora se acomodado diante da grandeza imediata do veículo e de todas as possibilidades de alcance? Por que, ao ouvirmos as emissoras de rádio, muitas vezes nos deparamos com leituras de jornais e informações de bastidores de televisão, sendo que o contrário, notoriamente não ocorre? Nesta pesquisa, observa-se que o rádio faz a programação, mas não a divulga para os outros meios. Enquanto a televisão investe em assessoria de comunicação, para a divulgação da programação, emitindo diariamente *releases* para as redações de jornais e mesmo para emissoras concorrentes. O rádio não realiza esse serviço.

Programas populares da TV aberta referem-se às produções das emissoras concorrentes e faturam em audiência com esta fórmula. Ainda que em comentários de bastidores, fofocas etc. Com o rádio não se permite essa possibilidade, embora o Brasil seja o segundo país em número de emissoras de rádio.

Perto da virada para o século XXI, 12.505 emissoras estavam em operação nos Estados Unidos, divididas entre comerciais AM (4.789), comerciais FM (5.689) e FM públicas (2.027). Segundo dados da *National Association of Broadcasters*, 98% dos lares americanos possuíam pelo menos um aparelho receptor. No Brasil, 3.083 canais operavam regularmente no mesmo período, divididos entre 1.363 emissoras FM, 1.578 AM, 62 canais de ondas curtas e 80 em ondas tropicais. Em 1998, o rádio estava presente em mais de 40 milhões de domicílios brasileiros, com maior concentração na região Sudeste (18.273 milhões), seguida do Nordeste (8.802 milhões), da região Sul (6.653 milhões), do Centro-Oeste (2.622 milhões) e da região Norte (2.050 milhões de municípios). Dados comparativos com outros países mostravam que, apesar da grande diferença do número de estações em relação aos Estados Unidos, o Brasil continuava como o segundo maior mercado de rádio no mundo. (MOREIRA, 2001: 15)

Pode-se então perguntar por que o meio radiofônico, num país como o Brasil, que abriga milhares de empresas radiofônicas e debate questões voltadas para a radiodifusão digital, comunitária, pirata etc., atualmente interessa tão pouco aos editores e pauteiros de jornais e revistas? O jornalista Nicolau Tuma, citado no primeiro capítulo deste trabalho, criador no início dos anos 30, da palavra radialista, em depoimento para esta pesquisa, em 2002, explicou, com a sabedoria dos seus 92 anos de idade, a sobrevivência do meio rádio:

Achavam que o rádio mexia muito mais com a consciência das pessoas do que o jornalismo impresso. Isso por causa do analfabetismo. A informação podia escapar da censura nos jornais, mas no rádio não. O Brasil sofreu muito tempo de governos fortes. E o governo forte não gosta da palavra livre. Na realidade, se nós analisarmos bem no aspecto psicológico, a palavra falada tem uma força extraordinária. Porque quando se lê um jornal, aquilo está escrito naqueles caracteres impressos. Ele não tem vibração. A vibração nasce da nossa própria consciência, a letra ali é fria, mas a palavra sempre vem acompanhada da emoção pessoal de quem fala. Cada sílaba, cada palavra, cada estrofe, cada proclamação tem uma força extraordinária. Não podemos admitir que o mundo fique na mão de alguns. Devemos admitir sempre a pluralidade da fonte de informação, porque o que sai da palavra falada fica dentro do espírito, do cérebro de quem ouve.

Dessa manifestação de Tuma, pode-se entender que a natureza radiofônica é imediata na comunicação com linguagem para os ouvidos, por esta razão, e simplesmente assim, torna-se resistente, mesmo não sendo anunciada em jornais ou em revistas. O rádio tem voz própria.

#### **Conclusão do Capítulo IV**

A informação de que as revistas têm vida mais longa do que os jornais, por causa da qualidade dos papéis, obviamente procede. A resistência delas permitiu, neste levantamento, vantagens sobre os jornais também pelo fato de que, quando segmentadas, como a *Revista do Rádio*, e as demais aqui citadas, estenderem-se sobre o tema proposto, no caso o rádio, em busca de pautas para o preenchimento de todas as páginas.

Nota-se, nas revistas, intensa busca de assuntos, que cobriram períodos distintos da história radiofônica, e de fundamental importância, sobretudo na passagem dos anos 40 para os anos 50, quando era anunciada a chegada da televisão ao Brasil. Essa fase apontava a mudança que o rádio sofreria e anunciava para os profissionais deste meio a necessidade de atualização rápida, por uma questão de sobrevivência para eles. O rádio continuaria vivo com a presença da TV? Pairava esta dúvida, revelam algumas publicações da época. Observando com atenção alguns depoimentos impressos nas edições pesquisadas, uma das impressões seria semelhante ao pensamento visionário dos anos 80, sobre o fim das máquinas de escrever nos escritórios e redações, substituídas por teclados de computadores. Porém, diferente dessas máquinas, como menciona o radialista Nicolau Tuma, o rádio não é frio. Tem vibração e fala para os ouvidos, não exige prostração. Assim, os homens com essa visão naquela época, puderam enxergar tal transformação. Assistiram aos poucos a diminuição das publicações sobre o rádio, como as várias aqui apresentadas, o mesmo sobre os programas de auditório com orquestras, radionovelas, que passaram para a televisão. Mesmo assim o rádio sobrevive num outro patamar. Não mais com tantas produções, porém não menos vivo. Forte, porque foi provedor de todos os gêneros artísticos e jornalísticos migrados para a televisão. Sem imagem, apareceu, mostrou todo o comportamento de uma época apelidada de “ouro” em jornais e revistas. Hoje, com missão cumprida, prossegue fornecendo para os meios impressos e para a televisão e

internet as possibilidades imediatistas, principalmente para os noticiários destes meios que não possuem a mesma agilidade e rapidez diante da transmissão de um fato noticioso. Não divulgam o rádio, mas dele fazem escuta e podem dele se alimentar.

## CONCLUSÃO

A partir dos quatro capítulos dessa dissertação, intitulada “A História do Rádio Brasileiro na Perspectiva dos Jornais e Revistas do Século XX”, nota-se que o ritmo das publicações que documentavam esse meio acompanhou exatamente as fases de vida do rádio, em todos os fluxos. No início, referências sobre a nascente radiodifusão brasileira, em notas que agregavam aos jornais conteúdos extraídos de escutas de programas.

Aos poucos, o rádio vai se aliando aos jornais numa parceria que se caracterizava como intercâmbio. Houve, a princípio, a resistência dos proprietários dos meios impressos, diante da novidade que se avizinhava, com a visão do crescimento do meio rádio, capaz de noticiar um fato, que nos jornais só sairia no dia seguinte. A percepção sobre as linguagens distintas e formas de recepção dos dois meios foram percebidas como diferentes e então a união foi possível. Um meio passa a divulgar o outro e os dois faziam a história.

A importância do rádio como prestador de serviços, no final dos anos 20, será informada em páginas de roteiros, partindo daí para um maior reconhecimento. Os profissionais radialistas da época não se contentavam em apenas reproduzir músicas ou notícias lidas de jornais. O novo veículo eletrônico tinha capacidade para mais. Seria impossível para a então nova mídia radiofônica não registrar fatos como a Revolução de 32. Até porque conflitos aconteciam na porta da rádio *Record*, em São Paulo. Assim, motivados diante do patriotismo e movidos pela força da juventude, os locutores César Ladeira e Nicolau Tuma utilizam os microfones da citada emissora como instrumento formador de opinião daquele que seria um dos mais estudados movimentos da história do Brasil.

As sonoras dessa fase desapareceram, cabendo esta documentação aos jornais, como *A Gazeta* e o *Diário da Noite*, que conscientemente immortalizaram o momento. E, provavelmente, não se deram conta do serviço que prestaram à radiodifusão, ao inserirem

relatos sobre as irradiações, que mobilizavam uma população de maioria analfabeta, no início dos anos 30.

Graças ao rádio, o analfabetismo não prejudicava o acesso ao noticiário. As mensagens transmitidas através das ondas sonoras rapidamente se adaptavam aos ouvidos de uma população em fase de crescimento urbano, todavia ainda com marcantes hábitos rurais. O Brasil crescia em torno do rádio.

Emissoras desenvolvem-se e com elas a necessidade de revelar a face da voz de quem ocupava os estúdios, no caso os cantores, atores, jornalistas e locutores. Dos ambientes dos auditórios que lotavam com platéias também se esperava uma imagem. Surgiam, assim, seções em revistas dedicadas exclusivamente ao tema, como as criadas nas revistas *O Malho*, *O Cruzeiro* e *Carioca*. Também na *PRANOVE*, órgão oficial da rádio *Mayrink Veiga*. Esta, um verdadeiro diário dos passos da cantora Carmem Miranda, em retratos e textos. Assim também tantos outros títulos que eram generosos nos tamanhos das fotografias e na simplicidade da redação, até porque muitos dos consumidores iletrados estariam mais interessados nas estampas dos ídolos, roupas, penteados e até gestos, em poses fotografadas, do que os textos. O som do rádio, aliado às fotos, satisfazia de certa forma o imaginário do público. A união do som com a imagem sem movimento apresentava um magnetismo semelhante ao momento atual vivido pela televisão e pela internet.

No final dos anos trinta, o aparelho chamado televisão já era conhecido de uma elite remota. A ambientação para recebê-la passa a ser criada com essa co-parceria. Neste sentido, o *Cine-Radio-Jornal*, editado no Rio de Janeiro, percorre os anos 40, divulgando o cinema e o rádio, numa mesma edição, incentivando a audiência para estes canais de informação e entretenimento, num hábito de pré-telespectador, que, futuramente, assistiria em casa a situação até então imaginada.

O rádio teve a função de reproduzir sinestesticamente imagens através somente do som, com novelas, teatro, musicais e noticiários em publicações como a *Revista do Rádio*. Esta, de periodicidade mensal, torna-se semanal, ocupando no país o segundo lugar em vendas, perdendo somente para a revista *O Cruzeiro*, tradicional edição, vinte anos mais velha que a concorrente. É dela também a sustentação de concursos, como o promovido para a eleição de *Rainha do Rádio*, que gerou uma das lendas mais intrigantes da música popular brasileira, a rivalidade das cantoras Emilinha Borba e Marlene.

Nesse paralelo, as revistas e jornais vão se desenvolvendo pela venda em bancas, assinaturas e também via publicidade. Nas páginas, entre reportagens e colunas figuram os anúncios de programas, emissoras e aparelhos de rádio, das mais variadas marcas e modelos. Com a chegada da televisão, nos anos 50, a propaganda de receptores eletrônicos ainda não era tão presente, apesar da já instalada programação. O mercado não se mostrava abastecido e o poder aquisitivo da população não atingia esse patamar. O rádio ainda tinha forte consumo.

Inevitavelmente a televisão ocuparia todos os espaços abertos pelo rádio. Um sinal sugestivo era a mudança nos títulos das revistas. A *Revista do Rádio* torna-se *Revista do Rádio e da TV*, a *Radiolândia*, transforma-se em *Radiolândia e Tevelândia*. As pautas de ambas permanecem privilegiando o rádio durante os anos 50 e 60, embora apresentassem importantes temas televisivos. Porém, nos anos 70, a televisão passa a ocupar os espaços destinados ao rádio na mídia impressa. A força desse meio mostra-se tão pungente, que só a mudança de nome das revistas não foi suficiente para que sobrevivessem. Entre outros fatores, essas deixam de existir e caberá ao rádio aparecer somente em colunas.

Contudo, o rádio permanece nas duas últimas décadas do século XX, numa nova estrutura, com predominância da programação musical em FM, e muita prestação de serviços em AM. Comunicadores e atrações, aos poucos, sobretudo na entrada dos anos 80, encontram restritas as vitrines em formato de papel. A era é televisiva e as seções radiofônicas

sobreviventes vão ocupar as páginas de veículos populares, como a extinta revista *Amiga*, que cria a coluna *Jornal do Rádio*. O mesmo vai ocorrer com os extintos jornais: *Notícias Populares* e *Diário Popular*. Todos mantêm conteúdos com dificuldade, devido à ausência de *releases* enviados pelas emissoras. A situação assinala a reduzida estrutura das rádios, obrigadas a priorizar as programações, em detrimento da própria divulgação. O resultado é a extinção também das colunas em jornais como o *Diário de S. Paulo* e *Agora*. Nesse último, a coluna que se desenvolve a partir do ano 2000 chega ao final desta década em formato semanal.

Algumas emissoras, dos anos 90 e início dos anos 2000 arriscam publicações próprias e, sobretudo as de frequência modulada, para um público jovem. Nesse segmento, a editora Abril lança, em 1997, a revista *Rádio, um Show de Música*, porém só chega à terceira edição. As publicações exclusivas das FMs também desaparecem das bancas. Uma tímida localização em papel de roteiro de rádio é notada na revista semanal *Veja São Paulo* (e edições regionais em outras capitais). Os sites das emissoras, que não abrangem o alvo desta dissertação, em muitos casos, não revelam registros históricos.

Qual seria, então, a fórmula de sobrevivência do rádio, diante dos apelos sedutores da televisão e da internet, somados à falta ou restrição de registros e divulgação em jornais e revistas de grande circulação? Em análise do material aqui levantado, nota-se que a história do rádio brasileiro, durante o século XX, passou por todas as fases da evolução tecnológica, desde o surgimento, nos anos 20. E, provando que sobrevive, com ou sem divulgação, em posição de superioridade diante dos demais veículos de comunicação. O rádio marca posição pela abrangência, linguagem concisa e provedora. No entanto, deixa de ser documentada em fases tão ricas, como a passagem do século XX para o XXI.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo César. **Eu não sou cachorro não; música popular cafona e ditadura militar**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BAUN, Ana . **Vargas, agosto de 54, a história contada pelas ondas do rádio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FAOUR, Rodrigo. **Revista do Rádio; cultura, fuxicos e moral nos anos dourados**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

FARIA, Álvaro Alves . DIVERSOS, **Enciclopédia Nosso Século, 1910/1930: anos de crise e criação**. 1ª parte, volume 3, São Paulo: Editora Abril, 1985.

FARIA, Álvaro Alves. **Jovem Pan, 50 anos**. São Paulo: Maltese. 1994.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio; o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

FREDERICO, Maria E. Bonavita. **História da comunicação (Rádio e TV no Brasil)**. Petrópolis: Vozes, 1982.

GOTLLIEB, Liana (org). **Comunicação e Mercado, mestrado na Cásper Líbero: Orientação e Resultado**. São Paulo: Iglu, 2004.

IPANEMA, Marcelo e Cibele. **História da Comunicação**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1967.

KLOCKNER, Luciano. **Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2008.

MATHEUS, Roberto Ruiz de Rosa. **Edgard Roquette-Pinto - aspectos marcantes de sua vida e obra**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura 1984.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação; Teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Coimbra: Minerva, 1999.

MEDITSH, Eduardo. **Teorias do Rádio – textos e contextos – Volume I**. Florianópolis: Insular, 2005.

MEDITSH, Eduardo, ZUCOLOTO, Valci. **Teorias do Rádio – textos e contextos – Volume II**. Florianópolis: Insular. 2005.

MENEZES, J. E. de O. **Rádio e Cidade, Vínculos Sonoros**. São Paul: Annablume, 2007.

MILANESI, Luiz. **O que é Biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORAIS, Fernando. **Chatô: O Rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo. 1991.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Palanque**. Rio de Janeiro: UFRJ. 1988. .

MOREIRA, Sonia Virgínia, BIANCO, Nélia Del. **Rádio Tendências e Perspectivas**. Rio de Janeiro Inrtercom, 2002.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. Rio de Janeiro e São Paulo: Companhia Editora Forense, 1969.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio – Fragmentos do Rádio de ontem de hoje**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NETTO, Acciolly. **O Império de Papel, os Bastidores de O Cruzeiro**. Rio de Janeiro: Sulina 1998.

NOBRE, Freitas. **História do Jornal em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1957.

NUNES, Monica Rebecca Ferrari. **O mito do rádio: a voz e os signos de renovação periódica**. São Paulo: Annablume Editora, 1993.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**. São Paulo: 3a. edição Summus, 1986.

PEROSA, Lilian Maria F. de Lima. **A hora do clique: análise do Programa de rádio Voz do Brasil da velha a nova República**. São Paulo: Annablume: ECA-USP, 1995.

PIRES Thirso. **Almanaque do Rádio Paulistano de 1951**. São Paulo: Thyrso Pires, 1951.

RIVERES, Peteson Jensen. **Os Meios da Comunicação e a Sociedade Moderna**. Rio de Janeiro: AGR Dória, 1966.

SAMPAIO, Mário Ferraz. **História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo (memórias de um pioneiro)**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SOUZA, Paulo César. **Brecht Poemas – 1913 – 1956**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou; do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Negócio Editora, 1997

#### **REVISTAS ACADÊMICAS**

INTERCOM, “Revista Brasileira de Comunicação” - Vol. XVII, n.º 1, SP, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, janeiro a junho de 1994.

INTERCOM. “Revista Brasileira de Comunicação” -Vol. XIX, n.º 1, SP, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, janeiro a junho de 1996.

UNIÃO DAS RÁDIOS DO BRASIL, “Liberdade na Voz do Brasil”, 1996.

VOZES, “Revista de Comunicação, Comunicação Social no Brasil, n.º 1”, Editora Vozes Ltda., Janeiro 1969.